

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

CADÊ VOCÊ, MARIA?
**Dos operários anarquistas às mulheres operárias:
suas representações a partir dos jornais operários
anarquistas de São Paulo do começo do século XX**

LEILA DUTRA RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP para a
obtenção do título de mestre em
Comunicação.

SÃO PAULO

2013

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

CADÊ VOCÊ, MARIA?
**Dos operários anarquistas às mulheres operárias:
suas representações a partir dos jornais operários
anarquistas de São Paulo do começo do século XX**

LEILA DUTRA RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática

Linha de Pesquisa: Contribuições da Mídia para a Interação entre Grupos Sociais

Orientação: Profª. Drª. Carla Reis Longhi.

São Paulo
2013

Rodrigues, Leila Dutra.

Cadê você, Maria? : dos operários anarquistas às mulheres operárias : suas representações a partir dos jornais operários anarquistas de São Paulo do começo do século XX / Leila Dutra Rodrigues - 2013.

199 f. : il. color. + CD-ROM.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Profª. Dra. Carla Reis Longhi.

Coorientadoras: Profª. Dra. Bárbara Heller e Profª. Dra. Margarete Vieira Pedro.

LEILA DUTRA RODRIGUES

CADÊ VOCÊ, MARIA?

**Dos operários anarquistas às mulheres operárias: suas representações
a partir dos jornais operários anarquistas de São Paulo do começo do
século XX**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP para a
obtenção do título de mestre em
Comunicação.

Aprovado em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

____ / ____ / ____
Prof^a Dr^a. Margarete Vieira Pedro
Universidade Metodista de São Paulo

____ / ____ / ____
Prof^a Dr^a. Bárbara Heller
Universidade Paulista - UNIP

____ / ____ / ____
Prof^a Dr^a. Carla Reis Longhi
Universidade Paulista - UNIP

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu marido, Moacir Aparecido Matheus Pereira, e aos meus filhos Carolina Dutra Pereira, Ligia Dutra Pereira e Tacito Dutra Chimato, pelo apoio, paciência, presença e compreensão nas inúmeras ausências, e no isolamento tão necessário durante as minhas centenas de horas dedicadas ao estudo e à escrita.

AGRADECIMENTOS

Quanto mais longa a jornada para chegar a este momento, maior a lista de pessoas que contribuíram para esta conquista. Inicialmente quero agradecer a duas pessoas essenciais à minha vida, minha mãe Benedicta Dutra Rodrigues e ao meu tio Pedro Theodoro Dutra, ambos sempre ressaltaram a importância do conhecimento e me motivaram a prosseguir a minha jornada pelos estudos. O meu tio, ao me presentear com um dicionário quando do meu ingresso à primeira série, não fazia ideia da importância que aquele gesto representaria em minha vida, e quanto aquele documento me auxiliaria décadas depois.

À minha orientadora Carla Reis Longhi, pela paciência infinita, por ter sido uma fonte inesgotável de sugestões, conselhos e ideias, que nortearam todo esse trabalho, e principalmente nos momentos em que quase desisti, foi mais que uma professora, foi uma conselheira.

Às minhas professoras de Pós-Graduação Latu Sensu, Lilian Marta Grisolio Mendes e Maria Auxiliadora Guzzo - Lilia - , que tanto me incentivaram e motivaram a pesquisar o tema do presente trabalho.

À Universidade Paulista - UNIP, pela bolsa parcial de estudos que me permitiu concluir o presente curso.

A todos os funcionários dos inúmeros acervos que pesquisei, que foram incansáveis ao me prestar ajuda: CEDEM - Centro de Documentação e Memória da UNESP , Arquivo Edgard Leuenroth, Fundação Maurício Grabois (PC do B), CPV - Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro. Aos funcionários da secretaria e biblioteca da UNIP, por toda ajuda e paciência que tiveram comigo.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar como os jornais operários anarquistas “*A Lanterna*”, “*A Plebe*” e “*Guerra Sociale*” retrataram a condição do trabalhador e, especificamente, a condição das mulheres operárias, no início da formação do movimento sindical, entre os anos de 1915 e 1920, na cidade de São Paulo. Com o intuito de verificar porque há um silêncio sobre a atuação destas mulheres, nos inúmeros movimentos sociais que eclodiram no período. O trabalho teve como suporte a análise de discurso, instrumento que permite investigar a ideologia do contexto e os conteúdos explícitos e implícitos dos textos analisados.

Para tanto, foram analisados os jornais do período que, pela estrutura narrativa, descreveram os acontecimentos, as condições de vida dos trabalhadores e os inúmeros movimentos que ocorreram.

Palavras-chave: jornais, operários, anarquistas, análise de discurso, estudos de gênero.

ABSTRACT

This research proposes to analyze how the labor anarchist newspapers “A Lanterna” (The Lantern) , “A Plebe” (The People) and “Guerra Sociale” (Social War) portrayed the condition of the [blue collar] workers, specifically of the female workers, in the beginning of the formation of the labor union movement, between the years of 1915 and 1920, in the city of São Paulo. I will verify why the reports of the period were silent on the role these women played in the various social movements which erupted during the period. The basis of the research was the examination of the discourse at the time, which was used as a tool for the investigation of the implicit and explicit ideology of the contexts and contents of the texts of the period.

To carry out such verification, newspapers of the period, which narrative structure described the significant events and life conditions of the workers and of the various movements which took place at the time, were analyzed.

Key words: newspapers, workers, anarchists, discourse analysis, gender studies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Censo de 1920 - Quadro analisando as indústrias que mais utilizam mão de obra feminina.....	16
Figura 2 - A Lanterna, 15 de abril de 1916, página 2	25
Figura 3 - Guerra Sociale, 11 de agosto de 1917.....	26
Figura 4 - Censo de 1920, quadro anexo à página VI, Tomo I: População do Brasil em 1920.	30
Figura 5 - Guerra Sociale, 30 de setembro de 1916, página 2.....	31
Figura 6 - Guerra Sociale, 10 de Março de 1917	33
Figura 7 - Guerra Sociale, 23 de junho de 1917, página 3.....	33
Figura 8 - A Plebe, 7 de agosto de 1920.....	36
Figura 9 - Guerra Sociale, 23 de junho de 1917, página 3.....	37
Figura 10 - Guerra Sociale,19 de agosto de 1916, página 4	40
Figura 11 - Guerra Sociale, 20 de setembro de 1916, página 5.....	41
Figura 12 - A Plebe, 13 de março de 1920, página 4	43
Figura 13 - A Plebe, 13 de março de 1920, página 4	44
Figura 14 - A Plebe, 16 de junho de 1917, anúncio na página 4	44
Figura 15 - A Plebe, 28 de fevereiro de 1920.....	45
Figura 16 - A Plebe, 29 de novembro de 1919	48
Figura 17 - Guerra Sociale, 23 de junho de 1917, página 4	49
Figura 18 - A Lanterna, 15 de abril de 1916, 1 ^a página.....	50
Figura 19 - A Lanterna, 15 de Abril de 1916, página 3.....	51
Figura 20 - Guerra Sociale, 30 de setembro de 1916, primeira página	53
Figura 21 - A Lanterna, 1º de Maio de 1916, página 4	53

Figura 22 - A Plebe, 09 de junho de 1917, página 2	54
Figura 23 - A Plebe, 9 de junho de 1917, página 3	55
Figura 24 - A Plebe, 23 de Junho de 1917, página 3	61
Figura 25 - A Lanterna, 15 de Abril de 1916, página 4	62
Figura 26 - A Lanterna, 15 de Abril de 1916, 1 ^a página	65
Figura 27 - A Plebe, 16 de junho de 1917, 1 ^a página	66
Figura 28 - A Plebe, 9 de junho de 1917	67
Figura 29 - A Plebe, 22 de setembro de 1917, 1 ^a página	68
Figura 30 - A Plebe, 7 de outubro de 1917, página 8	69
Figura 31 - A Plebe, 22 de novembro de 1919, 1 ^a página	69
Figura 32 - Guerra Sociale, S. Paolo (Brasile) - Sabado 23 Giugno 1917	71
Figura 33 - A Plebe, 21 de julho de 1917, 1 ^a página	74
Figura 34 - A Plebe, 21 de julho de 1917, Foto de Martinez na página 4	79
Figura 35 - A Plebe, 21 de julho de 1917, 1 ^a página	79
Figura 36 - Guerra Sociale , S. Paolo (Brasile) Sabado 23 Giugno 1917	81
Figura 37 - Guerra Sociale, 26 de maio de 1917, 1 ^a página	83
Figura 38 - A Plebe, 9 de junho de 1917, 1 ^a página	84
Figura 39 - A Plebe, 7 de agosto de 1920, 1 ^a página	86
Figura 40 - Guerra Sociale, 20 de maio de 1916, página 3	87
Figura 41 - A Plebe, 9 de junho de 1917, 1 ^a página	90
Figura 42 - A Plebe, 16 de Junho de 1917	95
Figura 43 - A Plebe, 19 de julho de 1919	98
Figura 44 - A Plebe, 29 de Março de 1919	101

Figura 45 - A Plebe, 9 de julho de 1917	102
Figura 46 - A Plebe, 4 de agosto de 1917	103
Figura 47 - Guerra Sociale, 30 de dezembro de 1916	106
Figura 48 - A Lanterna, 15 de Abril de 1916, página 3.....	112
Figura 49 - A Plebe, 9 de junho de 1917,1 ^a página.....	115
Figura 50 - A Plebe, 4 de agosto de 1917, 1 ^a página.....	125
Figura 51 – A Plebe, 5 de abril de 1919, página 2	134
Figura 52 - A Plebe, 21 de outubro de 1917, página 2.....	137
Figura 53 - A Plebe, 30 de Junho de 1917, página 4	138
Figura 54 - A Plebe, 7 de outubro de 1917, página 2.....	142
Figura 55 - A Plebe, 21 de outubro de 1917, página 3.....	144
Figura 56 - A Lanterna, 1º de maio de 1916, página 3.....	148
Figura 57 - Guerra Sociale, 30 de setembro de 1916	152
Figura 58 - Quadro 51 - População recenseada segundo a profissão, a nacionalidade e o sexo (Censo de 1920)	155
Figura 59 - Participação da mulher e do menor na força de trabalho por gênero de indústria - Estado de São Paulo - 1920 (ALDRIGHI, 1998).....	156
Figura 60 - Estabelecimentos industriais recenseados em 1920. Censo de 1920..	157
Figura 61 - Quadro 56. Distribuição regional do pessoal empregado segundo categoria e sexo. Censo de 1920.....	158
Figura 62 - Esquema em ordem decrescente das indústrias que mais utilizam do concurso feminino. Página LXXVIII Censo de 1920.....	160
Figura 63 - População dos municípios de cada um dos Estados do Brasil, segundo a nacionalidade e o sexo. Censo de 1920	162

Figura 64 - Reprodução parcial da Figura 63, com os bairros onde havia uma maior concentração de operários.....	163
Figura 65 - Guerra Sociale, 31 de março de 1917, página 4.....	164
Figura 66 - Guerra Sociale, 31 de março de 1917, página 5.....	166
Figura 67 - A Plebe, 21 de outubro de 1917, página 3.....	167
Figura 68 - A Plebe, 09 de julho de 1917, página 3	168
Figura 69 - A Plebe, 28 de fevereiro de 1920, página 3	169
Figura 70 - A Plebe, 1º de setembro de 1917, página 3.....	170
Figura 71 - A Plebe, 19 de abril de 1919, página 3	173
Figura 72 - A Plebe, 11 de agosto de 1917, página 2	174
Figura 73 - A Plebe, 28 de fevereiro de 1920, página 2	179

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 - <i>A Lanterna</i> , 15 de abril de 1916, primeira página, ao lado, artigo com o título: O Brazil a caminho da teocracia.....	111
Imagen 2 - <i>A Plebe</i> , 9 de junho de 1917, primeira página: Igualdade e Fraternidade.....	113
Imagen 3 - <i>A Plebe</i> , 16 de junho de 1917, 1ª página, título Gênesis das Fortunas	116
Imagen 4 - <i>A Plebe</i> , 23 de junho de 1917, 1ª página: A que vencerá	117
Imagen 5 - <i>A Plebe</i> , 23 de junho de 1917, 1ª página: Patrícios e plebeus.....	118
Imagen 6 - <i>A Plebe</i> , 30 de junho de 1917, 1ª página: O último pedaço de pão	119
Imagen 7 - <i>A Plebe</i> , 9 de julho de 1917, 1ª página. O que urge fazer. Sanear a terra.....	121
Imagen 8 - <i>A Plebe</i> , 28 de Julho de 1917, 1ª página. Flagrante do movimento grevista.....	122
Imagen 9 - <i>A Plebe</i> , 4 de agosto de 1917, 1ª página. Heroico despertar.....	124
Imagen 10 - Imagem 10: <i>A Plebe</i> , 11 de agosto de 1917, 1ª página. Derradeiras machadadas.....	126
Imagen 11 - <i>A Plebe</i> , 18 de agosto de 1917, 1ª página. Epilogo da orgia burgueza	128
Imagen 12 - <i>Guerra Sociale</i> - Periodico libertario di propaganda rivoluzinaria. 26 de julho de 1917. Napoleão - Tartarin - Trepoff - Mirim. Thyrso: Os operários foram batidos e derrotados!.....	129
Imagen 13 - <i>A Plebe</i> , 20 de março de 1920, páginas 1 e 2. Foto com a legenda: Rosa Luxemburgo, a gloriosa martir, cujo sacrificio os spartacistas tratam agora de vingar, escorraçando a corja social-democratica e imperialista que a mandou matar.	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE DA ÉPOCA A PARTIR DOS JORNais OPERÁRIOS.....	21
1.1. Análise de artigos sobre o momento	21
1.2. O momento	22
1.2.1. República brasileira	22
1.2.2. Imigração.....	28
1.3. Anarquismo, socialismo, anarco-sindicalismo.....	35
1.4. Os jornais operários	56
1.4.1. A Lanterna	65
1.4.2. A Plebe	66
1.4.3. Guerra Sociale.....	70
2. O COTIDIANO DOS TRABALHADORES NA VISÃO DOS JORNais OPERÁRIOS.....	74
3. ANÁLISE DE CHARGES	109
4. MULHERES OPERÁRIAS	131
4.1. Visibilidade das lideranças femininas.....	132
4.2. Aspectos biológicos.....	145
4.3. A visão das mulheres operárias	154
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
6. REFERÊNCIAS	181
6.1. Fontes primárias	181
6.2. Fontes secundárias	186
ANEXOS	190

Anexo1 - A Plebe: Em nome do povo, não! publicada em 16 de Junho de 1917 em primeira página.	190
Anexo 2 - A Plebe: Resenha de uma operaria. A lógica burgueza - os apuros do pária sem sorte. Publicada em 21 de outubro de 1917, página 2.	192
Anexo 3 - A Plebe em 05 de abril de 1919, página 2	193
Anexo 4: A Plebe, 21 de outubro de 1917, página 2.....	195
Anexo 5 - A Lanterna, 1º de Maio de 1916, página 3 (página 150).....	197

INTRODUÇÃO

As duas primeiras décadas do século XX significaram, na história do movimento sindical brasileiro, um grande marco. Neste período eclodiram greves por todo o Brasil, em especial na cidade de São Paulo, onde estava concentrada grande parte das indústrias no período. Surgiram inúmeras organizações de classe, operárias e associações, embriões para os sindicatos, e juntamente com todo esse movimento nasceram e cresceram vários jornais operários, ligados tanto ao movimento anarquista quanto ao comunista.

No âmbito do Estado, a identidade nacional estava sendo constituída pelas teorias que transitavam entre os intelectuais da elite brasileira, parte defensora do positivismo, bem como dos ideais liberais.

O Brasil vivenciava a sua primeira expansão industrial e estava recebendo imigrantes europeus, que vieram atrás das promessas de trabalho e melhores condições de vida, e que trouxeram na bagagem os ideais que defendiam em suas terras de origem.

Ao chegarem aqui, encontraram uma realidade totalmente diferente. O custo de vida elevado, alta inflação, péssimas condições de vida e desemprego. Por outro lado, os industriais, ávidos por enriquecimento e por fortalecimento político, aplicavam o capitalismo em sua forma mais primitiva, por meio da exploração extrema e de perseguições aos movimentos dos trabalhadores.

Neste período, a importância dos jornais operários, foi inquestionável. Estes documentos serviam como porta-voz dos operários, dava publicidade a sua realidade, reproduziam os discursos dos trabalhadores em suas organizações e entidades representativas. Estavam muito próximos da realidade destes operários e conforme Decca afirma:

A imprensa operária desse período constitui, enquanto corpo documental, um contraponto às fontes ligadas ao poder, onde a dominação e o controle social são, quase sempre, temas recorrentes. Os jornais de tendência anarquista, anarco-sindicalista, comunista, ou jornais de sindicatos, dos pequenos grupos socialistas ou antifascistas, eram parte integrante do cotidiano da cidade e do ponto de vista de como os trabalhadores viam seus problemas (DECCA, 1987, p. 97).

Mais do que informar, estes jornais articulavam, organizavam, formavam os trabalhadores pelo discurso eminentemente político e ideológico. Mas, em contrapartida, não deixaram de contribuir para o silêncio a respeito da atuação das mulheres nos movimentos e nas organizações operárias, reproduzindo o discurso das elites.

Para Grossman (1998), estes jornais buscavam trazer aos operários as discussões que estavam sendo travadas em outros países, abordavam o tema da solidariedade, da união de classe, da exploração, aproximavam a realidade dos operários paulistas com a do restante do mundo:

Procurando atingir e influenciar uma certa parte da população, o editor de um periódico de esquerda devia provavelmente escolher, com um objetivo definido e dentro de uma ótica precisa, os avisos e notícias a serem impressos. Em seus artigos, podemos constatar a influência clara de pensadores e teóricos europeus, traduzidos para o italiano, português e espanhol. Os nomes de Comte, Spencer, Darwin, Zola, Ruskin, Gorki, Kropotkine, Tolstoi, Proudhon, Stiner, Nietzche, Bakounine e Reclus ali figuraram regularmente.

Ali encontramos apelos à solidariedade, balanços sobre a coleta de fundos, avisos sobre as chamadas de greve, ao boicote e a outras manifestações operárias. Anúncios, propagandas e publicidades sobre outras publicações de caráter militante em favor do proletariado, anúncios de brochuras, panfletos e livros publicados separadamente, enfim, todos os tipos de informação ali figuravam (GROSSMAN, 1998, p.69).

Neste momento histórico, em alguns ramos da atividade fabril a força de trabalho feminina foi maioria. Ao analisar o Censo de 1920, pode-se verificar esta realidade (Figura 1).

Figura 1 - Censo de 1920 - Quadro analisando as indústrias que mais utilizam mão de obra feminina

LXXVIII DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA

- As fabricas de tecidos, de productos alimenticios e de artigos do vestuário e toucador são as que possuem maior numero de operarios, não só no grupo dos adultos (37,1 %, 17,3 % e 9,4 %), como tambem no grupo dos menores de 14 annos (3,6 %, 1,5 % e 0,9 %).

Nas industrias de madeiras e edificação é onde se encontra a maior proporção de operarios do sexo masculino: 991 homens e sómente 9 mulheres, em 1.000 operarios. O inverso occorre em relação ás industrias textis, onde a proporção de operarios do sexo feminino atinge o coefficiente maximo: 514 mulheres contra 486 homens, em 1.000 operarios. Em ordem decrescente são estas as industrias que mais se utilizam do concurso feminino :

INDUSTRIAS	Número total de operarios (mas- culos e feminas)	OPERARIOS DO SEXO FEMININO	
		Número	% sobre o total de operarios
Fnção e tecelagem de algodão.....	81.052	42.438	52,4
Cigarros, charutos e outros preparados de fumo.....	14.510	10.734	74,0
Camisas e roupas brancas.....	5.138	4.816	93,7
Tecidos de malha.....	5.366	3.355	62,5
Calçados de couro.....	14.647	2.479	16,9
Tecidos de juta.....	2.820	2.186	77,5
Tecelagem de algodão.....	3.186	2.083	65,4
Phosphoros.....	3.446	1.998	58,0
Tecidos de lã (pura e mesclada).....	4.000	1.623	40,6
Fiação de algodão.....	2.838	1.552	54,3
Tecidos de sédia.....	1.765	1.286	72,9
Chapéos de feltro.....	3.502	1.116	31,9
Doces, balas e confeitos.....	2.294	1.005	43,8
Vidros e crystals.....	5.533	3.933	16,9
Moagem de cereais e fabricação de farinhas de mandioca, trigo e polvilho	4.598	757	16,5
Caixas de papelão.....	1.094	711	65,0
Roupas para homens.....	909	700	77,0
Rendas e bordados.....	1.058	656	62,0
Móveis de madeira.....	7.501	633	8,4
Beneficiamento do café.....	1.886	612	32,4
Especialidades pharmaceuticas.....	1.230	598	48,6
Rédes.....	776	596	76,8
Chapéos de panno e bonés.....	757	592	77,2
Chapéos para senhoras.....	608	555	91,3
Olarias (tijolos, telhas e manilhas).....	10.625	507	4,8
Perfumarias.....	964	502	52,1
Chapéos de palha.....	719	485	67,5
Congelação de carne.....	4.264	379	8,9
Chocolate.....	393	360	60,7
Sacos.....	641	357	55,7
Cordosalha.....	797	347	43,5
Artefactos de folha de Flandres e de ferro zincado e estanhado.....	2.201	329	14,9
Flôres artificiais e coroas.....	417	313	75,1
Fitas, cadarços e tranças.....	388	299	77,1
Louça commun (kaolim ou feldspatho).....	1.292	297	23,0
Beneficiamento do papel.....	1.418	253	17,8
Estopa.....	409	216	52,8
Conservas de carne.....	884	210	23,8
Tecidos elásticos (suspensorios, ligas e cintas).....	333	200	60,1

Apesar de se constituírem como maioria, as mulheres foram pouco citadas nos jornais operários. O objetivo deste trabalho é estudar a visão que os jornais

operários de São Paulo, entre o período de 1915 e 1920, tinham a respeito das mulheres operárias, ou seja, de suas companheiras de luta.

Qual o discurso que estes jornais, representantes das lutas operárias, faziam a respeito das companheiras de trabalho, de greve e mobilizações. Foram selecionados jornais apontados por inúmeros estudos anteriores, por exercerem grande representatividade e importância no período: *A Lanterna*, *A Plebe* e *Guerra Sociale*.

A pesquisa é qualitativa e tem como método a análise do discurso.

Autores como Decca (1990), Rago (2006), entre outros, descreveram de forma minuciosa e singular os temas apontados acima, mas, até agora, não havia sido feito o resgate da história destas operárias.

Para Rago (2006),

Além dos industriais intransigentes e das autoridades policiais, poucos levavam em conta figuras como as militantes operárias Otávia e Rosinha Lituana, personagens centrais do Parque Industrial, e suas manifestações políticas: “Tinha distribuído tantos manifestos! E a reunião terminara ao canto da Internacional”, dizia-se Rosinha Lituana, na prisão.

Afinal, o que sabemos sobre as trabalhadoras dos primórdios da industrialização brasileira? Como foram percebidas pelos contemporâneos? Como interagiram como os diferentes setores da sociedade – industriais, médicos higienistas, jornalistas e literatos, feministas, anarquistas, socialistas e comunistas -, redefinindo sua identidade social, sexual e pessoal, incorporando e recusando as imagens projetadas sobre elas? (RAGO, 2006, p. 579).

Resgatar a memória e a história das mulheres operárias do início do século XX é de fundamental importância, pois permitirá incluir esses atores históricos, dentro do seu espaço de origem e compreender como é tão difícil mudar alguns paradigmas que tiveram a sua origem em preconceitos instituídos no passado.

Apoiado nas teorias de Michel Foucault, Jurgen Habermas e Eni Orlandi a respeito dos movimentos sociais e da formação das identidades por meio dos discursos, este trabalho visa analisar como o discurso dos jornais operários de São Paulo, no início do século XX, representaram a luta do trabalhador operário e a delimitação do papel da mulher na sociedade. Pelas características específicas destes jornais e tendo em vista sua proximidade com o cotidiano destes

trabalhadores, até que ponto estes jornais reproduziram as práticas sociais que estavam sendo introduzidas no primeiro período da República.

Esta discussão é de suma relevância, uma vez que, ao silenciarem sobre a atuação das mulheres, os jornais as tornaram inexistentes. A omissão por parte dos jornais da grande imprensa fazia parte do projeto ideológico do período. Autores como Carvalho e Gomes escreveram sobre a formação da identidade nacional e da influência da teoria positivista.

Habermas demonstra como a grande mídia estava a serviço dos interesses da burguesia, e como passou a ser manipulada após ter se transformado em mercadoria.

Vários valores e conceitos morais foram construídos com base neste projeto que acarreta até hoje, problemas em relação ao reconhecimento da sociedade e do papel da mulher, que apesar dos inúmeros avanços, permanece sendo a principal responsável pelos filhos e pelos trabalhos domésticos.

Autores como Decca, Del Priori e Toledo falaram a respeito do movimento sindical e do convívio entre os anarquistas e os trabalhadores no período. Várias militantes anarquistas tiveram a sua memória resgatada. Pouco se escreveu sobre as mulheres operárias.

A contribuição deste estudo é no sentido de discutir como a mídia silenciou toda uma geração de operárias brasileiras, a ponto delas não se tornarem uma referência nacional.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, serão analisadas três publicações:

Publicações analisadas:

Jornais:

1. A Lanterna: de 1915: 27 de fevereiro a 1916: 15 de abril. Total: 03
2. A Plebe: de 1917 : 09 de junho a 1920: 07 de agosto. Total: 41
3. Guerra Sociale: de 1916: 22 de abril a 1917: 11 de agosto. Total: 28

Apesar de alguns periódicos não possuírem muitos exemplares, isso não desqualifica o conjunto. A importância da análise destes documentos é inquestionável, Pesavento ressalta este entendimento, ao citar as lições de Ginzburg:

Carlo Ginzburg, em ensaio já clássico, nos fala de um paradigma indiciário, método este extremamente difundido na comunidade acadêmica. Nele, o historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo. Qual Sherlok Holmes, ele enfrenta o desafio do passado com atitude dedutiva e movido pela suspeita: vai em busca de traços, de pegadas como um caçador, de vestígios, como um policial. Presta atenção nas evidências, por certo, mas não entende o real como transparente. Aliás, refere Ginzburg, o próprio Marx afirmara que, se a realidade fosse transparente, não haveria necessidade de interpretá-la! (PESAVENTO, 2005, p. 63).

Estes documentos são indícios, ou seja, estes periódicos, pelas suas características próprias estavam muito próximos da realidade dos operários, que traduziam em suas páginas sua visão de mundo e seus ideais. A análise destes documentos permitirá uma visão muito próxima da realidade destes trabalhadores.

Ferreira (1988) demonstra a importância que os jornais tiveram na formação ideológica dos operários, na organização dos movimentos e na formação dos primeiros órgãos de classe:

O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses e participa da mesma forma de organização: "A comunicação torna-se um instrumento de intercâmbio, não de dominação. É horizontal e interativa (FERREIRA, 1988, p.6).

Os jornais dos movimentos operários do começo do século XX são documentos importantes que retratam a vida dos trabalhadores naquele momento.

A escolha destes jornais ocorreu, principalmente, pela importância que eles exerceram junto aos principais eventos operários no início do século XX. E por dois laços em comum, primeiro a atuação direta de Edgard Leuenroth, seja como editor, jornalista ou colaborador, segundo por se identificarem como anticlerical.

Entre os inúmeros jornais consultados, as pesquisas foram centradas nos jornais que possuíam maior continuidade e regularidade. Começou-se pelo jornal *Terra Livre*, mas em decorrência da extinção do periódico antes do período da Grande Greve de 1917, passou-se à análise de *A Plebe*, o que levou ao seu antecessor: *A Lanterna*. Em ambos há citações sobre o *Guerra Sociale*, escrito em italiano, no qual Edgard Leuenroth escrevia como colaborador.

Ao analisar estes jornais operários de São Paulo, entre os anos de 1915 e 1920, buscou-se reconhecer os discursos que estes periódicos faziam a respeito das mulheres operárias da época.

1. A REFLEXÃO SOBRE A SOCIEDADE DA ÉPOCA A PARTIR DOS JORNais OPERÁRIOS

1.1. Análise de artigos sobre o momento

O objetivo deste capítulo é realizar a análise dos discursos dos jornais operários. De que forma estes documentos apresentavam a dura realidade dos trabalhadores e traduziam em seus artigos sua visão de mundo.

Para tanto, buscou-se suporte na análise de discurso de Orlandi (2012), que entende o discurso como:

E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2012, p. 15).

Denomina-se discurso, a forma da representação em linguagem dos artigos produzidos pelos jornais operários, no qual as interpretações da realidade são constituídas de acordo com as suas posições sociais e ideológicas. Estes discursos sofreram forte influência ideológica e do contexto no qual foram produzidos, apresentando uma realidade dura: “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2012, p. 15).

É importante reconhecer o sujeito falando: o militante, o operário, que por meio dos jornalistas, apresentavam as ideias que circulavam pelos movimentos sociais da época. O discurso está diretamente ligado à vida social, a sua realidade de trabalhador miserável em um período de grande crise econômica. Portanto, não se pode analisar os jornais de forma isolada, pois trata-se da expressão de pensamentos em uma realidade em funcionamento. É importante observar a produção de sentidos como parte integrante desse processo, pois os jornais operários traduzem a realidade na visão de operários diretamente ligados ao movimento anarco-sindicalista.

Uma vez apresentados os jornais, alinhavadas as ideias e as principais discussões que ocorriam no período, pode-se demonstrar como os jornais

operários apontavam essa realidade, por meio do seu discurso anarquista e das representações.

1.2. O momento

1.2.1. República brasileira

Carvalho (1990, p. 24) mostra que “em São Paulo, desde 1873 existia o Partido Republicano mais organizado do Brasil” Fruto da insatisfação dos produtores rurais paulistas que não viam na monarquia o retorno aos seus anseios, e por outro lado, vislumbravam na República a possibilidade da expansão do capitalismo industrial.

Para estes empresários, o modelo de República a ser adotado era o americano. Este modelo possuía como características uma definição mais individual do pacto social, restringindo ao máximo a participação popular e distribuindo o poder para o capital:

Mais ainda, ao definir o público como a soma dos interesses individualistas do pacto social. A versão do final do século XIX da postura liberal era do darwinismo social, absorvido no Brasil por intermédio de Spencer, o inspirador do principal teórico da República, Alberto Sales (CARVALHO, 1990, p. 24).

A República brasileira nasceu de forma bem singular em relação aos demais países do mundo. Ao contrário de outros países como a França, a República brasileira não surgiu em decorrência de movimentos populares, de lutas de classe ou mesmo de uma revolução social.

Não houve sequer confronto. Carvalho revela que nas marchas dos soldados, na ocasião da tomada do poder pelos republicanos, inúmeras mulheres acompanharam os soldados (maridos e parentes), imaginando que haveria um grande confronto.

Tal temor não se concretizou. Na passagem da monarquia para a república não ocorreu um levante, uma revolução. Somente uma troca de cadeiras, da qual a

população não participou. A grande marcha de soldados parecia mais uma parada militar.

Na verdade, a mudança de sistema político ocorreu pelos interesses do capital e pela visão ideológica de alguns intelectuais do período. Esta característica específica do Brasil gerou inúmeros questionamentos entre os líderes políticos dos ideais republicanos.

Parte dos idealizadores da República se inspiraram nas ideias de August Comte importante filósofo e sociólogo francês, considerado o criador do Positivismo e da Sociologia. Estes intelectuais viam a possibilidade de transformar o Brasil em um País ideal.

Outra parcela da elite do período, encontrou no liberalismo o modelo econômico para atender as suas expectativas. Estas ideias reafirmaram ainda mais as diferenças sociais e apesar da abolição da escravidão, a sociedade brasileira reafirmou as desigualdades, excluindo inúmeros atores sociais:

Nessas circunstâncias, o liberalismo adquiria um caráter de consagração da desigualdade, de sanção da lei do mais forte. Acoplado ao presidencialismo, o darwinismo republicano tinha em mãos os instrumentos ideológicos e políticos para estabelecer um regime profundamente autoritário (CARVALHO, 1990, p. 25).

Essa realidade foi marcante em São Paulo e Rio de Janeiro, as duas capitais pioneiras na industrialização. Com o crescimento das indústrias, fortaleceu-se um ator social que passou a ser decisivo nos passos da república nascente, o industrial.

Um grande número de indústrias foi criada no final do século XIX, e conforme Costa (1979),

[...] em menos de dez anos, o número de indústrias passou de 175 em 1874 para mais de seiscentas. (...) Em 1880, havia 18.100 pessoas registradas como operários. Um recenseamento de 1907 registra 2.983 estabelecimentos industriais e uma população de 136.420 pessoas dedicadas a essas atividade (COSTA, 1979, p. 199).

Com o crescimento e desenvolvimento das atividades industriais, aumentou o poder político e econômico dos proprietários de indústrias, que viam nos ideias liberais as respostas aos seus anseios.

Além do crescimento das indústrias, outro fator interferiu de forma marcante na sociedade brasileira, a crise econômica. Esta situação gerou uma enorme inflação e uma grande especulação financeira, que se arrastou por muitos anos, após a proclamação da República.

O espírito da especulação, de enriquecimento pessoal a todo custo, denunciado amplamente na imprensa, na tribuna, nos romances, dava ao novo regime uma marca incompatível com a virtude republicana. Em tais circunstâncias não se podia nem mesmo falar na definição utilitarista do interesse público como a soma de interesses individuais. Simplesmente não havia preocupação com o público. Predominava a mentalidade predatória, o espírito do capitalismo sem a ética protestante (CARVALHO, 1990, p. 30).

A Lanterna demonstra esta situação ao publicar trechos do ex-ministro da Fazenda:

Transcrição:

[...] Escreveu há pouco um dos nossos reputados financeiros, ex-ministro da Fazenda:

"A crise que nos assoberba é temerosa, o apelo ao crédito externo impossível, reduzida a renda de importação de 80%, votado um orçamento com um déficit de 80 mil contos, com o bloqueio da Inglaterra, daqui a cinco ou seis meses não teremos dinheiro para pagar o funcionalismo e a tropa. Daqui a três anos não poderemos reformar os pagamentos em espécie da nossa dívida."

[...] "adversário tenaz da emissão de papel moeda, porque o papel moeda é a pior das moedas, visto que encarece a vida, permite a instabilidade do câmbio, retarda o nosso progresso, nos isola do mercado mundial, deixa sem assistência financeira dos demais mercados das nossas empresas, a nossa vida industrial, as nossas praças",", conclui, amargurado, que o único remédio é justamente a emissão de mais papel moeda; de moeda falsa, dizemos nós.

Figura 2 - *A Lanterna*, 15 de abril de 1916, página 2

2

A crise e as suas causas

Já ninguém suporta o mal que o atinge e ainda meios o remedio que o pode curar; entretanto é empolgante o contraste entre o desespero do povo e a impassível serenidade do governo diante da crise.

Escreveu há pouco um dos nossos reputados financeiros, ex-ministro da Fazenda:

«A crise que nos assobraba é temerosa, o apelo ao crédito externo impossível, reduzida a renda de importação de 80 %, votado um orçamento com um deficit de 80 mil contos, com o bloqueio da Inglaterra, daqui a cinco ou seis meses não teremos dinheiro para pagar o funcionalismo e a tropa. Daqui a tres anos não poderei retomar os pagamentos em espécie da nossa dívida».

O mesmo financeiro, depois de pintar com as cores mais sombrias a nossa situação econômica e de se declarar «adversário tenaz da emissão de papel moeda, porque o papel moeda é a peor das moedas, visto como encarece a vida, permite a instabilidade do cambio, retarda o nosso progresso, nos isola do mercado mundial. dei-

tanto, é uma amarga verdade. E' que a terra, essa mãe prodiga, que dá cem por um a quem a ela recorre, está nas mãos de uma minoria que dela se apropriou pela violência, pela mentira e pela fraude. Quem quizer cultiva-la tem de pagar um tributo a esses barões da fundalidade moderna. A mesma coisa acontece com os instrumentos de trabalho.

Nestas condições, como não faltar trabalho, como evitar as crises, se os governos gastam mais do que arrecadam?

E' frequente ouvir-se que só não trabalha quem não quer, pris o princípio básico da actual organização social é o da liberdade de trabalho.

Liberdade de trabalho!

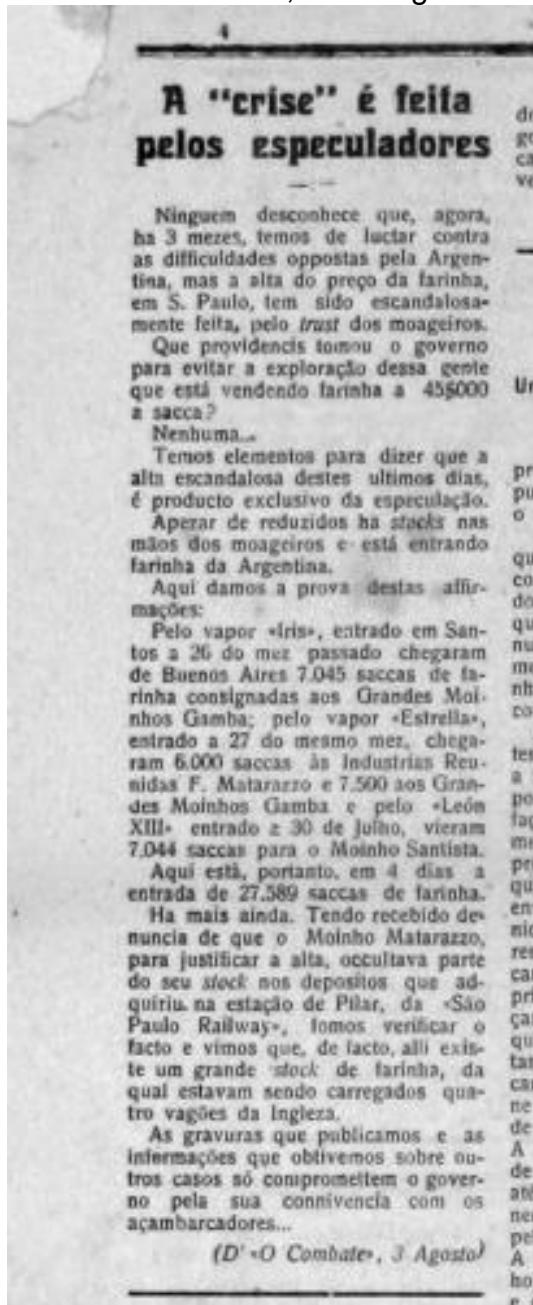
Quanta ironia nestas duas palavras!

Uma minoria se apoderou da terra e dos instrumentos de trabalho, cercou-se de toda a sorte de privilégios, enquanto a grande massa de produtores, nada possuindo, só tem o recurso de viver os seus braços.

E é o Estado Moderno com as suas leis, os seus códigos, os seus juizes, os seus tribunais, a sua polícia, os seus exercitos, a sua marinha, as suas escolas e academias, onde se ensinam, em primeiro lugar, o respeito à propriedade privada e a submissão às autoridades; é o Estado, dizemos, que ga-

O jornal expõe a situação da dívida externa, grande parte em decorrência da necessidade de importação, mas refuta as ideias do ministro. Para o jornalista, o problema estava na administração dos recursos públicos, e principalmente, na distribuição da renda, uma vez que a propriedade da terra e dos fatores de produção está concentrada nas mãos de uma pequena elite, a burguesia.

Refuta a necessidade de emissão de mais papel moeda " de moeda falsa, dizemos nós.", uma vez que, em decorrência da crise econômica esta moeda não possuía lastro, portanto, a emissão de mais papel iria acarretar um aumento da inflação.

Figura 3 - *Guerra Sociale*, 11 de agosto de 1917

Transcrição:

A "crise" é feita pelos especuladores"

Ninguem desconhece que, agora, ha 3 mezes, temos de lutar contra as dificuldades oppostas pela Argentina, mas a alta do preço da farinha, em S. Paulo, tem sido escandalosamente feita, pelo *trust* dos moageiros.

Que providencia tomou o governo para evitar a exploração dessa gente que está vendendo farinha a 45\$000 a sacca?

Nenhuma...

Temos elementos para dizer que a alta escandalosa destes ultimos dias, é producto exclusivo da especulação.

O artigo descreve a situação da importação da farinha de trigo, demonstra como vários importadores, citando em especial as Indústrias Matarazzo, estão

aumentando os estoques e mantendo-os guardados em armazéns com o objetivo de, ao diminuir a oferta, aumentar o preço do produto.

Afirma que o governo está ciente desta manobra, uma vez que a farinha importada entra no País pelo Porto de Santos, controlado pelo governo. Desta forma, o governo é conivente com a manobra dos importadores, que estocam a farinha, aguardando a subida dos preços para depois comercializá-la.

Com isto, alerta a população a respeito das consequências diretas, já que a farinha é a matéria-prima para vários alimentos consumidos pelos operários, em especial o pão.

A crise econômica refletia a situação política, de um lado a velha oligarquia fundiária, do outro a crescente elite empresarial. O protecionismo agrário que visava majoritariamente a exportação, a necessidade de importação de vários produtos, a necessidade de emissão de moeda para atender às necessidades internas, a ampliação da intervenção estatal na economia, vários fatores somados ampliaram a crise que já estava instaurada desde o período da monarquia.

Gomes (1996) explica como todos estes fatores conjugados criaram um modelo "semiliberal", no qual a intervenção do Estado era necessária, em alguns momentos, para atender às demandas do mercado, e em outros se tornava incômoda, principalmente, no tocante a influência das relações internas do trabalho/capital.

O estabelecimento da República e a entrada no século XX, com o capital acontecimento que fora a abolição da escravatura, não alterariam fundamentalmente essa "estratégia semiliberal". Politicamente, e principalmente sob a significativa influência dos "positivismos", realiza-se a disjunção - também já comentada pela historiografia - entre direitos políticos e desenvolvimento econômico e social do país. A República seria altamente excludente quanto à participação política; o trabalho rural continuaria sendo garantido por altas doses de coação física e simbólica e, ao mundo da economia urbana, estariam destinadas as maiores parcelas de *laissez-faire*. (GOMES, 1996, p. 10).

Dentro das ideias do bem-estar social, o autor considera que, no tocante à regulamentação do trabalho, a intervenção do Estado era bem-vinda, em temas como "aspectos como os acidentes de trabalho, trabalho feminino e do menor etc."

(GOMES, 1996, p.13), já em questões como contrato de trabalho, jornada e salários esta intervenção não era admitida. O Estado atuava conforme os interesses dos empresários, o que justifica o termo "semiliberal", o mercado deve se autorregulamentar, mas tendo o suporte do Estado para intervir quanto necessário.

Bresciani argumenta no mesmo sentido:

O argumento positivista cola-se à concepção liberal de Estado ao definir que este deveria cumprir função de centro regulador das tendências dispersivas das forças sociais, o que na "política prática" significa afastar os obstáculos ao livre desenvolvimento da "nação". Assegurar a rapidez da circulação de pessoas e mercadorias, assegurar ainda a liberdade nas transações comerciais, na associação e no fechamento de contratos entre "os particulares" e "seus capitais". A concordância com os preceitos liberais estende-se a concepção de que a "livre concorrência" deve ser o princípio da relação entre o capital e o trabalho, sem que haja qualquer espécie de fiscalização por parte do Estado (BRESCIANI, 1993, p. 129).

A República brasileira nasceu com uma forte hierarquização do poder com a concentração da propriedade do capital e dos fatores de produção nas mãos de poucos, ampliando ainda mais o abismo social entre os trabalhadores e a burguesia.

1.2.2. Imigração

Segundo Decca (1990, p. 7), o período do "estabelecimento da República em 1889, corresponde, no plano político-institucional, a uma série de transformações em curso no Brasil desde 1870", dentre as mais marcantes pode-se assinalar a "imigração estrangeira massiva".

Ainda de acordo com a autora:

De 1890 a 1920 os imigrantes estrangeiros e seus filhos, nascidos no Brasil, foram a maioria da classe operária urbana em São Paulo, Santos, em cidades do interior paulista e no Rio de Janeiro. Os italianos se alocaram principalmente nas fábricas, enquanto portugueses e espanhóis foram maioria nos trabalhos portuários e no setor de serviços (DECCA, 1991, p. 12).

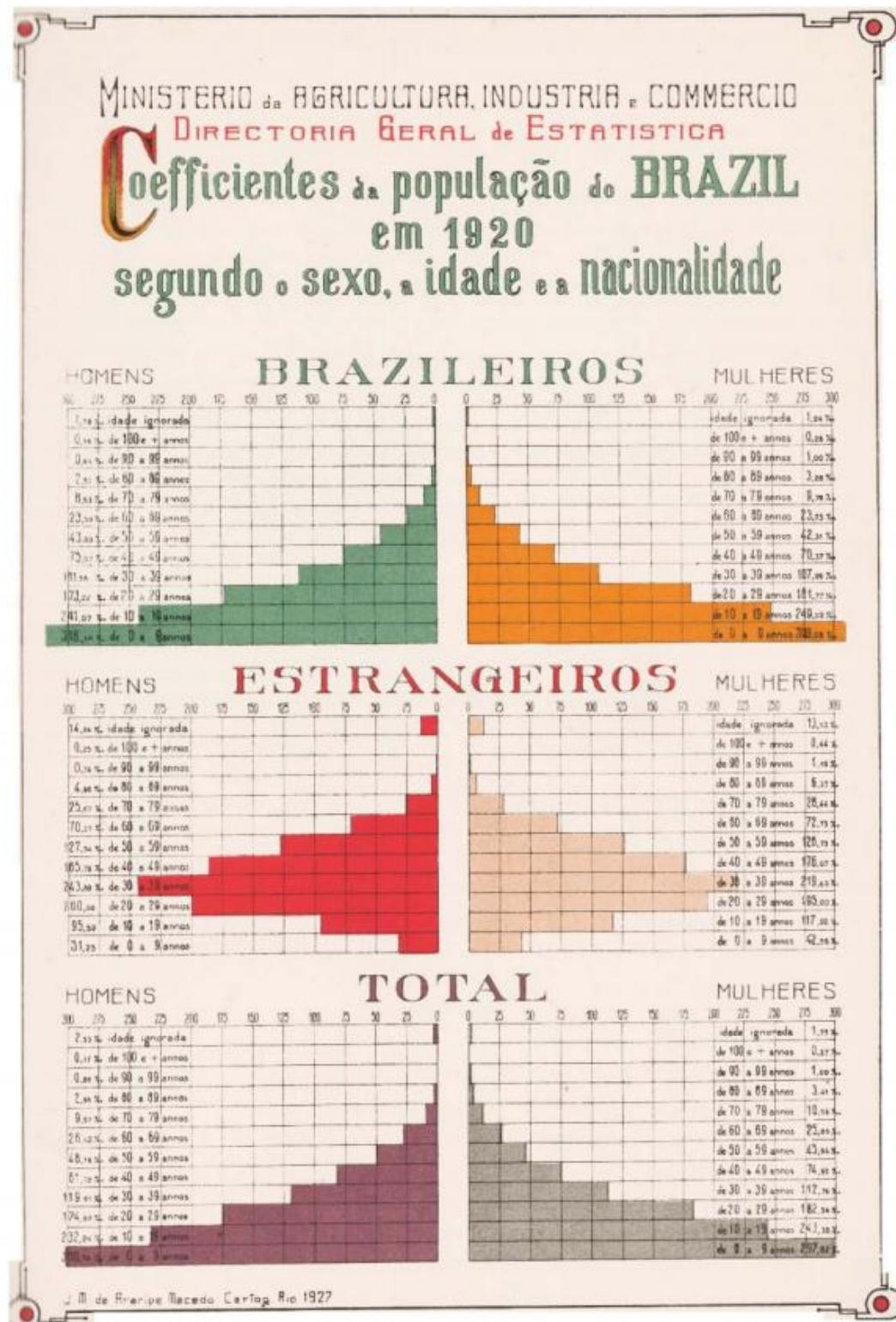
A Tabela 1 apresentada por Segatto (1987, p. 12) reforça esta análise. No período entre 1891 e 1900 chegaram ao Brasil cerca de 1.129.000 estrangeiros.

Tabela 1 - Número de imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1851 e 1923
(SEGATTO, 1987, p. 2)

Período	nº de imigrantes
1851- 1860	121.000
1861- 1870	97.000
1871- 1880	219.000
1881- 1890	530.000
1891- 1900	1.129.000
1901- 1910	671.000
1911- 1920	717.000
1921- 1923	840.000

Os números acima reafirmam o quadro apresentado pelo Censo de 1920. No capítulo "População", o censo analisou a idade, sexo e a nacionalidade da população brasileira no período (Figura 4).

Figura 4 - Censo de 1920, quadro anexo à página VI, Tomo I: População do Brasil em 1920.



Os estudos de Segatto (1987, p. 13.) concluíram ainda que: "Em 1901, 90% dos operários das fábricas de São Paulo eram europeus, principalmente, italianos; em 1913, essa proporção era 82%; e em 1920, de 40%".

A imigração ocorreu por vários fatores. Neste período a Europa também estava em transformação. Os estados absolutistas estavam em formação, o que gerava conflitos internos, iniciavam-se os conflitos que culminaram na 1^a Guerra Mundial e a 2^a Revolução Industrial já estava em curso. O impacto da destruição de vários países e por outro lado, da extrema exploração dos trabalhadores, que o modelo industrial havia imposto, fomentou o crescimento e a propagação de ideais anarquista e de esquerda.

Segundo Toledo (2004, p.15), "a maior parte era de imigrantes que fugiam da miséria do campo italiano e das condições existentes nas fazendas de café paulistas" provavelmente atraídos pelas promessas de trabalho e garantias que eram propagandeadas pelo governo brasileiro e por aliciadores.

Figura 5 - *Guerra Sociale*, 30 de setembro de 1916, página 2



O artigo publicado em *Guerra Sociale* descreve a situação de miséria dos trabalhadores do campo, conforme constatou o jornalista em uma visita realizada ao interior de São Paulo, "na região servida pela estrada de ferro Araraquarense":

Transcrição:

[...] A maior parte das choupanas são cobertas com palha e as restantes com zinco.

Nesses chiqueiros o calor, o frio, a chuva, os ventos, as tormentas de pó, de granizo, fazem da suas, como em campo aberto. Os insectos nocivos, que ali se criam, assombram pela sua proliferação.

Quatro sarrafos atrevassados uns sobre os outros, e um pouco de herva silvestre ou palha de milho, servem de leito aos desgraçados colonos. E' sobre esses leitos que as mulheres pertencentes ao proletariado campesino dão á luz, sem assistencia médica, aos futuros escravos, que hão de continuar a obra dos seus progenitores; trabalhar e sofrer vicissitudes espantosas, para enriquecer os modernos feudatarios.

O fubá, a mandioca (raiz de pau), o feijão, generos de ultima qualidade, deteriorados, constituem, com escassez, a base da alimentação desses esforçados pioneiros do trabalho.

Homens e mulheres, velhos e crianças de ambos os sexos, levantam-se as altas horas da madrugada, invadem os cafezaes e, durante todo o dia, torrados pelos sol, banhados de chuva, ou tiritando de frio, labutam, como leões, até a noite, estafando-se completamente, ao ponto de perderem a disposição para comer a *bazofia*, que os cães rejeitam.

Raros são os que vestem roupa interior. Farrapos de algodão, cheios de claraboias feitas pelos espinhos ou pelo excesso de uso, cobrem, á intervalos, os corpos desses productores da riqueza social. [...]

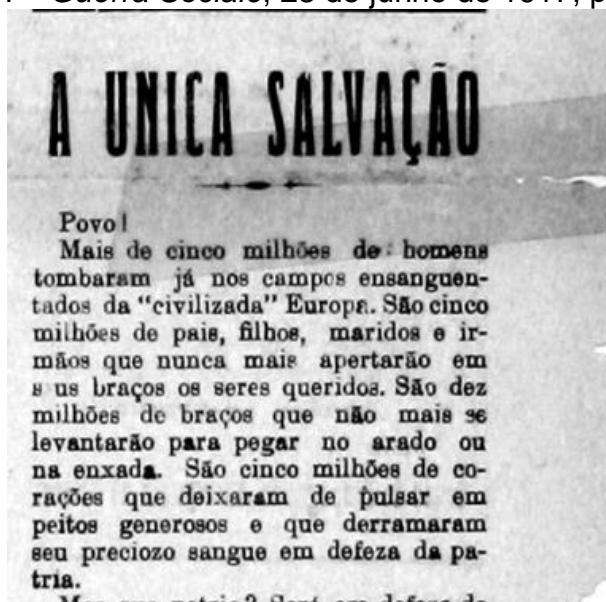
O artigo descreve a dura realidade dos imigrantes campesinos, que viviam em choupanas, cabanas rústicas sem o mínimo conforto, com uma alimentação de péssima qualidade, verdadeira "basófia", ou seja, guisado de restos de comida. Não possuíam roupas de baixo, trajavam verdadeiros farrapos, trabalhavam sob péssimas condições, expostos as mais adversas condições e com uma jornada estafante.

Para fugir destas condições de vida, centenas de famílias de imigrantes que estavam nos campos, se deslocaram para as cidades, passando a engrossar as fileiras de operários, tornando-se, conforme descreveu Toledo (2004, p.15): "operários industriais, chapeleiros, sapateiros, tipógrafos, trabalhadores de olarias, pedreiros, carpinteiros, ferroviários. Eles contribuíram para a organização dos sindicatos de São Paulo".

A outra parcela de imigrantes, também fugiram da miséria, mas fruto da 1^a Guerra Mundial. A seguir, trecho do *Guerra Sociale*, que descreve os horrores da guerra e as consequências para os povos atingidos.

Figura 6 - *Guerra Sociale*, 10 de Março de 1917

O jornal publicou uma série de reportagens, trazendo informações sobre a guerra na Europa e a situação de miséria na qual se encontravam as populações atingidas. Questiona a existência dos Estados, o conceito de pátria, a exploração dos povos, a morte sem motivo justo e a miséria instaurada.

Figura 7 - *Guerra Sociale*, 23 de junho de 1917, página 3

O jornal informa que "mais de cinco milhões de homens tombaram já nos campos ensanguentados da "civilizada" Europa". Em defesa dos ideais anarquistas, afirma que a pátria é uma criação que somente interessa às elites, que utilizam-se da estrutura do Estado para manter o povo subjugado. Afirma que "a guerra é a indústria da morte", e que esta indústria interessa aos estados e à burguesia, que lucram com a morte dos trabalhadores.

Conclama todos a se insurgirem contra a guerra e afirma

A guerra que deveis fazer é aquela contra a fome que vos ameaça a todos: quer a brasileiros, quer a alemães, quer a inglezes, quer a franceses, e esta guerra deve ser feita contra o inimigo *commun*: os opressores.

Deixa evidente que deve haver divisão entre a nacionalidade dos pobres, uma vez que todos são atingidos igualmente pelo sofrimento que a guerra instaura. Parte dos operários imigrantes que vieram para o Brasil, participaram destes debates em seus países de origem, ou aqui com as informações que recebiam por cartas e pelos jornais operários, como o *Guerra Sociale*.

As autoridades brasileiras, para atender as necessidades dos empresários e possibilitar a concretização dos ideais civilizatórios, fizeram uma grande propaganda nos países europeus, convidando os trabalhadores, a imigrarem para o Brasil, com promessas de emprego, altos salários e possibilidade de enriquecimento.

Ao chegarem ao Brasil, os operários encontraram uma situação muito diferente da que era propagandeada pelas autoridades brasileiras. Praticamente não havia legislação trabalhista, o que permitia a extrema exploração dos operários.

Estes trabalhadores iludidos pelas promessas de ganho fácil e enriquecimento, haviam comprometido suas economias imigrando para o Brasil. Chegavam aqui endividados, e para não passar fome, eram obrigados a se sujeitarem às condições de trabalho oferecidas.

Neste momento, os operários que já estavam estabelecidos em São Paulo, começaram a se mobilizar. Surgiram as primeiras greves contra a miséria, contra as péssimas condições de vida, nasceram as primeiras ligas operárias e junto com elas, os jornais operários, que nasceram como um forte instrumento de denúncia e mobilização.

Trabalhadores da Europa, não venham para o Brasil (1904)
 Pede-se aos jornais anarquistas do mundo todo que reproduzam o seguinte apelo:
 Que os trabalhadores dos centros industriais e agrícolas fiquem de guarda contra os vis engodos de jornalistas e agentes de emigração, interessados em lhes pintar o Brasil com as mais deslumbrantes cores a fim de induzi-los a emigrar.
 Estejam atentos, agora e sempre, se não querem ser vítimas das maiores mistificações e logros.
 Não é verdade que aqui há trabalho para todos.
 Não é verdade que aqui o operário é bem remunerado.
 Não é verdade que aqui são dadas garantias aos estrangeiros.

Não é verdade que aqui o operário pode fazer fortuna.

Tudo isso são verdadeiras mentiras inventadas por jornalistas e agentes de emigração regiamente pagos pelo governo e grandes proprietários do Brasil, com o único fim de fazer chegar até aqui uma nova superabundância de trabalhadores braçais, de modo a poder negociá-los ao mais baixo preço possível.

Estejam atentos, portanto, os trabalhadores da Europa, especialmente os das nações latinas que, iludidos, enganados, abandonam impensadamente o país de origem para se jogarem em torrentes nas praias desta infernal república onde, uma vez chegados – sem trabalho, sem pão e sem ajuda – se encontram à mercê dos consulados que não se interessam absolutamente nada por sua desgraçada situação.

No Brasil – já avisamos muitas vezes – só há condições de vida para os trapaceiros e ladrões profissionais.

No Brasil só há trabalho para os que se submetem a ser bestas de carga por um salário irrisório.

No Brasil os patrões obrigam a trabalhar e não pagam.

No Brasil a vida custa os olhos da cara.

No Brasil não existe nenhuma garantia para o operário e muito menos para o estrangeiro.

No Brasil, o governo é composto de um bando de piratas e ladrões.

No Brasil a vida e a liberdade dos cidadãos estão à mercê de uma Polícia feroz, selvagem, que rouba, violenta, mata impunemente, movida apenas pelo instinto de mando e pelo hábito de roubalheira.

No Brasil, onde a indústria não existe, o elemento trabalhador não encontra ocupação a não ser nas fazendas (grandes feudos) onde os colonos, bestialmente tratados, estão condenados a levar uma vida de padecimentos e atribulações.

No Brasil – repitam em voz alta, publiquem nos cabeçalhos de todos os jornais – há mais gente que morre de fome do que se possa imaginar, há misérias que o velho mundo ignora totalmente; aqui se cometem infâmias e atrocidades inauditas, de se arrepelarem os cabelos.

Cuidado, trabalhadores da Europa: não se deixem enganar pelos rufiões.

La Battaglia, S. Paulo, 11.9.1904. (CARRONE, 1984, p. 121)

1.3. Anarquismo, socialismo, anarco-sindicalismo

Antes de serem apresentados os jornais, faz-se necessário discutir as ideologias que permeavam os movimentos sociais do período. Segundo Toledo, havia três grandes correntes: anarquismo, socialismo e o sindicalismo revolucionário, em alguns momentos chamado de anarco-sindicalismo.

A autora define anarquismo:

Anarquia, etimologicamente, significa viver sem governo, ou seja, o anarquismo é a doutrina que prega que o Estado é nocivo e desnecessário, existindo alternativas viáveis de organização voluntária. Anarquia era - e é - quem por meio da livre experimentação, se propõe a criar uma sociedade sem Estado, modificando-a pouco a pouco, cuja base são comunidades autogeridas, em que haja o máximo de liberdade com o máximo de solidariedade e fraternidade (TOLEDO, 2004, p. 12).

Figura 8 - *A Plebe*, 7 de agosto de 1920

Neste artigo, Mella faz uma apresentação da filosofia anarquista:

Transcrição

"A anarquia é uma doutrina filosófica que comprehende, numa amplíssima síntese, todo o intrincado problema social.

A anarquia não é um simples princípio de destruição como o entende a ignorância e como proclama a má fé. A anarquia não implica o regresso do homem aos tempos primitivos, como enfaticamente, afirmam os sabios mercenários das classes dominantes. A anarquia é, simultaneamente a tradução da evolução política e do desenvolvimento económico."

Anarquia é uma filosofia, um modo de viver, de reconhecer e entender o mundo. Na visão do jornalista, não se trata de regredir aos primórdios da civilização, ao contrário, é avançar, progredir. Deixar de lado sentimentos egoístas e individuais, fruto da sociedade capitalista que divide a sociedade.

Transcrição

Em todo o processo histórico, a tendência geral que tem por fim integrar, indelevelmente, a individualidade, assim como o facto dum cada vez mais crescente substituição do trabalho coletivo pelo trabalho dissociado, envolvem a categorica afirmação do anarquismo consciente e isto por tal modo que, apenas dissipados, um pouco, os preconceitos e convencionalismo da sociedade atual, não ha cerebro medianamente culto que não reconheça esta verdade.

A independencia individual foi sempre o objeto de todas as ideias: Liberdade e Igualdade, como presentindo o seu resultado inevitável - a fraternidade e a solidariedade de todos os seres humanos.

A anarquia defende a evolução, tanto política como dos meios econômicos, pois ao permitir que toda a sociedade tenha acesso aos avanços tecnológicos, possibilitará que todos usufruam os benefícios e com isso o trabalho pesado, penoso, que é realizado pelos homens será substituído pelas máquinas. Quando ocorrer isso, os homens terão mais liberdade, condições de se instruírem e de desenvolver sentimentos verdadeiros, não mais individuais e sim por toda a humanidade: Liberdade, Igualdade, fraternidade e solidariedade.

Figura 9 - *Guerra Sociale*, 23 de junho de 1917, página 3

Esta é que é a questão.

Anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido **nem quer ser opressor**; aquele que quer o máximo bem-estar, a máxima liberdade, o máximo desenvolvimento possível de **todos** os seres humanos.

As suas ideias, as suas vontades tem origem no sentimento de simpatia, de amor, de respeito para com todos os homens; sentimento que deve ser bastante forte para o induzir a renunciar as vantagens pessoais que exigem, para ser outadas o sacrifício dos outros.

Se assim não fosse, porque havia ele de ser inimigo da opressão e não procurar, pelo contrário, tornar-se opressor?

O anarquista sabe que o indivíduo não pode viver fora da sociedade, ou melhor não existe, como indivíduo humano, senão porque traz em si os resultados da ação de inúmeras gerações passadas e tira proveito, durante toda a sua vida, do concurso dos seus contemporâneos.

Artigo intitulado: *Illegalismo e Revolução*, assinado por Errico Malatesta.

O jornalista narra acontecimentos no qual, alguns bandidos foram acusados de serem anarquistas pela imprensa burguesa. O artigo de uma uma página, 05 colunas, descreve de forma apaixonada a sua crença no anarquismo:

Transcrição

"Anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido *nem quer ser opressor*, aquele que quer o máximo bem-estar, a máxima liberdade, o máximo desenvolvimento possível de **todos** os seres humanos.

As suas ideias, as suas vontades tem origem no sentimento de simpatia, amor, de respeito para com todos os homens, sentimento que deve ser bastante forte para o induzir a querer (ilegível) como o seu, e a renunciar as vantagens pessoais que esigem, para ser obtidas o sacrifício dos outros."

Segundo Giannotti:

O anarquismo é uma corrente política cuja ideia básica é a oposição a qualquer opressão e dominação. A origem da palavra já explica seu conteúdo. Anarquia significa, simplesmente, "sem governo". Uma nova sociedade, sem algum, baseada na produção coletiva e na apropriação deste, de forma coletiva e solidária (GIANNOTTI, 2007, p. 75).

O autor explica que o anarco-sindicalismo é um movimento social que se desenvolveu principalmente no início do século XX, de origem anarquista e que atribuía aos movimentos sindicais, uma grande importância tanto na organização como na emancipação da classe trabalhadora.

Este movimento, combatia diretamente toda e qualquer forma de exploração dos trabalhadores, bem como os instrumentos de alienação, atribuindo à religião, grande parcela de culpa da falta de consciência de classe dos trabalhadores. Para o movimento, a religião nada mais era do que um instrumento da burguesia para dominação e alienação dos operários.

Toledo (2004) explica que entre os anarquistas havia muitas divergências entre as "práticas e estratégias" que deviam ser adotadas. Parte dos anarquistas, mais ortodoxos, eram contra qualquer tipo de estrutura institucional, parte defendia que algumas organizações deveriam existir para possibilitar a conscientização e mobilização dos trabalhadores.

Pensemos agora no sindicalismo revolucionário. Ele vai se constituindo num projeto internacional, a partir da década de 1890, por meio da circulação das formas de luta, das práticas e dos modelos de organização. O sindicalismo revolucionário surge dentro dos sindicatos, com a prática da ação direta, e depois ganha forma de doutrina política, reunindo ideias socialistas e anarquistas (TOLEDO, 2004, p.13).

Por outro lado, no Brasil, também organizações socialistas defendiam a ideia de revolução proletária e a criação de um Estado gerido de forma coletiva, sem diferenças de classe. Mas, para os socialistas, o Estado como instituição não desaparecia. Além desta divergência central das ideias, havia ainda as práticas. E em muitos momentos essas divergências geraram disputas políticas.

O exemplo a seguir, publicado em *Guerra Sociale* de 19 de agosto de 1916, na página 4, demonstra esta situação. Escrito por Florentino de Carvalho, militante anarquista, que dirigiu e escreveu para vários jornais anarquistas no período e, também foi diretor da Escola Moderna:

Transcrição:

Mentiras do Socialismo

O postulado socialista democratico, que em seus começos compreendia o Estatismo como meio de transição social, passou a ser uma doutrina puramente política reformista, proclamando o monopólio da riqueza pelo funcionarismo público, chamando nacionalização e socialização a este ação de ação feito por uma classe que aspira a ser a única detentora do poder e da riqueza.

(...) A definição sintética do socialismo resume-se na socialização das terras dos instrumentos de produção e de consumo (comunismo), na socialização de poderes (ausência de governo), da justiça, na socialização das nações, das nações, constituindo a pátria universal.

(...) Tudo o que estiver em pugna com estes princípios, como de facto estão as bases do Partido Socialista Democrático, será qualquer coisa, menos socialismo.

(...) O que da questão não está em votar, num momento dado, isto ou aquilo. A traição, consciente ou inconsciente, com boa ou má fé, existe desde o momento em que o indivíduo forma parte de um partido político estatal, que explora o nome do socialismo, e que, dizendo-se defensor das classes exploradas e oprimidas, coloca-se ao lado da burguesia, fazendo parte integrante das suas instituições.

E, senão vejamos:

Do Estado fazem parte os militares, os padres, os juízes (aves negras), os vereadores, deputados, senadores, ministros, polícias fardados, polícias secretas (cães de guarda), confidentes, espiões, etc..

No artigo de três colunas, que não acabou neste exemplar, e que teve publicada a sequência posteriormente, o jornalista Florentino de Carvalho, ataca o modelo de socialismo democrático. Descreve a contradição entre a teoria socialista: "socialização das terras dos instrumentos de produção e de consumo (comunismo), na socialização de poderes (ausencia de governo), da justiça, na socialização das nações, das patrias, constituindo a patria universal" e a prática adotada pelas lideranças socialistas que passaram a fazer parte do parlamento e de alguns ministérios. Acusa os socialistas de estarem em pugna, em divergência, atrito, com os ideais e coloca os ativistas no mesmo patamar dos exploradores da sociedade: militares, juízes, policiais e demais políticos. Relaciona uma pauta de mentiras defendida pelos socialistas e afirma que os mesmos estão à disposição da burguesia. Termina o artigo afirmando que o povo não se deixará enganar e que: "Portanto, os erros, as violências, os desastres que estas instituições possam cometer ou provocar, só podem contribuir para a regeneração moral dos homens, que os capacitarão para implantar, mais depressa um regimen socialista e libertario."

Ou seja, que ao final o que prevalecerá serão os ideais anarquistas.

Figura 10 - *Guerra Sociale*, 19 de agosto de 1916, página 4



Os socialistas também possuam jornais, dentre eles o "Avanti!", de propriedade de Teodoro Monicelli, no trecho do artigo a seguir, pode-se notar a disputa ideológica entre as duas correntes políticas.

O artigo acusa Monicelli de ser traidor, caluniador, indigno, pois ele havia divulgado em palestras e reuniões que Florentino de Carvalho, jornalista e militante anarquista e autor do texto anterior, de ser espião da polícia e traidor dos anarquistas.

Com o título "Em caso de dignidade social", G. Damiani desafia Monicelli a provar as acusações, e caso não o faça, estará facultando aos militantes anarquistas a denunciarem-no como "vulgar caluniador". O artigo termina com a relação de vários militantes anarquistas que prestam apoio e solidariedade à Florentino, dentre eles Edgard Leuenroth.

Figura 11 - *Guerra Sociale*, 20 de setembro de 1916, página 5

<p style="text-align: center;">G. Damiani</p> <p>Um caso de dignidade social</p> <p>Com o intuito de apressar a solução de um caso deplorável que, a geral contra-gosto, distrai parte da atenção do nosso elemento, a quem, na hora presente, mais do que nunca, cabe uma maior actividade na propaganda, julgamos de nosso dever vir a público convidar o sr. Teodoro Monicelli, director do orgão socialista «Avanti!» a, procedendo como procedem todos os homens de bem, provar a acusação levantada contra um camarada e a positivar as insinuações feitas contra outros.</p> <p>Esse senhor afirmou, em palestras,</p>	<p>de fugir.</p> <p>Se isso não fizer, nos facultará o direito de o denunciarmos como um vulgar caluniador, como um mesquinho difamador, indigno de ombrear com homens que se presam e merecedor, portanto, de ser arredado do meio daqueles que teem sentimentos de dignidade.</p> <p>Rodolpho Filipe, Escudelario Francisco, Joaquim dos Santos Silva, Vicente Amadio, Giovanni Ciuffi, Bernardo Amato, Aniello Paciullo, Antonio Musitano, Edgard Leuenrotte, Cesare Bellinghini, Manoel Gama, Joaquim Penteado, Leão Aimoré, E. Reinoso, Roque Tumolin, Alfredo Colucci, Vitali Ernesto, Roberto Bozzini, Rafael Esteve, Encarnação Meia, Ro-</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mas, apesar das divergências de práticas e métodos, em alguns momentos a solidariedade prevalecia, principalmente, quando estava em jogo a organização e a defesa dos trabalhadores. Toledo (2004, p. 47) explica que "algumas vezes os grupos anarquistas colaboravam com outros, como os socialistas do *Avanti!* e núcleos anticlericais".

Para os anarquistas, a emancipação do povo aconteceria principalmente com o conhecimento. Uma vez que o homem se aproximasse

mais da ciência e da razão, se afastaria da superstição e da religião, passando a defender ideais mais humanitários.

A ignorância era entendida como um dos principais inimigos, e só a instrução poderia ser o caminho da conversão. Estender as luzes da ciência ao pobres significa prepará-los para enfrentar o inimigo e construir a sociedade futura (TOLEDO, 2004, p. 43).

Para que este projeto fosse implantado, criaram várias escolas onde além do projeto regular de educação, havia teatro, literatura, jornais e bibliotecas. O objetivo era uma abordagem mais racional e científica, com a divulgação de teorias que não faziam parte dos currículos das escolas oficiais.

Conforme explica Toledo:

O objetivo era a divulgação de ideias políticas e de uma cultura e uma moral não contaminados pelos dogmas da Igreja e do Estado e pela moral burguesa, além do incentivo à luta do operariado contra a exploração capitalista (TOLEDO, 2004, p. 43).

O trecho do artigo (Figura 12) apresenta o programa do Centro Feminino de Jovens Idealistas, grupo de jovens que participava ativamente dos movimentos sociais e pregava pela necessidade de uma educação com base científica e racional.

Transcrição

Considerando que a emancipação da mulher constitue uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e científica e pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações, este Centro propõe-se: (...)

3º [...] - a) Criar escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejam instruir-se;

b) Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social; [...]

6º - A sua obra de educação não se limitará a desenvolver-se apenas entre os elementos femininos. Ela se estenderá aos trabalhadores em geral, sempre que lhe fôr possível; [...]

O projeto defendia que a educação devia ser voltada a todos, apesar de ser formado por um grupo de mulheres, entendia que a educação era o instrumento essencial para "regeneração social" o que permitiria a emancipação e libertação dos povos.

Figura 12 - *A Plebe*, 13 de março de 1920, página 4

Bases de acordo do	
Centro Feminino Jovens Idealistas	
Fins	
Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e científica e pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações, este Centro propõe-se:	minino que assim o desejarem, sem distinção de idade, nacionalidade ou condição social, bastando, para isso, indicar à secretaria o nome e endereço;
1.º — Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas de sexo feminino;	14.º — Poderá também ser social qualquer mulher que, embora possuindo ideias contrárias à orientação deste Centro, não pretenda dar a esta uma onta, granzão, no entanto, de maior liberdade para expor os seus princípios ou tendências.
2.º — Manter as mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam à emancipação da Humanidade;	
3.º — Trabalhar no sentido de instruir e educar as mulheres, para, assim, elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar a sua emancipação. Para este fim empregará os seguintes meios:	15.º — Será confiada à tesoureira eleita pela assembleia;
a) Criar escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejem instruir-se;	16.º — O Centro não constituirá fundos sociais. Em caixa só poderá haver quantias insignificantes, tendo em conta que, si quizermos desenvolver a nossa obra, teremos muito em que empregar o produto de mensalidades ou contribuições voluntárias;
b) Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social;	17.º — As necessidades do momento indicarão a melhor forma de contribuição monetária.
c) Organizar conferências, festivais instrutivos e recreativos, etc.;	
4.º — Combater todos os males sociais, assim como as causas que as originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.	
Orientação	
	18.º — Todas as questões de importância deverão ser resolvidas em assembleia geral, salvo casos excepcionais;
	19.º — A Comissão poderá resolver os assuntos insignificantes ou de urgência.
	NA LAPA

Ao lado do programa do Centro Feminino de Jovens Idealistas, foi publicada uma matéria intitulada *Manejos Clericais*. No artigo, o jornalista ataca o padre Bastos, da matriz da Lapa, que no sermão afirmou que os trabalhadores não devem fazer greves, nem devem reclamar contra os baixos salários e as péssimas condições de vida, uma vez que o sofrimento faz parte da vida terrena e o paraíso será o pagamento no reino dos céus.

Questiona o reverendo hipócrita, devoto falso e mentiroso, a provar as suas palavras, experimentando as desventuras terrenas: "Mas por que o reverendo tartunfo não deixa o latim e não vai para a fabrica trabalhar 12 horas por dia para ver o gosto que tem para nos edificar com o seu exemplo?"

Reafirma a importância da organização dos trabalhadores, uma vez que ela traz a instrução, por meio do convívio o que garantirá a verdadeira libertação:

Operários! Fugi da igreja e do contacto de seus ministros, sacerdotes, padres, coroinhas e sacristães, porque todos estes urubús vivem do suor e do dinheiro dos trabalhadores que lhes é arrancado a troco de rezas, do latim, de hostias e de agua benta e tudo mais que ha na igreja. O vosso lugar e no vosso sindicato, discutindo, lendo, trocando impressões, aprendendo de quem sabe mais e ensinando quem sabe menos. [...]

Figura 13 - *A Plebe*, 13 de março de 1920, página 4

A Plebe defendia o projeto das Escolas Modernas, publicava regularmente anúncios e organizava eventos em prol das escolas (Figura 14).

Transcrição

Instituto de Instrução e Educação para menores e adultos de ambos os sexos.

Aulas diurnas e nocturnas

Ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilita para o inicio das actividades intelectuais e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo científico.

Figura 14 - *A Plebe*, 16 de junho de 1917, anúncio na página 4

Escola Moderna N. 1

Instituto de Instrução e Educação para menores e adultos de ambos os sexos

Aulas diurnas e nocturnas

Ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilita para o inicio das actividades intelectuais e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo científico

CURSO PRIMARIO — Rudimentos de Português, Arithmetica, Calligraphia e Desenho.

CURSO MEDIO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Princípios do Sciences, Calligraphia e Desenho.

CURSO ADEANTADO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Noticias do Sciences Physicas e Naturales, Historia, Geometria, Calligraphia, Desenho, Dactylographia.

Para os alunos haverá também caçadas: caçadas, bordados, etc.

Aulas diurnas

Horário: das 11 1/2 às 16 1/2 (das 11 1/2 da manhã à 4 1/2 da tarde).

Mensalidades: curso primário ou medio, 4\$000; curso adeantado, 5\$000.

Aulas nocturnas

Horário: Das 19 às 21.

Mensalidades: curso primário ou medio, 4\$; curso adeantado, 7\$.

DIRECTOR — PROFESSOR FLORENTINO DE CARVALHO
Avenida Celso Garcia, 262 - Belenzinho - S. Paulo

Figura 15 - *A Plebe*, 28 de fevereiro de 1920

4

A Escola Moderna ou racional

Que a escola racionalista é a escola do futuro não resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jezuiticos desta terra investiram contra as modestas Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais aos interesses das altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jezuiticos, reacionarios, ultra-conservadores e apoucados de juizo e de previsão social!

E, facto curioso, havendo uma Liga Nacionalista com o escopo de matar o analfabetismo nesta terra de bandeirantes, ninguém deu fé que dita instituição protestasse contra o ato abusivo e prepotente dos governantes mandando encerrar escolas numa terra de analfabetos, onde a maioria da população não sabe ler, o que é considerado o maior flagelo que aflige o Brazil. E que todos, gregos e troianos, como bons burguezes que se prezam de ser, entendem que a escola é muito boa só quando tem o fim de fortalecer o pedestal da exploração burgueza. A não ter a escola esta missão, acabe-se com a escola.

E os trabalhadores, diante disto, devem convencer-se de que não ha meio algum que force a burguezia a deixar realizar a obra de evolução dos espíritos

c) Ajudar moral e materialmente os sindicatos que, conhecido o seu esforço maximo para pôr em prática esta necessidade, não possam chegar á sua realização.

d) Para pôr em execução o exposto dever-se-á estabelecer uma cota obrigatoria, que poderá ser de dez centimos por mês ou de uma peleia anual, que serão administrados pelo citado Comité Nacional pró-instrução.

O Congresso, depois de acordar que para se executar o já exposto, se encarregue a Liga dos Professores racionalistas, decide mais: «Que os Sindicatos que tenham forças e meios para o fazer, instituam imediatamente essas escolas e que tanto o Comité pró-instrução como os sindicatos ao abrir essas escolas, tenham em conta as normas naturais e logicas do ensino, devendo limitar o numero de alunos; que as escolas reunam todas as condições de higiene, ventilação e alegria necessarias e que os professores sejam retribuidos de forma que não tenham que recorrer a outras ocupações para poder viver com decôro.

Para desenvolver a cultura os Sindicatos terão escolas para adultos, com caráter preparatorio, afim de que os individuos adquiram os conhecimentos necessários para desempenhar os cargos

0
si
v.
a
o
c
d
d

Transcrição:

A Escola Moderna ou racional

Que a escola racionalista é a escola do futuro não resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jezuiticos desta terra investiram contra as modestas Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais aos interesses das altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jezuiticos, reacionarios, ultra-conservadores e apoucados de juizo de previsão social!

[...] governantes mandando encerrar escolas numa terra de analfabetos, onde a maioria da população não ler, o que é considerado o maior flagelo que aflige o Brazil.

O artigo (Figura 15) defende o modelo das escolas modernas, ataca diretamente o governo que, por ser "reacionário", "apoucado de juízo de previsão social", manda fechar escolas em uma terra de analfabetos. Demonstra como o modelo de ensino racional e científico trará benefícios aos trabalhadores, que ao adquirirem conhecimento, terão seus "espíritos evoluídos", e se tornarão aptos para transformarem a sociedade em justa e solidária.

Apresenta uma proposta para criação e manutenção das escolas modernas, vinculando a existência das mesmas aos sindicatos e entidades de classe, ressaltando a importância da cultura e do conhecimento para todos, como forma de diminuir o abismo social.

Este modelo de escola sofreu várias perseguições das autoridades, culminando no fechamento de duas unidades em novembro de 1919 (Figura 16).

Transcrição

Encerram as Escolas Modernas de S. Paulo
 No entanto, protegem os coios de clericanalha
 A polícia, manejando os seus bonecos da Directoria da Instrucção Publica, que pá perdeu a altivez e a Independencia que lhe ficavam bem, ordenou o fechamento das Escolas Modernas, uma a Avenida Celso Garcia, 262, do professor João Penteado, e outra á Rua Maria Joaquim, 13, do Professor Adelino de Pinho.

Acusa a Diretoria de Instrução Pública de perseguir o ensino científico, protegendo os abrigos de malfeiteiros, vacalhoutos que são as escolas dos clérigos canalhas.

Esses professores receberam offícios do dr. Oscar Thompson declarando que, tendo sido verificado pela Secretaria da Justiça que as suas escolas, "visando a propagação das ideias anarchicas e a implantação do regimen communista ferem de modo inílludivel a organização politica e social do paiz". Por isso foi decretado o seu fechamento.

A diretoria, para autorizar o fechamento, afirmou que as escolas propagavam ideais contra a paz social, divulgando ideais anarquistas e comunistas.

Mesmo que as affirmações da Secretaria da Justiça fossem verdadeiras, esse acto só poderia ser levado a efecto se a sua acção se estendesse ás escolas corruptoras que existem em todos os pontos da capital e do interior, onde se ministra ás pobres creanças toda a sorte de mentiras religiosas e sociaes.

Querem maior attentado à consciencia do que as escolas dirigidas por padres desvão escuros de infectas sachistias?

Questiona a postura sectária do órgão público, demonstrando a proteção às instituições religiosas, que corrompem os alunos com práticas e fundamentos regiliosos.

Essas escolas são verdadeiras fabricas de escandalos que o publico não desconhece e é o primeiro a commentar.

Porque motivo a polícia não mandou fechar o Orphanato Christovão Colombo? Pelo contrario... Subsidiam-no o Municipio e o Estado com grossas sommas, assim como todos os padres Faustinos, a todos os padres Consoni que corrompem, violam e matam as infelizes creanças brazileiras!

Acusa os padres de pedofilia, já que eles corrompem, violam e matam as crianças, nos ambientes sujos e escuros das paredes das suas escolas e orfanatos que são financiados pelo governo.

Para esses que enchem os hospicios de loucos, as secretarias de idiotas, as ruas de decahidas, e as esquinas de invertidos, a polícia não tem olhos, pois sabe que a degradação dos povos é a riqueza dos *trusts* politicos e commercias. Seus olhos colericos estão voltados para os logares onde se diz a creança que a sciencia é a unica verdade existente e que o homem que vive do trabalho de outro homem é um ladrão!

Apontam as consequências diretas das ações destes padres, a loucura, a prostituição de homossexuais, a degradação da moral em defesa dos interesses dos grupos e associações de políticos e empresários.

Chama a atenção que o diretor da escola é Florentino de Carvalho, colunista do *Guerra Sociale*, que publicou vários artigos contra o socialismo e protagonista de uma desavença política com Teodoro Monicelli, diretor do jornal *Avanti!*.

Figura 16 - *A Plebe*, 29 de novembro de 1919

serem de modo intiludivel a organização política e social do paiz. Por isso foi decretado o seu fechamento.

Mesmo que as afirmações da Secretaria da Justiça fossem verdadeiras, esse acto só poderia ser levado a effeito se a sua ação se estendesse ás escolas corruptoras que existem em todos os pontos do capital e do interior, onde se ministra ás pobres creanças todo o sorte de mensagens religiosas e sociais.

Querem maior alienado á consciencia do que as escolas dirigidas por padres nos desvãos escuros de infelizes sachrislhos?

Essas escolas são verdadeiros fabricas de escândalos que o público não desconhece e é o primeiro a comentar.

Porque motivo a polícia não mandou fechar o Orphanato Christovão Colombo? Pelo contrario... Subsidiaram-no o Municipio e o Estado com grossas sommas, assim como a todos os padres Faustinos, a todos os padres Consoni que corrompem, violam e malam as infelizes creanças brasileiras!

Para esses que enchem os hospícios de loucos, as secretarias de idiotas, as ruas de decahidas, e as esquinas de invertidos, a polícia não tem olhos, pois sabe que a degradação dos povos é a riqueza dos *trusts* políticos e commerciaes. Seus olhos coléricos estão voltados para os logares onde se diz á creança que a sciencia é a unica verdade existente e que o homem que vive do trabalho de outro homem é um ladrão!

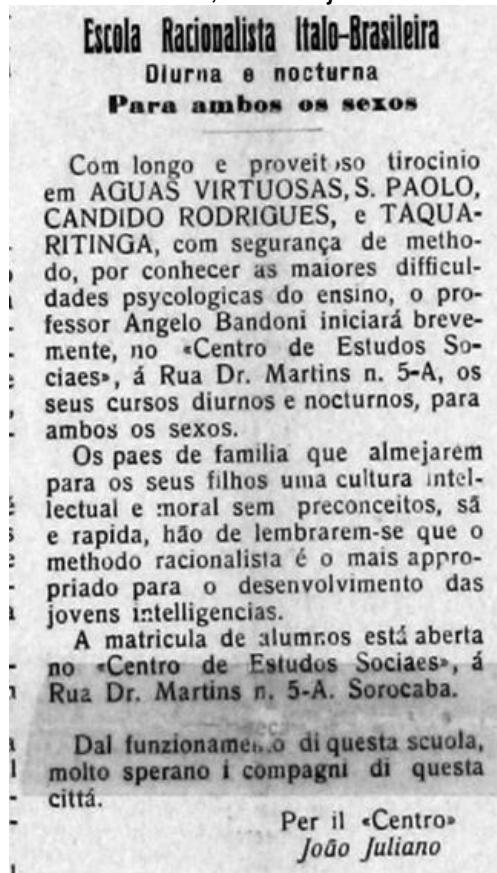
Encerram as Escolas Modernas de S. Paulo

No entanto, protegem os coios de clericanalha

A polícia, manejando os seus bonecos da Directoria da Instrução Pública, que já perdeu a altivez e a Independencia que lhe fizeram muito bem, ordenou o fechamento das Escolas Modernas, uma á Avenida Celso Garcia, 262, do professor João Penteado, e outra á Rua Maria Joaquim, 13, do professor Adelino de Pinho.

Esses professores receberam ofícios do dr. Oscar Thompson declarando que, tendo sido verificado pela Secretaria da Justiça que as suas escolas, «visando a propagação das ideias anarquistas e a implantação do regimen comunista,

Figura 17 - *Guerra Sociale*, 23 de junho de 1917, página 4



O artigo apresenta a escola Escola Racionalista Italo-Brasileira apresentando o curso como racionalista, isto é, com o método de ensino voltado para a razão, independente de autoridades, cuja concepção filosófica são universais e fruto de estudos e pesquisas: “Os paes de familia que almejarem para os seus filhos uma cultura intelectual e moral sem preconceitos, sã e rapida, hão de lembrarem-se que o methodo racionalista é o mais appropriado para o desenvolvimento das jovens intelligencias.”

Esta escola apresenta um projeto de ensino próprio do modelo anarquista conforme demonstrou Toledo (2004, p. 43) "a luta da razão contra a ignorância e a superstição, na luta do progresso contra o passado, na ciência e na educação". Além dos artigos apresentados, em vários momentos os jornais analisados defendem a instrução como forma de emancipação social. Tanto com a frequência em escolas com projetos educacionais como a moderna, como por meio de leitura, encontros, teatro etc.. Todos os jornais publicavam o rol de livros que faziam parte do acervo e estavam à disposição de todos os interessados.

Outro aspecto importante da filosofia anarquista era o embate constante com a religião.

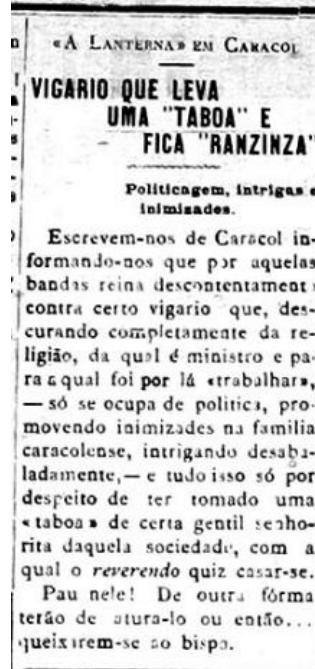
Figura 18 - *A Lanterna*, 15 de abril de 1916, 1ª página



O jornal se apresenta como "anticlérical", a ideia principal era que a religião estava a serviço da elite, com práticas e discursos que levavam à alienação, possibilitando o controle e dominação da sociedade.

No artigo anterior o ataque foi direto em relação ao modelo de educação e das práticas abusivas dos padres. No artigo Manejos Clericais, o jornalista demonstra como o padre, utilizando dos preceitos católicos, busca alienar os fiéis com a promessa de que, todos os males terrenos serão recompensados com o paraíso após a morte.

Já o artigo a seguir, publicado em *A Lanterna*, acusa o padre de deixar de cumprir com os seus compromissos cristãos, semeando intrigas e fofocas com práticas políticas, gerando descontentamento. Conclama a paróquia a agir contra o padre: "*Pau nele!*". Caso contrário, que se resignem e o aturem.

Figura 19 - *A Lanterna*, 15 de Abril de 1916, página 3

Trancrição

VIGARIO QUE LEVA UMA "TABOA" E FICA "RANZINZA" .
 Politicagem, intrigas e inimizades.
 Escrevem-nos de Caracol informando-nos que por aquelas bandas reina descontentamento contra certo vigário que, descurando completamente da religião, da qual é ministro e para a qual foi lá "trabalhar", só se ocupa de política, promovendo inimizades na família caracolense, intrigando desabaladamente, - e tudo isso só por despeito de ter tomado uma "taboa" de certa gentil senhorita daquela sociedade, com a qual o reverendo quiz casar-se. Pau nele! De outra forma terão de atura-lo ou então ... queixarem-se ao bispo.

Portanto, para implantar a sociedade anarquista, era necessário o fim das religiões, pois ela fomenta o preconceito, a desunião e a superstição.

Os sindicatos também se constituíram como um forte instrumento de transformação social:

As relações entre sindicalismo revolucionário e anarquismo são bastante complexas e de forma alguma um pode ser reduzido ao outro. Parte do equívoco de associar todo o movimento operário da Primeira República ao anarquismo foi a tendência de incorporar o sindicalismo revolucionário ao anarquismo, com o nome de anarco-sindicalismo. Entretanto são movimento diferentes. (...) A base e o fundamento do sindicalismo revolucionário era o texto aprovado no congresso da CGT (Confédération Générale du Travail) francesa em 1906. Ele afirmava a independência do sindicalismo em relação ao socialismo e ao anarquismo. Seus objetivos centrais eram organizar os trabalhadores na defesa de seus interesses morais, econômicos e profissionais (TOLEDO, 2004, p. 49).

Toledo apresenta uma diferença entre os termos anarco-sindicalismo e sindicalismo revolucionário. Na visão da autora, o termo sindicalismo revolucionário vem da adoção de propostas anarquistas e socialistas, que unidas criaram um método de inserção junto à classe trabalhadora, ou seja, a organização dos operários por meio dos sindicatos, tendo como instrumentos de lutas as greves, passeatas e mobilizações.

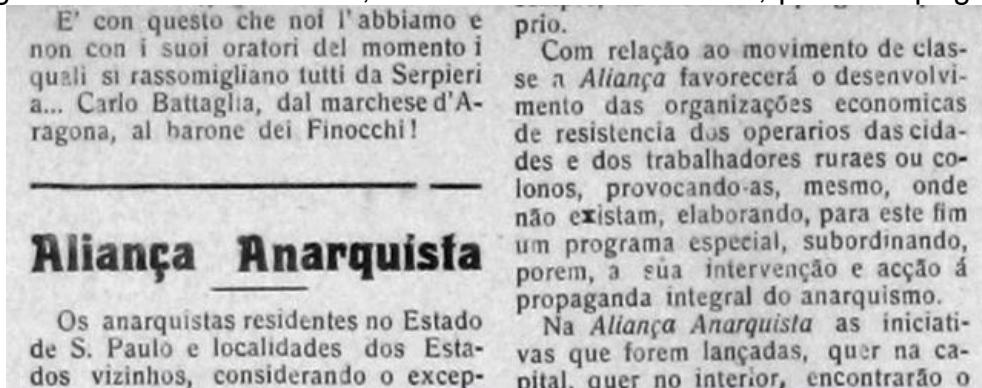
Na verdade, a descrição da ação adotada pelos sindicalistas muito se aproxima da definição de anarco-sindicalismo adotada por Giannotti e Decca: "Anarco-sindicalismo: corrente política predominante no movimento operário brasileiro até 1922, que priorizava a ação e a organização sindicais" (DECCA, 1991, p. 87). Apesar da divergência na nomenclatura, doravante, quando utilizadas neste trabalho as referências ao movimento sindical do termo anarco-sindicalismo será neste sentido empregada, como o é pela maioria dos historiadores pesquisados.

Para o anarco-sindicalismo, o sindicato era fruto da organização voluntária dos próprios trabalhadores, ele representava a união e, principalmente, o reconhecimento de classe, a qual, todos se identificavam e se reuniam para defesa dos interesses. Para o movimento, a negociação deveria ocorrer diretamente entre os trabalhadores e empresários. As greves, as assembleias, passeatas, jornais e outros instrumentos de mobilização foram mecanismos importantes de pressão e defesa das reivindicações dos trabalhadores.

O anarco-sindicalismo foi uma forma de organização direta, por meio de ações revolucionárias, que buscava uma orientação libertária com o objetivo da emancipação da classe trabalhadora em relação à exploração do capitalismo.

Este movimento visava essencialmente a defesa integral da personalidade humana, a liberdade, a solidariedade, o apoio mútuo e a associação voluntária.

Figura 20 - *Guerra Sociale*, 30 de setembro de 1916, primeira página



O artigo apresenta a Aliança Anarquista, uma organização que visa a integração de todos os anarquistas que estão no Brasil, com um programa único, métodos de atuação e práticas unificadas. Dentre as propostas defendidas, a criação e a organização das entidades econômicas de classe, que nada mais são do que os sindicatos.

Transcrição:

Com relação ao movimento de classe a Aliança favorecerá o desenvolvimento das organizações economicas de resistencia dos operarios das cidades e dos trabalhadores ruraes ou colonos, elaborando, para este fim um programa especial, subordinando, porem, a sua intervenção a acção á propaganda integral do anarquismo.

A *Lanterna* de 1º de Maio de 1916, página 4, publica a imagem de uma página, onde estão as fotos de vários militantes anarquistas, e palavras de ordem na qual defendem o ideais do sindicalismo revolucionário: "A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra da acção direta dos próprios trabalhadores. Trabalhadores! Sois pequenos porque estais de joelhos. Levantais-vos, pois!"

Figura 21 - *A Lanterna*, 1º de Maio de 1916, página 4



O artigo (Figura 22) comenta sobre as atividades da Aliança Anarquista, na organização dos movimentos operários. Relata que após duas décadas, os esforços estão surtindo efeito com o surgimento de organizações operárias, que antes eram dispersas e agora estão se unindo em uma ação conjunta e coesa.

VIDA LIBERTARIA

Urge despertar para a acção que o movimento reclama

[...] A nossa propaganda vai, talvez, para mais de duas décadas que aqui se faz, com alguma intermitência, seguida, de quando em quando, de agitações populares ou de movimento, coordenando os esforços, organizando os elementos dispersos aqui e ali, privados dos bons resultados consequentes da acção conjunta.

Esse é o trabalho que agora se está tratando de levar a cabo, já se tendo a prova de que, com esforço e perseverança, bastante se poderá conseguir nesse sentido.

Figura 22 - A Plebe, 09 de junho de 1917, página 2

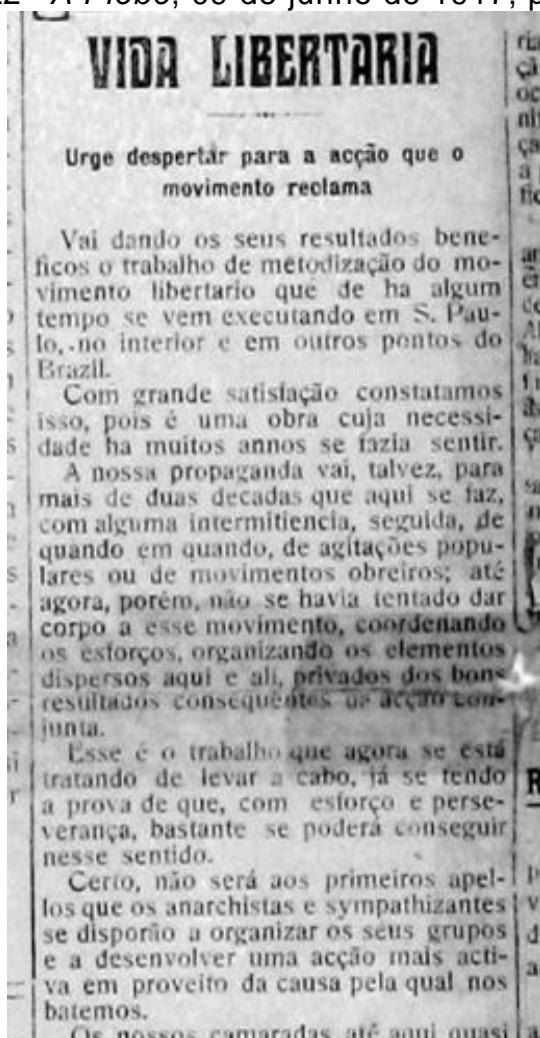
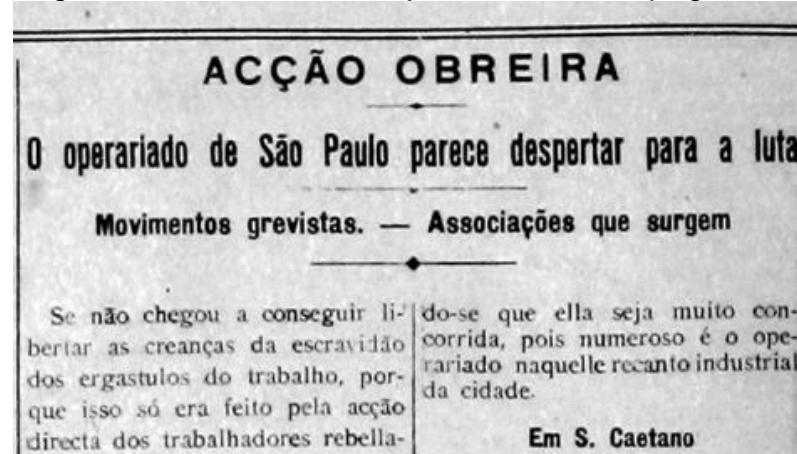


Figura 23 - *A Plebe*, 9 de junho de 1917, página 3

No mesmo exemplar, na página 3 (Figura 23), o jornal relata sobre os resultados das reuniões e assembleias, cujo objetivo era a tomada de consciência dos operários e que, agora estão surtindo resultado com as inúmeras associações de classe que estão sendo criadas.

Um dos mais influentes instrumentos de inserção anarquista foram os jornais operários, que por suas características próprias constituem um rico material de análise. Pelas inúmeras dificuldades do contexto, em sua maioria tiveram uma curta duração, o que não diminui a sua importância.

Em São Paulo, já no final do século XIX, haviam sido fundados vários jornais anarquistas, como *Gli Schiavi Bianchi*, *L'Asino Umano* e *Il Risveglio*, que geralmente tiveram vida breve. A ação prática dos grupos ligados a eles consistia na propaganda escrita e oral e em algumas comemorações e manifestações públicas. Nos anos seguintes, vários outros jornais seriam fundados. No esforço em favor da educação, que daria aos homens uma consciência revolucionária, a imprensa era o veículo de maior alcance, de forma que criar um jornal era o passo habitual dos grupos anarquistas em várias partes do mundo. Era uma experiência de informação alternativa e oposta à grande imprensa. Os jornais anarquistas eram vendidos ou distribuídos na ruas de São Paulo (TOLEDO, 2004, p. 43).

São estes documentos que doravante serão analisados.

1.4. Os jornais operários

Os jornais dos movimentos operários do começo do século XX são documentos importantes que retratam a vida dos trabalhadores naquele momento. Estes periódicos surgiram junto com as indústrias e retratam a realidade dos operários brasileiros e imigrantes que era de extrema pobreza, miséria e abandono.

Artigo assinado por Nathanael Pereira, intitulado Hora Propicia – Mendigo.

Transcrição:

Dante de certas acções praticadas pelo homem dá vergonha a gente pertencer a familia desse animal.

M. C. de Paula Teixeira

Até bem pouco tempo eu supunha que o meu semelhante fosse muito melhor do que é...

Mendigo

Reducir o homem á escravidão é uma tyrannia abjecta: a mendicidade uma vileza inqualificavel.

Contradicamo-nos: diante da transformação do teu titulo, homem do trabalho, titulo que uma grande maioria já considerava deprimente, arrazoando consigo que ser proletario é ser escravo, importa, ainda que a contra-gosto, raciocinar um pouco, mesmo agora, que, de dentro da sua felicidade, os eleitos da fortuna, apavorados, ou condoidos da tua desgraça, espíram para o teu lar desprovido e buscam minorar a tua miseria, com um obulho irrisorio...

O autor chama a atenção para a condição de miséria a qual está sujeita o trabalhador, a ponto de necessitar mendigar para garantir a sua subsistência. Compara a situação do trabalhador com a dos burgueses, "os eleitos da fortuna", que estão apavorados, tão próximos de si, a realidade de miséria de grande parte da população.

Pensa um pouco, trabalhador:- Não foste tu o factor de tudo quanto existe de util? o cultivador dos campos, o criador paciente dos gados, o fabricante do queijo e da manteiga, das conservas alimenticias, o tecelão de todos os estofos, o constructor das habitações, das escolas, dos palacios, das usinas, dos laboratorios de todas as especies, das estradas de ferro, dos grandes transatlanticos, das linhas telegraphicais e telephonicas, dos carros, das carruagens, dos automoveis, dos aeroplanos, dos dirigíveis?...Não é tu que desces à profundidade dos mares e às entranhas da terra para la ir buscar a perola e o coral, o ouro e o diamante, o petroleo, o ferro, o carvão de pedra, que são o poder e o fausto dos teus senhores?...

Demonstra ao trabalhador, todos os benefícios que o seu trabalho trouxe para sociedade, valorizando as suas atividades, resgatando a sua autoestima, mas ao

mesmo tempo, demonstra que o fruto de tanto trabalho está nas mãos de poucos: "teus senhores"...

[...] E, entretanto, como é que sendo tu o factor de tudo isso, assim te vemos agora estendendo a tua mão vasia áquelle pelos quaes tanto fizeste, afim de que elles te dêm, por esmola, espalhafatosamente, a ti que és mendigo, a insignificancia de um pedaço de pão, a ninharia de um trapo?!

[...] Nada disso, homem pobre, nada disso, trabalhador honesto e mendigo!...[...]

O resultado de tanto esforço não retornou para quem o produziu, ao contrário, o trabalhador vive em situação de mendicância. No artigo, o autor tanto menciona os efeitos da guerra e afirma que os ricos permanecem vivendo em seus palácios, vivendo com luxo e bonança, enquanto os pobres morrem nos campos de batalha e de miséria.

Situação esta constatada por Decca:

Os salários operários, desde o final do século XIX até 1930/1940, ficaram sistematicamente aquém dos aumentos de preços e do de vida de maneira geral. Os salários do proletariado urbano e fabril apresentaram um poder aquisitivo muito baixo ao longo de todo esse período (DECCA, 1991, p. 44).

Apesar de grande parte dos trabalhadores do período ser analfabeto, os editores e jornalistas realizavam um esforço muito grande para atrair os operários, que muitas vezes não conseguiam ler as notícias, mas que, pelas redes sociais que existiam no período, acabavam tendo informações sobre as mais diversas formas de pensar e agir no mundo dos trabalhadores.

O estudo de Giglio (1995) reafirma a importância destes jornais na formação política destes trabalhadores:

[...] o jornal operário era um produto cultural particular capaz de formar uma comunidade de leitores ouvintes que alimentavam-se das ideias e debates surgidos naqueles círculos, provavelmente alterando as formas de relacionamento que provocavam a distribuição de pensamentos novos. Mais que uma comunidade de leitores, os impressos operários, por suas características doutrinárias, possibilitaram a formação de uma rede de distribuidores daqueles discursos, tornaram-se detentores de um poder combatido explicitamente por uma malha de instituições (a polícia, a escola, a igreja), especialmente a polícia, nos episódios de fechamento dos jornais e na destruição de bibliotecas de sindicatos (GIGLIO, 1995, p. 52).

Havia toda uma rede social, que era construída tanto no ambiente fabril, quanto nas moradias operárias. Essa rede aproximava os operários e permitia uma constante troca de informação.

É provável que vários trabalhadores aderissem ao anarquismo inspirados pela leitura de algum jornal. Certamente os mais instruídos liam para os demais e é bem possível que um mesmo jornal passasse por várias mãos e fosse conservado e relido (TOLEDO, 2004, p. 46).

O grande diferencial destes documentos, é que estes jornais estavam muito próximos da realidade destes operários, pois eram retratos fiéis de uma dura realidade conforme afirma Decca:

A imprensa operária desse período constitui, enquanto corpo documental, um contraponto às fontes ligadas ao poder, onde a dominação e o controle social são, quase sempre, temas recorrentes. Os jornais de tendência anarquista, anarco-sindicalista, comunista, ou jornais de sindicatos, dos pequenos grupos socialistas ou antifascistas, eram parte integrante do cotidiano da cidade e do ponto de vista de como os trabalhadores viam seus problemas (DECCA, 1987, p. 97).

A citação acima, atesta que os jornais operários estavam muito próximos da realidade vivenciada pelos trabalhadores: eram verdadeiros diários, apresentavam suas reivindicações, narravam as suas lutas, informavam sobre as vitórias e as derrotas. Apresentava a vida dos operários na visão dos mesmos, esta peculiaridade destes jornais os valida como documento. Por outro lado, estes jornais, eram escritos e dirigidos por intelectuais envolvidos com movimentos políticos, e traziam em suas matérias as suas interpretações ideológicas.

A seguir, trechos da coluna Mundo Operário:

A greve da Comp. Textil terminou com a victoria dos operarios
Proseguem as greves do Cotonificio Crespi e dos Canteiros
Um grande comicio de solidariedade
Actividade das Ligas Operarias

O jornal apresenta vários informes sobre as mobilizações, comícios e assembleias, e em destaque, um comunicado dirigido à população:

AO POVO EM GERAL:

Ha dias os operarios do "Cotonificio Rodolfo Crespi" abandoram o serviço, protestando contra a implantação do trabalho nocturno, contra as multas contra a insignificancia dos salarios. Para não morrerem de fome e de fadiga e não serem roubados nos seus haveres com descontos feitos a capricho do patrão, viram-se na necessidade de reclamar um horario de trabalho mais equitativo e um salario approximadamente suficiente para cobrir as mais imperiosas necessidades, bem como a suppressão de qualquer desconto.

Em resposta a tão justas e humanitarias pretenções, o moderno senhor feudal que explora esses operarios tratou de reprimir o movimento pela força bruta, pedindo para isso o concurso das autoridades.

Por esse motivo, em signal de protesto, os operários que ainda continuavam trabalhando abandoram o serviço, declarando-se solidarios com seus companheiros.

Isso, porém, não basta. É preciso, é imprescindivel que a solidariedade para com esses camadaras hoje em luta contra os deshumanos exploradores, seja prestada os trabalhadores, pelo povo em geral, cumprindo a divisa: um por todos e todos por um. A victoria destes operarios representa uma victoria do povo escravo e productor. É um passo para liberdade, para a emancipação dos opprimidos.

Convidamos, portanto, a todos os operarios e operarias, adultos e menores e ao povo em geral a comparecer ao grande comicio a realizar-se domingo, 24 do corrente, ás 6 horas da tarde.

NO LARGO S. JOSE

(Belemzinho)

[...] A COMISSÃO ORGANISADORA

Os temas reincidentes publicados neste período são a situação de miséria dos trabalhadores em decorrência dos baixos salários e a forte repressão das autoridades em relação ao movimento. Vários são os informes publicados nos jornais a este respeito.

Em outro trecho da mesma coluna, verifica-se a ação direta dos jornalistas envolvidos com os movimentos, uma vez que foi registrada a presença do editor de *A Plebe*, Edgard Leuenroth, na fundação da Liga Operaáia da Lapa e Água Branca. O jornalista fez uma análise da realidade dos trabalhadores "situação desesperadora do proletariado", reforçou a necessidade e esclareceu aos presentes sobre as formalidades em relação à fundação da entidade:

"Foi fundada a Liga Operaria da Lapa e Agua Branca

No cinema-Theatro da Lapa e com a presença de algumas centenas de trabalhadores, realizou-se na quarta-feira, á noite, uma reunião convocada afim de ser constituída a Liga Operaria daquelle popular arrabalde.

O companheiro Edgard Leuenroth, depois de falar sobre a situação desesperadora do proletariado e de patentear a necessidade da luta contra a dominação da burguezia, deu leitura, acompanhada das necessarias explicações, das bases de accôrdo compiladas pelos reorganizadores da União Geral dos Trabalhadores e adoptadas pelas ligas da Moóca e do Belemzinho. (...)

A seguir, trechos da coluna "Verdades que não se dizem", de Ornazi Costa, publicada na mesma página:

O progresso não se tem realizado por causa dos governos, mas apesar delles e contra a sua vontade. Logo, os governos são nocivos à humanidade:portanto, devem ser abolidos.

Os patrões procuram subtrahir aos empregados a mais elevada somma de energia productiva que puderem e pagar-lhes o mais mesquinho salario; os empregados, por sua vez, fogem ao trabalho o quanto lhes é possível, e desejam sempre ganhar um melhor ordenado; portanto, são inimigos reciprocos. O que devem fazer, pois, os que formam a maioria e que tiverem mais direito a vida, é congregar suas forças e exterminar os vampiros que lhes sugam o sangue.

Billac affirma - e o governo o secundo nessa affirmação - que o exercito é o filtro onde se depura o caracter; ora, no exercito aprende-se a matar e a saquear. Logo, o homicida e o ladrão são homens de caracter depurador. Estão legalizados o homicidio e o roubo. Rasguem-se portanto, os codigos e fechem-se as prisões.

As habitações, os alimentos, as vestes, tudo o que existe e que é necessário á humanidade foi e é criado pelo braço do homem. Sem o trabalho nada existiria: ora o padre come, bebe e veste-se sem trabalhar. Logo, come, bebe e veste-se á custos dos que trabalham.
Ornazi Costa.

Resumidamente, Costa apresentou as principais propostas anarquistas, conforme citou Toledo:

Os anarquistas desejavam uma transformação completa da sociedade: a solidariedade, o bem-estar de todos, a liberdade, o fim da violência, das religiões, da propriedade privada, dos governos, dos parlamentos, dos exércitos, da polícia, da magistratura e de todas as intituições que consideravam autoritárias e violentas (TOLEDO, 2004, p. 42).

A forma como as colunas foram dispostas chama muito a atenção. Ao lado dos informes das greves, assunto que deveria suscitar grande curiosidade no momento, são publicadas colunas como a de Costa, com questionamentos sobre o

cotidiano, fazendo uma ligação direta dos acontecimentos com os princípios anarquistas.

Figura 24 - *A Plebe*, 23 de Junho de 1917, página 3

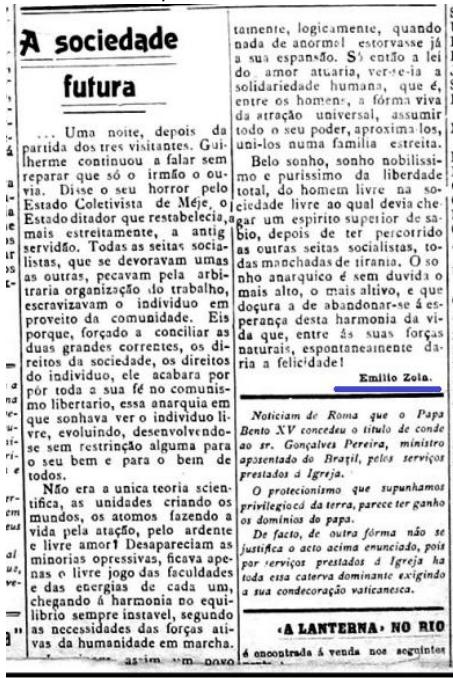


Hadassa Grossman, em seu artigo “A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária”, demonstra que, estes jornais, buscavam trazer aos operários as discussões que estavam sendo travadas em outros países, abordavam o tema da solidariedade, da união de classe, da exploração, aproximavam a realidade dos operários paulistas com a do restante do mundo:

Procurando atingir e influenciar uma certa parte da população, o editor de um periódico de esquerda devia provavelmente escolher, com um objetivo definido e dentro de uma ótica precisa, os avisos e notícias a serem impressos. Em seus artigos, podemos constatar a influência clara de pensadores e teóricos europeus, traduzidos para o italiano, português e espanhol. Os nomes de Comte, Spencer, Darwin, Zola, Ruskin, Gorki, Kropotkine, Tolstoi, Proudhon, Stiner, Nietzche, Bakounine e Reclus ali figuraram regularmente.

Ali encontramos apelos à solidariedade, balanços sobre a coleta de fundos, avisos sobre as chamadas de greve, ao boicote e a outras manifestações operárias. Anúncios, propagandas e publicidades sobre outras publicações de caráter militante em favor do proletariado, anúncios de brochuras, panfletos e livros publicados separadamente, enfim, todos os tipos de informação ali figuravam (GROSSMAN, 1998, p. 69).

Figura 25 - *A Lanterna*, 15 de Abril de 1916, página 4



Trancrição:

A sociedade futura

...Uma noite, depois da partida dos tres visitantes, Guilherme continuou a falar sem reparar que só o irmão o ouvia. Disse o seu horror pelo Estado Coletivista de Méje, o Estado ditador que restabelecia, mais estreitamente, a antiga servidão. Todas as seitas socialistas, que se devoravam umas as outras, pecavam pela arbitrarria organização do trabalho, escravizavam o individuo em proveito da comunidade. Eis porque, forçado a conciliar as duas grandes correntes, os direitos da sociedade, os direitos do individuo, ele acabara por pôr toda a sua fé no comunismo libertario, essa anarquia em que sonhava ver o individuo livre, evoluindo, desenvolvendo-se sem restrição alguma para o seu bem e para o bem de todos.

Não era a unica teoria científica, as unidades criando os mundos, os atomos fazendo a vida pela atração, pelo ardente e livre amor! Desapareciam as minorias opressivas, ficava apenas o livre jogo das faculdades e das energias de cada um, chegando à harmonia no equilíbrio sempre instável, segundo as necessidades das forças ativas da humanidade em marcha.

O texto de Zola, escritor naturalista do século XIX, aborda uma situação comum a muitos anarquistas, a transição do socialismo para o anarquismo. Toledo (2004, p. 38) aborda esta situação ao descrever a vida de Giulio Sorelli, militante "político-sindical". Inicialmente Sorelli "conheceu as lutas operárias e camponesas a partir da leitura de jornais e aderiu ao socialismo. Com o passar dos anos, ele se envolveu na militância sindical, passando a atuar diretamente em associações e ligas operárias, aderindo ao anarquismo.

Não era a unica teoria scientifica, as unidades criando os mundos, os atomos fazendo a vida pela atação, pelo ardente e livre amor! Desapareciam as minorias opressivas, ficava apenas o livre jogo das faculdades e das energias de cada um, chegando á harmonia no equilibrio sempre instavel, seguda as necessidades das forças ativas da humanidade em marcha.

O trecho aborda a questão do racionalismo e do cientificismo muito defendido e propagado pelos anarquistas. Segundo a filosofia, quando o homem tiver adquirido o conhecimento intelectual científico, se aproximará mais da razão, motivo pelo qual, sentimentos de solidariedade, fraternidade se tornarão naturais.

(Trecho do jornal que está danificado)

tamente, logicamente, quando nada de anormal estorvasse já a sua espansão. Só estão a lei do amor atuaria, ver-se-ia a solidariedade humana, que é entre os homens, a forma viva de atração universal, assumir todo o seu poder, aproxima-los, uni-los numa familia estreita.

"Quando nada de anormal estorvasse", isto é, a superstição, a credice e a religião que turvam o poder de raciocínio e de discernimento impedindo o desenvolvimento da solidariedade.

Belo sonho, sonho nobilissimo e purissimo da liberdade total, do homem livre na sociedade livre ao qual devia chegar um espirito superior de sabio, depois de ter percorrido as outras seitas socialistas, todas manchadas de tirania. O sonho anarquico é sem duvida o mais alto, o mais altivo, e que doçura a de abandonar-se á esperança desta harmonia da vida que, entre ás suas forças naturais, espontaneamente daria a felicidade!

Emilio Zola.

Por fim, quando estiverem vencidas todas as barreiras, surgirá uma sociedade mais justa e igualitária, uma sociedade anarquista, que terá vencido a "seita socialista", com a sua tirania opressora, pela razão e pela solidariedade universal.

Com a publicação de textos como este, de escritores conceituados como Zola, os jornais aproximam questões teóricas do cotidiano dos trabalhadores. Ao lado desta matéria, o jornal apresenta uma relação de livros que está à disposição dos interessados em italiano, português e espanhol.

Dentre os autores oferecidos: Neno Vasco, Domingos Zapata, Potvin, Saturnino Barbosa, Errico Malatesta, entre outros.

Por serem um retrato da realidade, a própria elaboração dos jornais operários sofria as consequências do contexto, os baixos salários impunham aos operários uma situação de miserabilidade, atraindo mão de obra sem especialização, muitas vezes analfabeta. Esta situação concedeu aos tipógrafos, e demais trabalhadores gráficos uma importância singular na constituição destes periódicos.

Estes profissionais, por força da atividade, tinham que ser alfabetizados, e com o passar dos anos tornaram-se editores e jornalistas dos jornais operários. Conforme ilustra Ferreira (1988, p. 14): "estes profissionais, pela exigência de sua atividade, eram alfabetizados, de forma que desenvolveram e utilizaram o jornal com infinitos resultados positivos".

Foram inúmeras as dificuldades pelas quais, os redatores passaram para manter certa regularidade nas publicações, e essa irregularidade refletia diretamente a situação pela qual os operários estavam atravessando:

No que concerne à frequência e regularidade da publicação dos periódicos que aqui chamamos de "imprensa operária", o único ponto comum a todos eles é a falta de regularidade. De fato, a continuidade da publicação de um periódico anarquista parece refletir aquela do movimento, e as interrupções e hesitações do primeiro poderiam ser o espelho do segundo (FERREIRA, 1988, p 69).

Para o desenvolvimento do presente trabalho serão analisadas três publicações:

Jornais

1 - <i>A Lanterna</i> : de 1915: 27 de fevereiro a 1916: 15 de abril
Total: 03
2 - <i>A Plebe</i> : de 1917: 9 de junho a 1920: 7 de agosto
Total: 41
3 - <i>Guerra Sociale</i> : de 1916: 22 de abril a 1917: 11 de agosto
Total: 28

1.4.1. *A Lanterna*

Antecessor de *A Plebe*, iniciou sua circulação em São Paulo no ano de 1901, seu editor/diretor era o Dr. Benjamin Motta. Em suas pesquisas, Toledo (2004, p. 44), apresenta o editor: "Benjamim Mota, advogado e ex-republicano, que defendeu muitos militantes em processos e prisões, aderiu ao anarquismo em 1897". Possuiu certa regularidade até 1904. Em 17 de outubro de 1909 (PAULA, 2005), a direção do jornal passou às mãos de Edgard Leuenroth, que publicou o periódico até 1916.

Em 09 de junho de 1917 foi substituído pelo *A Plebe* que manteve-se em atividade até 1947.

A Lanterna começou a ser publicada em 7 de março de 1901. Segundo Fausto (1977), a tiragem do primeiro número chegou a dez mil, atingindo um ápice de vinte e seis mil exemplares, para depois declinar e estabilizar-se em seis mil números. De 15 de dezembro de 1903 a 24 de janeiro de 1904, teve 28 edições diárias. Essa primeira fase durou até 29 de fevereiro de 1904, contando 60 números publicados. Interrompida a publicação em 1904, o jornal foi reaberto em 1909, quando teve em sua direção Edgard Leuenroth, que permaneceu à sua frente até 1917 (FIGUEIRA, 2003, p.01).

Figura 26 - *A Lanterna*, 15 de Abril de 1916, 1ª página

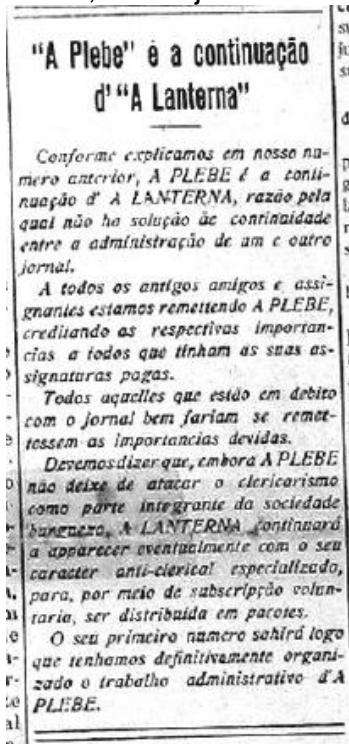


1.4.2. A Plebe

A *Plebe*, provavelmente um dos jornais mais conhecidos e estudados do período, resultado do esforço de inúmeros militantes anarquistas, inicia suas publicações em 9 de junho de 1917.

Afim de consolidar seu espaço e manter o público anterior, em suas primeiras edições faz questão de ressaltar que é a continuação do jornal *A Lanterna*, e que pretende manter a mesma linha editorial como a relação com os assinantes do período anterior.

Figura 27 - *A Plebe*, 16 de junho de 1917, 1ª página



Transcrição:

"A Plebe" é a continuação d' "A Lanterna"

Conforme explicamos em nosso numero anterior, A PLEBE é a continuação d' A Lanterna, razão pela qual não ha solução de continuidade entre a administração de um e outro jornal.

A todos os antigos amigos e assignantes estamos remettendo A PLEBE, creditando as respectivas importancias a todos que tinham as suas assignaturas pagas.

Devemos dizer que, embora A PLEBE não deixe de atacar o clericarismo como parte integrante da sociedade burgueza, A LANTERNA continuará a aparecer eventualmente com o seu caracter anti-clerical especializado, para, por meio de subscrisção voluntaria, ser distribuida em pacotes.

O seu primeiro numero sahirá logo que tenhamos definitivamente organizado o trabalho administrativo d' A PLEBE.

Em seu primeiro número comunica que *A Plebe* está substituindo *A Lanterna*. Deixa claro que manterá o caráter combativo e apresenta o primeiro editorial, assinado por Leuenrouth, intitulado “Rumo a Revolução Social”.

Faz um breve relato da história de *A Lanterna* e evidencia a proposta do jornal: “ser um eco permanente das lamentações”, defender os interesses dos operários “escravos modernos”, pela luta em prol da solidariedade, fraternidade e igualdade de classes.

A Plebe não se apresentava apenas como representante da “voz do operariado paulista”. A proposta era maior, ser “eco dos protestos e do clamor ameaçador desta plebe imensa”. Buscava representar não apenas os operários paulistas, mas todos os trabalhadores explorados do Brasil.

Figura 28 - *A Plebe*, 9 de junho de 1917



Transcrição de trecho :

AO QUE VIMOS

Rumo à Revolução Social

A *Plebe*, como facilmente se verifica, é uma continuação da *A Lanterna*, ou melhor dizendo, é a própria *A Lanterna* que, attendendo ás excepcionaes exigencias do momento gravissimo, com nova feição hoje resurge para desenvolver a sua luta emancipadora de uma esphera de accão mais vasta, de mais amplos horizontes, com um integral programma de desassombrado combate a todos os elementos de oppressão que sujeitam o povo deste paiz, como o de toda a terra, á odiosa sociedade vigente, alecerçada por toda(...)

A conflagração horrorosa a que a burguezia vae arrastando, uma a uma, todas as nações, convulsionando o mundo, precipitou espantosamente os acontecimentos de maneira a accelerar a solução dos grandes problemas sociaes que, positivando-se ha meio seculo, traziam agitados todos os povos civilizados da terra.

Urge a accão em todas as suas manifestações, consciente, decidida, vigorosa.

Como é bem de ver, nessa obra titanica cabe logar de destaque á imprensa avançada, a quem está [...].

São quatro páginas editadas, sendo a terceira dedicada aos assuntos sindicais.

Seu diretor e editor é Edgard Leuenroth que foi substituído nas inúmeras ocasiões em que esteve preso.

Figura 29 - *A Plebe*, 22 de setembro de 1917, 1ª página



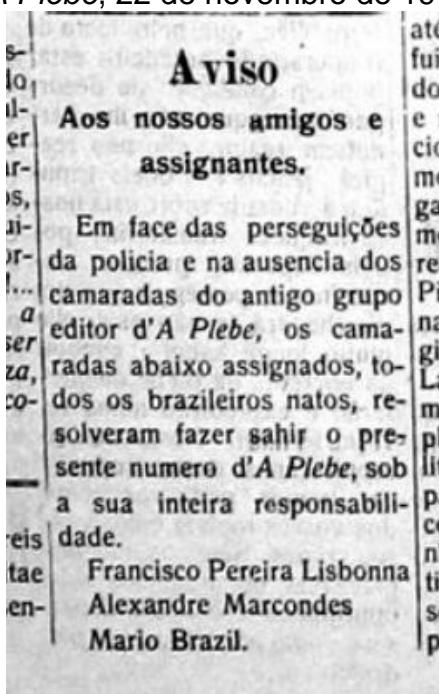
Figura 30 - A Plebe, 7 de outubro de 1917, página 8



Artigos informando sobre a prisão de Leuenroth, com manifestações de revolta e solidariedade. O artigo "O processo de Leuenroth", informa que o editor estava sendo acusado de ter participado de um assalto ao Moinho Santista, juntamente com outros acusados.

Segundo o artigo, a justiça estava aplicando tratamento desigual entre os acusados, uma vez que alguns foram libertados pela polícia, apesar de terem sido presos em flagrante, enquanto outros, que foram presos posteriormente ao ato, "sob falsas acusações" permaneciam respondendo detidos, dentre eles Edgard Leuenroth.

Figura 31 - A Plebe, 22 de novembro de 1919, 1ª página



Novamente, o diretor teve que se afastar do jornal por motivos de perseguição das autoridades. A administração do jornal foi assumida por: Francisco Pereira Lisbonna, Alexandre Marcondes e Mario Brazil.

Na época, Leuenroth também era proprietário do *Terra Livre*. Edgard Leuenroth foi militante anarquista, tipógrafo envolvido no movimento operário do começo do século. Atualmente a Universidade de Campinas (Unicamp) possui um arquivo em sua homenagem no qual há um vasto acervo com seus trabalhos.

Possuía como colaboradores: Astrogildo Pereira, Octávio Brandão, Neno Velasco figura proeminente do movimento anarco-sindicalista europeu (RAGO, 1997), Gigi Damiani, pintor e anarquista, e Fábio Luiz.

A Plebe era um jornal militante, e deixava clara sua posição em todas as suas matérias. Possuía um forte discurso contra a exploração pelo empresariado e em defesa dos interesses dos operários. Participava, por meio de seus membros das comissões operárias, organizava as manifestações e defendia os interesses dos operários perseguidos pela polícia, sendo que muitos foram deportados.

Publicava os principais eventos sindicais e possuía uma coluna assinada pelo Centro Feminino Jovem Idealista, que divulgava as reuniões e atividades do grupo.

A partir de 24 de maio de 1919, passou a desenvolver uma campanha para a publicação tornar-se diária.

1.4.3. *Guerra Sociale*

O jornal *Guerra Sociale*, escrito em italiano, possuía algumas colunas em português. Era anarquista, possuía como colaboradores nomes famosos do movimento, dentre eles Edgard Leuenroth, Angelo Bandoni, Gigi Damiani, Francesco Cianci e Florentino de Carvalho.

Aliás, esse era o traço comum a estes jornais, os mesmos colaboradores de um jornal fazia propaganda do outro, portanto, era comum encontrar em *A Plebe*, anúncios recomendando a leitura de *Guerra Sociale* e vice-versa.

Não consta o nome do editor e a tiragem, tendo como identificação somente o endereço para correspondência.

Publicado aos sábados, com quatro páginas divididas em cinco colunas.

Figura 32 - *Guerra Sociale*, S. Paolo (Brasile) - Sábado 23 Giugno 1917



Transcrição

A buponica social

A proposito da agitação operaria

Estamos fartos de saber que a imprensa burguesa é a hodierna instituição mais perigosa, mais velhaca e mais imunda que se conhece. Oculta e defende todas as roubalheiras e expoliações, explora todos os actos repugnantes que se cometem na sociedade, vende-se como uma meretriz consumada e porca; defende todas as explorações, infamias e violências.

O jornalista burguez é a escoria mais indecente da sociedade, porque vive de todos os expedientes que emporcalham a moral e a dignidade humana. Apesar de não ignorarmos que a industria do jornalismo não encontra adjetivo em nenhum vocabulário, julgavamos que os jornalistas que se teem por sérios soubessem alguma vez salvar as apariencias.

Pois os proprios jornalistas serios vieram surpreendernos na nossa boa fé. Ha poucos dias, a imprensa burguesa em geral seria e não seria, demonstrou a sua nulidade e a sua indole de lacaia do capitalismo e do Estado, publicando, a proposito do movimento operario, uma serie de sandices calunias e mentiras, tentando envolver os anarquistas com os profissionaes do roubo.

O "Estado de S.Paulo" publicou tambem uma notícia, segundo a qual hontem - 20 do corrente - "Os grevistas do lanifício Crespi resolveram dar a parede por terminada e voltar ao trabalho. A' hora de começarem o serviço, porem, fóram postar-se à porta do estabelecimento quatro individuos mais exaltados, que com concurso de alguns operarios, conseguiram fazer com que os grevistas desistissem do seu intento".

Estas notícias foram fornecidas à imprensa pela polícia, a fim de que esta possa atropelar e prender os grevistas e os anarquista mais activos, assim como obrigar os operarios, pelo terror, a voltarem ao trabalho.

Os operários mantiveram-se firmes no seu movimento reivindicador, e, em virtude das violências polícias, da prisão de alguns grevistas, receberam a solidariedade dos que, continuavam trabalhando, indo todos incorporados, em manifestação, à polícia Central a exigirem a liberdade dos companheiros detidos.

Essa imprensa, como não pode ter escrupulos, publica as mentiras polícias ou quaesquer outras informações patronaes, sem procurar conhecer a sua veracidade. Publica-as como se forre orgam oficial da propria polícia, ou dos patrões.

Esta servidão da imprensa ofende e prejudica, economica e moralmente o povo. Mas os jornalistas de profissão não se preocupam por tão pouca coisa. Eles estão livres de todos os principios de justica, de humanidade, de respeito e honradez.

Vivendo no lodaçal de todos detritos sociaes, não podem infeciosa - A BUBONICA SOCIAL.

Quando falar-mos da imprensa burguesa devemos, quando menos, levar o lenço ao nariz.

Florentino de Carvalho.

Jornais analisados 26 de maio de 1917 a 11 de agosto de 1917, total de 17 exemplares.

O jornal de 26 de maio faz uma referência sobre o ressurgimento das ligas operárias que eram instaladas em bairros, menciona a repressão policial e estampa na primeira página a base de acordo da União Geral dos Trabalhadores que estava sendo adotada pelas ligas.

Na edição do dia 23 de junho apresenta a notícia da greve, com destaque para a violência policial, perseguição aos militantes e, principalmente, da cobertura feita por jornais “burgueses”, em especial o Estado de S. Paulo. De forma irônica, desqualifica a cobertura do jornal e da falta de compromisso com a verdade.

O grande assunto é a guerra, e a violência cometida contra trabalhadores, narra inúmeras mobilizações que ocorrem por todo o mundo e apresenta vários artigos na defesa pela construção de uma sociedade anarquista.

2. O COTIDIANO DOS TRABALHADORES NA VISÃO DOS JORNais OPERÁRIOS

Figura 33 - *A Plebe*, 21 de julho de 1917, 1ª página



Transcrição

Título: Prenúncio de uma era nova

O proletariado em revolta affirma o seu direito á vida

Colossal movimento de protesto - A imponente greve geral paralisou toda a vida da cidade - A plebe faminta praticou a expropriação - Os cerberos dos ladrões do povo deram largas á sua furia vandalica - Assassinatos, espancamentos, assaltos a associações e a domicilios - estiveram na ordem do dia - Os obreiros, apesar de tudo, conseguiram a sua primeira victoria - É preciso, porem, estar álera, para não serem victimas de uma torpe traição.

O título não deixa dúvidas: está surgindo algo novo. Trata-se da grande greve geral de 1917 que mobilizou centenas de trabalhadores nas fábricas.

Logo abaixo em letras garrafais, a explicação da mudança: os trabalhadores, cansados da exploração e da miséria, demonstraram, por meio de revoltas, mobilizações e greves, o seu direito à vida digna.

A apresentação do artigo, a seguir, também em formato de subtítulo faz um resumo dos últimos acontecimentos, com expressões veementes explica as mobilizações e o embate entre os trabalhadores e as autoridades:

"Colossal movimento de protesto": um movimento de dimensões extraordinárias, imenso, surpreendente que reuniu milhares de trabalhadores para a surpresa de patrões e autoridades.

"Imponente greve geral paralisou toda a vida da cidade": Uma greve majestosa, altiva, forte, de dimensões surpreendentes que impôs admiração à todos, a ponto de paralisar todas as atividades da cidade de São Paulo, inclusive setores que não faziam parte das mobilizações.

"Os cérberos dos ladrões do povo deram largas à sua furia vandalica": Alertando à todos os operários que o "cérbero", cão mitológico que guarda a porta do inferno, ou seja a polícia, violentamente atacou os trabalhadores com fúria de vândalos, citação histórica ao referir-se aos membros de uma tribo germânica que devastou o sul da Europa e o Norte da África, ou seja, a polícia de São Paulo agiu de forma brutal, desrespeitosa, extremamente violenta e agressiva contra os manifestantes.

Apesar de toda violência, os trabalhadores alcançaram êxito na mobilização, se uniram e conseguiram manter o movimento, mas termina alertando sobre a necessidade de estarem alertas em decorrência das atitudes desonestas, repugnantes e ignóbil dos traidores dos trabalhadores. Novamente fazendo uma referência à polícia e aos agentes de segurança que atuavam em nome dos empresários.

Tudo isso no título e subtítulos. Pode-se observar o caráter didático deste título, inicialmente explica que uma nova realidade está surgindo com a organização dos trabalhadores, realidade esta que irá alterar as relações de trabalho. Explica o motivo da greve: o direito à vida, já que os trabalhadores

vivem na miséria. Narra a violência policial e ao mesmo tempo, aconselha à todos a tomarem medidas de prevenção, para não se tornarem vítimas dos abusos da polícia.

Ainda na primeira página vários artigos explicam o movimento:

Premida por uma situação de torturas moraes e de atroz miseria, cujas terríveis consequencias de dia para dia mais lhe amargurava a triste existencia, - a plebe, dominada pelo desespero, perdeu a paciência e, ululante e audaz, saiu para a rua affirmando o seu direito à vida.

Novamente o jornal explica os motivos do movimento: o excesso de tortura psicológica, a situação desumana e monstruosa de miséria e exploração. Uma situação que gerou o desespero e a aflição dos trabalhadores que culminaram por perder a paciência, reagindo passaram a vociferar, a clamar de forma impetuosa, ousada pela justiça e pelo direito à vida.

Ao ler estas palavras, no mínimo, o trabalhador se identificaria com as condições de miséria descritas e se solidarizaria com a situação dos grevistas. A realidade de miséria descrita no jornal coincide com os estudos de Decca:

O operariado urbano-industrial, composto em sua maioria por imigrantes estrangeiros e seus filhos até a década de 1920, enfrentou duras condições de trabalho e baixos salários nos primeiros tempos da industrialização no Brasil.

As jornadas de trabalho se estendiam até 13, 14 e mesmo 15 horas nas décadas iniciais da atividade industrial no país (DECCA, 1991, p. 36).

A realidade dos trabalhadores foi objeto de pesquisa na época, Decca apresenta o relatório de um inquérito sobre a situação da indústria têxtil no Estado de São Paulo, no qual, funcionários do Departamento Estadual de Trabalho de São Paulo, descreveram a situação dos trabalhadores. Apesar de extensa, entende-se como importante transcrever parte do relatório, que relata a visão que os funcionários do Estado formularam sobre as condições de vida dos operários:

[...] A duração do trabalho nas fábricas de tecidos varia entre oito e meia e onze horas: começa, geralmente, às cinco e meia ou seis horas da manhã e termina às cinco ou seis horas da tarde.

O trabalho interrompe-se para o descanso destinado à refeição, em que, gastam os operários de uma a uma hora e meia. Pelo geral, esse descanso começa às onde horas da manhã. Em algumas fábricas, às duas horas da tarde, por espaço de um quarto de hora, é ainda o trabalho interrompido para o descanso do pessoal. Em boa parte do ano, a duração do trabalho é aumentada com serviços extraordinários, acontecendo isto, principalmente, nas seções de fiação. [...]

A duração do trabalho diário é de onze horas úteis. O trabalho é interrompido pelo almoço, que dura uma hora e meia, e pelo café, para o qual têm os operários um quarto de hora. Trabalham nesta fábrica 500 operários, na maioria italianos e espanhóis. Há três anos, declararam-se eles em greve, reclamando contra a cobrança que se fazia de 2\$500 por mês, e por pessoa, a fim de, com a quantia arrecadada, pagar à administração da fábrica os serviços médicos e farmácia. Os reclamantes foram atendidos, correndo, dessa época em diante, por conta da fábrica essas despesas. Outra greve, recentemente verificada, teve motivo a instalação da seção de secagem mecânica do algodão, então melhor preparado, o que motivava a perda em peso do fio encarretelado, prejudicando dessa forma os empregados que ganhavam por quilo de fio que encarretelavam. Foram atendidos. Impressão desagradável causa ao visitante o excessivo número de menores em trabalho. (...)

Os contramestres* são todos adultos, de nacionalidade italiana e em número de 20. Entre os 374 operários recenseados, a nacionalidade predominante é a italiana, vindo em seguida a espanhola e depois a brasileira: dos brasileiros, 44 são menores de 12 anos. Esqueléticos, raquíticos, alguns! O tempo de trabalho varia para as seções de onze horas e meia a doze horas e meia por dia. A última greve, ocorrida entre o pessoal desta fábrica, foi motivada pelos excessos de toda sorte, cometidos por um contra-mestre de origem russa, demitido pela administração da fábrica, que assim atendeu aos operários. [...]

(São Paulo - estado, 'Condições do trabalho na indústria têxtil no Estado de São Paulo', Bol. do Depto. Est. do Trab., ps. 35-77.) (DECCA, 1991, p.40).

O jornal demonstra os motivos da greve e reafirma a necessidade de mobilização contra a exploração, em primeira página o jornal com títulos fortes descreve a situação:

Transcrição

União Sagrada!

Obreiros! Operarias! Vós sois os martyres da civilização e do progresso.

[...] Obreiros, productores e de toda riqueza social, ganhais salarios que não bastam para matar a fome de vossos filhos: viveis em miseraveis habitações, desprovidos de todo o conforto e bem-estar que os vossos braços cream; não recebeis a cultura a que tendes direito, e sois, em resumo, tristes párias sociaes no meio das magnificencias de um mundo de gosos creado pela força dos vossos musculos e de vossos cerebros! [...]

Situação esta reafirmada pelo quadro elaborado por Roberto Simonsen em 1935 e apresentado por Decca, na qual, pode ser verificada a grande diferença entre os salários e o custo de vida:

Não obstante, algumas fontes apontaram os baixos salários e sua desproporção em relação ao custo de vida, como este quadro elaborado por Roberto Simonsen, em 1935.
Custo de vida e índices de salários, 1914 - 1921

Ano	Custo de Vida	Salários
1914	100	100
1915	108	100
1916	116	101
1917	128	107
1918	144	117
1919	148	123
1920	163	146
1921	167	158

(Apud PS. Pinheiro, 'O inventário industrial na Primeira República', in B. Fausto, org., Hist. Geral de civiliz. bras., v. 9, p. 147") (DECCA, 1991, p. 44).

Ainda em primeira página, *A Plebe* continua informando as consequências da mobilização dos trabalhadores: "MÃOS Á OBRA Estão surgindo as organizações obreiras." Informa sobre as inúmeras organizações operárias que estão surgindo como gráficos e chapeleiros, com frases como:

A' guisa de ultimatum.
Resolva e depressa. O POVO TEM FOME!
Hontem elle pediu o minimo. Amanhã sera insufficiente.
Amanhã fará a revolução e estabelecerá o regimem do bem-estar e da liberdade para todos.

O jornal intima o Estado. Demonstra que a situação instaurada é consequência da omissão do Estado, que não zelou pela condições de vida dos trabalhadores, levando-os a uma situação de miséria, o que ocasionou as greves. Apresenta um ultimato, diante da situação instaurada o Estado não pode permanecer omissso, deve tomar uma posição clara em defesa dos trabalhadores, sob a ameaça de ocorrer uma revolução.

Como foi aceita a intervenção dos jornalistas.
 Porque não saiu "A Plebe".
 As barricadas.
 Quantos são os mortos?
 Pró-vítimas da greve.

O jornal narra os inúmeros acontecimentos, a violência exacerbada da polícia que chegou a utilizar metralhadora contra os grevistas. Narra as condições das vítimas da violência, ressaltando as mortes. Se qualifica como representante dos trabalhadores, apontando a participação ativa no movimento dos diversos trabalhadores no jornal, motivo pelo qual não saiu a publicação do dia inicial da greve, e reafirma que todos os jornalistas estão envolvidos no movimento. Encerra a página com a foto do enterro de José I. Martinez, operário morto pela polícia aos 21 anos de idade.

Figura 34 - *A Plebe*, 21 de julho de 1917, Foto de Martinez na página 4



Figura 35 - *A Plebe*, 21 de julho de 1917, 1ª página



As informações foram divididas em seis colunas. O jornal normalmente era publicado em quatro páginas. Raramente utilizava-se de fotos, na maioria das publicações as ilustrações eram charges, nesta edição em especial, em decorrência das notícias da greve publicou quatro fotos.

A greve também foi destaque no *Guerra Sociale* de 23 de junho de 1917. Com o título: A bubonica social - A proposito da agitação operaria, Florentino de Carvalho, ataca a imprensa burguesa.

Transcrição

Ha poucos dias, a imprensa burguesa em geral seria e não seria, demonstrou a sua nulidade e a sua indole de lacaia do capitalismo e do Estado, publicando, a proposito do movimento operario, uma serie de sandices calunias e mentiras, tentando envolver os anarquistas com os profissionaes do roubo.

Fazendo referência à peste bubônica, às feridas e úlceras causadas pela doença, o jornalista compara o "Estado de S. Paulo" com a peste. Uma vez que, estando a serviço da burguesia, divulga mentiras e calúnias, em suas páginas. Além da acusação de participação em roubos, o "Estado" também publicou que os movimentos grevistas haviam terminado, sendo que na verdade eles permaneceram por muitos dias. Afirma que as notícias foram publicadas conforme as informações fornecidas pela polícia e dos patrões, colocando em questão a credibilidade do veículo.

Informa ainda, sobre a prisão e a perseguição de grevistas, e convoca os trabalhadores para o "Grande Comizio Popolare", em solidariedade aos operários grevistas.

Figura 36 - *Guerra Sociale*, S. Paulo (Brasile) Sabado 23 Giugno 1917

Estes jornais eram lidos por grupos de operários, que se reuniam nos espaços públicos, nas fábricas, nas vilas operárias, nos bares, com o intuito de ter notícias das mobilizações, das conquistas operárias, da guerra. Ao contrário da grande imprensa, estes jornais eram escritos pelos operários, que procuravam as redações para relatar as ocorrências, ou pelos próprios repórteres que atuavam e participavam diretamente dos movimentos operários.

A chamada imprensa operária ou pequena imprensa foi veículo dos interesses do operariado industrial e urbano, e, através de sua leitura, se pode dimensionar como eram propostas formas de luta e resistência organizada para a classe trabalhadora no cotidiano. O discurso da chamada imprensa operária deixa entrever, além da realidade de uma "condição operária", contrapontos de diversas ordens às iniciativas do poder (DECCA, 1987, p. 98).

Muitos dos intelectuais que escreveram os jornais, apesar de se diferenciarem dos demais trabalhadores pela sua formação, foram operários, trabalharam em fábricas, gráficas, moravam nas vilas operárias, sofriam perseguições por parte das autoridades, assim como os demais membros do movimentos.

Neste sentido, se diferenciavam do intelectual questionado por Foucault, uma vez que foram constituídos na prática, por meio do exercício do trabalho e não pela teoria. Ou seja, foi o trabalho, a situação extrema de exploração, as condições de vida, o grande abismo social que "empurraram" esses trabalhadores para a militância e não a formação intelectual que os envolveu com os princípios que defendiam.

O choque entre a realidade e a teoria foi que constituiu a ideologia destes trabalhadores. O grande abismo entre o mundo do trabalho e o mundo do capital foi que fomentou as práticas ideológicas: "(...) É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de "ciência/ideologia", mas em termos de "verdade/poder" (FOUCAULT, 2001, p. 13).

Os jornais operários reproduziam o embate social pelas denúncias dos textos anarquistas, dos relatos dos fatos que ensejavam as greves, da realidade diária dos operários e de suas famílias, das condições de trabalho, da miséria, da falta de saneamento e do analfabetismo.

Figura 37 - *Guerra Sociale*, 26 de maio de 1917, 1ª página

Despertar obreiro

Estão resurgindo as sociedades operarias

As suas novas bases de acordo

Damos a seguir as bases de acordo da União Geral dos Trabalhadores, que estão sendo adoptadas pelas Ligas Operárias dos bairros:

Princípios fundamentais

Considerando que todos os males que normalmente atormentam o povo trabalhador, ora em fórmula lenta, ora em períodos de crises tremendas como a época corrente, são uma consequência da dominação da classe capitalista que, de posse de todas as riquezas sociais, — terra, instrumentos de trabalho, minas, meios de transporte, habitações — tudo maneja de acordo com os seus interesses particulares e em detrimento do bem-estar colectivo;

considerando que, por isso mesmo, a absoluto antagonismo de interesses entre as duas classes sociais em que divide a humanidade: a do Capitalismo, que tem ao seu serviço o Estado com todos os seus meios coercitivos, — magistratura, exercito, polícia, etc. — e a dos Productores, que são os criadores de todas as riquezas, pois que o Capital se forma por uma percepção efectuada em detrimento do Trabalho;

res que se agitam em defesa de sua causa e os militante das idéas de redempção humana;

c) a zelar pelos direitos de associação, de reunião e de livre propaganda de idéias;

d) a promover a defesa dos trabalhadores e propagandistas em caso de prisão, perseguição, abusos ou injustiças de que sejam victimas, com relação aos assumptos sociais;

e) a se esforçar pela sua cultura, creando bibliotecas, promovendo conferencias, palestras e excursões; creando e difundindo os seus jornais de propaganda reivindicadora; editando livros, folhetos e avulsos e creando ou patrocinando as escolas baseadas no methodo racionalista e scientifico, em contraposição ao ensino mystico e autoritario;

f) a mover uma activa campanha contra o alcoolismo, que é um dos vícios mais arraigados no seio das classes trabalhadoras, e que tem sido um obstáculo para a sua organização e a luta contra os capitalistas, que disso tiram proveito.

Fins imediatos

I—A Liga Operaria do..., promovendo a união dos trabalhadores salariados, estreitando os seus laços de so-

sim como lhes seja garantida uma pensão equivalente ao salario que ganhavam quando ficarem impossibilitados de trabalhar, revertendo a mesma ás suas famílias nos casos fataes, cabendo á Liga Operaria do... intervir directamente para conseguir o seu pagamento;

g) Firmar a jornada de 8 horas, com a completa abolição do trabalho extraordinario;

h) Conseguir que o trabalho aos sábados termine ao meio-dia sem desconto de salario;

i) Conseguir que os operarios recebam os salarios correspondentes aos dias ou ás horas que deixarem de trabalhar por conveniencia dos patrões;

j) Tratar de abolir o trabalho por obra, por hora ou por peça, pois o mesmo representa mais uma forma de exploração;

m) Tratar por todos os meios de suprimir o trabalho nocturno, salvo nos vapores, hospitais ou outros estabelecimentos em que este seja de absoluta necessidade publica;

n) Conseguir aumentar os salarios, estabelecendo a tabela minima,

o) Obter o pagamento semanal, sem muitas ou qualquer desconto.

Orientação

Despertar obreiro
Estão resurgindo as sociedades operarias.
As suas novas bases de acordo

O jornal apresenta as bases de acordo da União Geral dos Trabalhadores, que foram adaptadas pelas Ligas Operárias criadas nos bairros.

Faz a apresentação dos princípios fundamentais, mencionando a crise que assola os trabalhadores, a dominação da classe operária, a expropriação dos fatores de produção, apresentando várias cláusulas que possibilitem a organização dos trabalhadores, visando a melhoria na qualidade de vida, em especial as seguintes cláusulas:

e) a se esforçar pela sua cultura, creando bibliotecas, promovendo conferencias, palestras e excursões; creando e difundindo os seus jornais de propaganda reivindicadora; editando livros, folhetos e avulsos e creando ou patrocinando as escolas baseadas no methodo racionalista e scientifico, em contraposição ao ensino mystico e autoritario;

f) a mover uma activa campanha contra o alcoolismo, que é um dos vícios mais arraigados no seio das classes trabalhadoras, e que tem sido um obstáculo para a sua organização e a luta contra os capitalistas, que disso tiram proveito.

[...]

Fins imediatos

c) Lutar pelo barateamento dos alugueis das habitações, exigindo que estas ofereçam todas as condições de hygiene;

O círculo vicioso que foi gerado pela exploração dos trabalhadores foi demonstrado nestas três cláusulas: a ignorância, a miséria que leva ao vício, as péssimas habitações fruto dos baixos salários e do alto custo de vida. A situação das habitações dos operários foi colocada como objetivo imediato, tendo em vista a urgência em se solucionar a questão.

Esse tema também foi objeto da pesquisa de Decca (1991, p. 49), que em seu trabalho apresentou um relatório do Departamento Estadual de Trabalho de São Paulo, no qual foram descritas as péssimas condições de moradia. Algumas das situações descritas foram a inexistência de lugares apropriados para cozinhar, somente um banheiro para as moradias coletivas, pisos de assoalho quebrados e com frestas, que permitiam a circulação de insetos e ratos, telhados quebrados, sujeira e mal cheiro e ausência de iluminação.

A questão da moradia também foi abordada por *A Plebe*:

Figura 38 - *A Plebe*, 9 de junho de 1917, 1ª página

Só é pobre quem é vadio!
Mas então o operário que labuta doze ou quatorze horas por dia, para ganhar 3\$000 ou 4\$000 e que no fim do mês não tem o suficiente para o aluguel do tugúrio em que habita e para pagar o vendeiro e o padeiro, é um vadio?

"Mas então o operário que labuta doze ou quatorze horas por dia, para ganhar 3\$000 ou 4\$000 e que no fim do mês não tem o suficiente para pagar

o aluguel do tugurio em que habita e para pagar o vendeiro e o padeiro, é um vadio?"

Decca (1991, p.52) demonstrou que grande parte da população operária morava de aluguel sendo:

76%	do total vivia em casa de aluguel
40%	possuíam um dormitório
40%	possuíam dois dormitórios
5,2	número médio de moradores por casa
22%	não possuíam banheiros

Em primeira página, *A Plebe* de 7 de agosto de 1920 desenvolve uma campanha contra os altos valores dos aluguéis. Compara a figura dos locadores com a de um "polvo objecto", molusco que com suas ventanas suga de forma suas presas.

O senhorio é uma figura repelente que se assemelha á sombra fugida
factora da miseria;
Miseraveis.
Essa extorsão torpe e ignobil, fatalmente terá um fim.

Afirma que o senhorio/locador vive da miséria dos seus inquilinos e avisa que tal exploração terá um fim. O artigo descreve a figura do locador como um explorador da necessidade dos operários, que pagam altos aluguéis em troca de moradias degradantes. Convoca todos os inquilinos para uma reunião, na qual será constituída uma associação para combater os abusos cometidos pelos locadores.

Figura 39 - *A Plebe*, 7 de agosto de 1920, 1ª página



O grande poder destes jornais estava em seu discurso. Traduziam em suas páginas a realidade vivenciada pelos trabalhadores e que não era abordada pela grande imprensa. Na realidade havia uma disputa pela “verdade” noticiada pela grande imprensa, e pela “verdade” vivenciada pelos operários, evidenciando as disputas pelo poder, que ocorriam no período e o papel da grande imprensa de defender os interesses da elite. Orlandi explicou esta relação:

Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2012, p. 17).

O militante anarquista estava presente no discurso, pode-se observar o caráter ideológico e inflamado na forma como as palavras eram utilizadas. Não havia sutileza, nada era implícito, as palavras eram diretas e objetivas. Ao tratar da situação de miséria e exploração pela qual os trabalhadores estavam atravessando não se poupavam adjetivos. O artigo apresentado a seguir deixa evidente este discurso:

Figura 40 - Guerra Sociale, 20 de maio de 1916, página 3



13 de Maio Aos escravos modernos

[...]

As aspirações que animaram os combatentes pela extinção da escravidão dos homens de côr foram grandes e generosas, mas, em realidade a maldita escravidão das massas proletárias ainda não foi abolida.

Com efeito, os homens de côr continuam a ser considerados como bestas.

O artigo compara a situação dos operários em relação aos escravos, e afirma que apesar da abolição, os operários da época (1916) eram os escravos modernos, afirmando que, na visão dos burgueses eram verdadeiras "bestas".

Traz um grande relato das lutas de inúmeros escravos que se organizaram para combater o regime da escravidão, relata a interferência

direta da igreja, que junto com o Estado defendia a inferioridade dos homens de “cor”, justificando assim o regime escravagista:

A roda, os troncos e outros diversos meios de tortura começavam a macerar as carnes dos infelizes escravos.
O que foi esse barbáro estado escravista só mesmo as suas vítimas o podem contar com suas dores e os estigmas deixados nos seus organismos pela miséria, pelos instrumentos de suplício. Para justificar esse regimen os negreiros, os padres e os legisladores afirmavam que os escravos careciam de todos os pendores humanos, que não tinham faculdades de raciocínio, e estavam privados de qualquer sentimento que eram simples bestas de carga.

Logo a seguir, faz a comparação:

Nos nossos tempos de progresso de cultura e de civilização, de república e democracia, a escravatura abrange a todas as pessoas que não dispõem de um capital que lhe permita explorar os seus semelhantes.(...)

Nas cidades a situação não é muito melhor. Os patrões exploram do trabalhador a última gota de sangue. Eles e os seus gerentes, feitores, etc. Insultam e espancam os homens, mulheres e crianças, de uma maneira revoltante. A remuneração que estes escravos recebem é irrisória, e está longe de bastar para a sua subsistência. Por esse motivo o excesso de trabalho e de privações, a promiscuidade em que vivem e as doenças que estes factores causam entre o proletariado, produzem uma degeneração e uma mortandade que esaventam.

O proletário, o homem do trabalho não é considerado como ser humano.

O faminto ou descamisado não é gente, é faminto.

Apesar de toda a modernidade que a República, juntamente com a industrialização, o luxo e a modernidade que este período trouxe para as elites, estas mudanças não alteraram a triste realidade dos trabalhadores, que permaneciam sendo tratados como escravos. Na verdade menos até, uma vez que sequer eram reconhecidos como seres humanos: "O proletário, o homem do trabalho não é considerado como ser humano. O faminto ou descamisado não é gente, é faminto."

A matéria aborda exatamente esta contradição, um novo sistema político, uma antiga forma de se tratar os trabalhadores e demonstra como o capital lucra com a exploração dos trabalhadores, seja em que regime for.

Traduz o embate social, demonstrado em Habermas quanto da constituição da sociedade burguesa, da forma como as estruturas sociais, principalmente a religião e o Estado estiveram em defesa dos interesses do capital:

Junto com o moderno aparelho de Estado surgiu uma nova camada de “burgueses” que assume uma posição central no “público”. O seu cerne é constituído por funcionários da administração feudal, especialmente por juristas (ao menos no continente europeu, onde a técnica do Direito Romano herdado é manipulada como instrumento de racionalização do intercâmbio social). Acrescentam-se ainda médicos, pastores, oficiais, professores, os “homens cultos”, cuja escala vai do mestre-escola e escrivão até o “povo”. (HABERMAS, 2003, p. 37).

O trecho do estudo de Habermas se refere a outro período histórico na Europa, o contexto muito se aproxima da realidade do período no Brasil, já que os efeitos das mudanças da monarquia para a república foram sentidos exatamente no início do século XX, quando a burguesia local, representada pelos industriais, cresceu e se fortaleceu política e economicamente.

O modelo liberal adotado pela república foi extremamente cruel, pois a culpa pelo insucesso, pela miséria, pelo abandono era repassada aos trabalhadores, já que em São Paulo, não enriquecia quem não queria.

Jornal *A Plebe* 09 de junho de 1917, primeira página.

Figura 41 - *A Plebe*, 9 de junho de 1917, 1ª página



O pobre é um vadio?

A matéria de Benjamin Mota traça um paralelo entre o discurso de que São Paulo é a cidade do trabalho e a realidade destes trabalhadores. Critica a matéria publicada no *Correio Paulistano* que afirmou que na cidade, só é pobre quem é vadio:

Em São Paulo, afirma o Correio, só não ganha dinheiro quem não trabalha".

E' justamente o contrario que se dá.

Em S. Paulo, como em toda a superficie da terra, só ganha dinheiro quem não trabalha.

Narra a extrema situação de pobreza, as doenças, o analfabetismo, demonstra que o discurso construído pela grande imprensa, inverte a realidade e que, este discurso culpa os operários pela sua própria desgraça.

Critica a exploração da ignorância dos produtores rurais, que por serem analfabetos são facilmente enganados, a ponto dos atravessadores, que lucram com a sua produção, mostrarem a eles fotos de escoteiros, afirmando que são crianças recrutadas para a guerra, impondo aos lavradores o temor de que, a proximidade com as cidades, poderia atrair o olhar para os seus filhos e eles também poderiam ser recrutados para a guerra. Desta forma, para vender a sua produção, os lavradores dependiam exclusivamente destes atravessadores, já que os mesmos tinham medo de se aproximar das cidades.

De forma direta e clara expõem a estes trabalhadores que manter-se na ignorância os torna frágeis e manipuláveis pelos exploradores.

Outra situação que é evidenciada é o abandono dos operários vítimas de doenças ou acidentes de trabalho, que não recebem qualquer assistência dos empregadores, ao contrário, são abandonados, e pelas circunstâncias, acabam morando debaixo das pontes. Mas, do lugar onde foram abandonados podem avistar os burgueses desfilando e exibindo a riqueza, que foi fruto do suor dos trabalhadores.

A todo o momento o artigo aponta esta contradição: quem trabalha é pobre, quem é rico explora. Ao fazer isso, ressalta que o trabalho é feito por quem tem forças, músculos, vigor, traçando outro paralelo: a mesma força que enriquece o burguês deve ser usada em defesa dos interesses dos trabalhadores.

Em seu artigo, Mota demonstra quais ideais republicanos que prevaleceram na sociedade paulista no período, vindo de acordo com as ideias de Habermas (2003, p. 398). A *Plebe* não estava atrelada ao controle da grande imprensa, portanto, não reproduzia o discurso da elite.

Guerra Sociale, 23 de junho de 1917, com o título "A Bubonica Social", o jornal ataca a imprensa burguesa:

Estamos fartos de saber que a imprensa burguesa é a hodierna instituição mais perigosa, mais velhaca e mais imunda que se conhece. Oculta e defende todas as roubalheiras e espoliações, explora todos os actos repugnantes que se cometem na sociedade, vende-se como uma meretriz consumada e porca; defende todas as explorações, infamias e violências. O jornalista burguez é a escoria mais indecente da sociedade, porque vive de todos os expedientes que emporcalham a moral a dignidade humana.

O artigo se refere ao jornal *O Estado de S.Paulo*, que em artigo, comparou os grevistas com bandidos e ladrões. Além de desferir "infâmias", o jornal divulgou a notícia do fim da greve, fato que ainda não ocorrera.

Diante disso, *Guerra Sociale* ataca a postura do jornalista de *O Estado de S.Paulo*, comparando-o com uma prostituta, que vende as suas "verdades" em troca do dinheiro e dos privilégios que a burguesia lhe garante. Demonstra como a grande imprensa da época não estava comprometida com a verdade, e sim com a defesa dos interesses da elite. Para tanto, se prostituía, vendendo falsas notícias.

Os jornais operários representavam a voz dos operários. Era por meio deles que podiam realizar suas denúncias, divulgar suas organizações, propagar suas ideias. Estes jornais tinham a função de tornar públicos os anseios de uma classe, que, pelas opções políticas, adotadas de acordo com os interesses econômicos, eram deixadas de lado.

Murilo de Carvalho deixou claro que, pelo modelo capitalista adotado pela 1^a República, não havia espaço nem lugar para a existência de cidadãos, a não ser, aqueles que dominassem os meios de produção e o capital. Ora, os jornais agiram como forma de demonstrar à sociedade que os operários existiam, e mais, além de existirem eram eles que efetivamente construíam a economia de São Paulo.

A Plebe, ao denunciar a matéria do *Correio Paulistano*, demonstrou como a grande imprensa estava defendendo o discurso do Estado, formando a “opinião pública” (HABERMAS, 2003, p 41) dos seus leitores, no sentido de disciplinar a sociedade e, portanto, marginalizando os pobres que não conseguiam prosperar exatamente em decorrência da grande exploração que sofriam daqueles que defendiam a estrutura estatal vigente:

A história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstra que a própria imprensa se torna manipulável à medida que ela se comercializa. Desde que a venda da parte redacional está em correlação com a venda da parte dos anúncios, a imprensa, que até então fora instituição de pessoas privadas enquanto público, torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas – ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses na esfera pública (HABERMAS, 2003, p. 218).

Os jornais operários representavam a única forma de estes trabalhadores possuírem visibilidade de denunciarem e, principalmente, de se reconhecerem como classe, era o espaço público dos operários.

A realidade dos operários paulistas da primeira década do século XX se aproxima em muito da realidade do período estudado por Habermas, quando da constituição da sociedade burguesa do final do século XVIII na Europa.

O Brasil passou pela mesma reestruturação social que a Europa, só que em outro período cronológico. Aqui o fortalecimento da burguesia somente ocorreu na virada do século XIX para o XX. Durante a primeira República, a burguesia se fortaleceu como classe política, por meio de seu crescimento econômico. Uma expressão clara da proximidade dos contextos, apesar da diferença da cronologia temporal, é o Cemitério da Consolação, situado na Avenida de Consolação, na capital de São Paulo.

Este cemitério, criado durante a monarquia, possui sepulturas do período monárquico e do período republicano. A diferença de ostentação entre as sepulturas dos burgueses e a dos nobres é gritante. Enquanto os nobres possuem lápides mais simples, com o brasão da família ou a referência às pessoas, as lápides dos burgueses, ou seja, dos industriais são ostensivas, gigantescas. Basta uma comparação entre as lápides da Marquesa de Santos com a do Conde Matarazzo, para verificar a diferença.

A burguesia paulista ascendeu com a industrialização, precisava ser vista e admirada e para ostentar o seu poder, precisava exibir-se em sociedade, com todas as formas de demonstração de poder que o dinheiro podia pagar, inclusive com os túmulos.

Na virada do século XIX para o XX, em virtude de sua própria dialética, os industriais começam a ter seu lugar assegurado na sociedade e se tornam sujeitos da esfera pública. Ascenderam à política como forma de controle e defesa dos seus interesses. Por meio da República, a relação criada entre o proprietário e o assalariado, ficou mais evidente e mais desigual.

A Plebe não se limitou a denúncia e como representante dos operários atuou com o reverso apontando a saída para a situação, que somente poderia ocorrer com a união e mobilização de todos os trabalhadores.

Em um artigo intitulado: *Em nome do povo, não!* publicado em 16 de junho de 1917 em primeira página, o jornal faz a denúncia de que a Câmara dos Deputados votou pelo fim da neutralidade do Brasil em relação à 1ª Guerra Mundial. E afirma que os deputados não representavam os interesses do povo, nem a defesa de direitos aos trabalhadores.

Com base no Anuário Estatístico do Brasil publicado em 1916 pela Diretoria Geral de Estatística, do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, o artigo demonstra que, pela proporcionalidade, estes deputados não representavam o povo brasileiro, para tanto apresentava os seguintes números:

Ano	Eleitores inscritos	População	Homens	Mulheres	Idade eleitoral	Somente homens votam
1910	1.155.146	22.203.252	11.213.912	10.989.339	11.695.140	5.000.000

Ou seja, os deputados que votaram pelo fim da neutralidade do Brasil na guerra, representavam 23% da população com direito a voto, homens com idade entre 20 e 89 anos, portanto, não possuíam legitimidade para expor os brasileiros a uma situação de guerra.

O artigo questiona a legitimidade dos deputados: como um grupo de deputados que representa uma parcela insignificante pode determinar que, esta

população seja compelida a participar da guerra? E destaca que serão os pobres que irão para as trincheiras de uma guerra que representa somente os interesses dos grupos burgueses. Artigo transcrito na íntegra (Anexo 1).

No mesmo exemplar, *A Plebe* faz novamente denúncias a respeito da situação dos trabalhadores.

Figura 42 - *A Plebe*, 16 de Junho de 1917



NATHANAEL PEREIRA

HORA PROPICIA

"Diante de certas acções praticadas pelo homem dá vergonha a gente de pertencer à familia desse anima."

M. C. de Paula Teixeira

"Até bem pouco tempo eu supunha que o meu semelhante fosse muito melhor do que é....

Deus lhe pague...

"Não saiba a tua esquerda o que fez a tua direita... Jesus Christo.

A esmola que te dão, recebe-a, miserável, que neste momento suí-generis da historia da terra te vês com as mãos vasias, com o corpo nú e tendo o céu por tecto... recebe-a e murmura numa surdina de prece, comovidamente grato: - Deus lhe pague, meu rico e bondoso senhor!..."

Ella é a mitigadora da fome na dura emergencia em que te vês de morrer á mingua, é a codea de pão que as tuas mãos callosas do trabalho que até agora tivestes, mas que ora te falta, podem levar para a tua mulher, para teus filhos, porque não n'a roubas, mas a recebes, por misericordia, das mãos de seda dos teus maiores, para os quaes ella sobra, e dos quaes a tua indigencia dillacera a alma.

[...] O pão que te dão, muito pouco para as tuas necessidades, é feito com o trigo que o teu alfange ceifou, que moeste, mas que o ouro dos capitalistas monopolizou para que não possas come-lo á farta?

[...] Mas não philosophes! a hora é de gratidão para com os teus patrões que te dispensaram, ou te reduziram a dois dias de trabalho e a cinco de jejum; a hora é de gratidão para com os grandes do governo, que, preocupados com a tua situação melindrosa, procuram rodear-te de todo o conforto e de toda protecção, cortando, nas secretarias, cincuenta por cento dos empregados subalternos, reduzindo os ordenados aos de menor gráu, diminuindo dessarte a despesa publica, para que tenhas mais... [...]

A irônica matéria critica a postura passiva e alienada dos trabalhadores, que encontram-se em situação de mendicância e agradecem a Deus pela esmola que os explorados os entrega. Retratando assim a realidade apresentada nos estudos de Decca:

A classe operária, homogênea no viver pobre e com experiências cotidianas semelhantes, embora particulares e específicas, constituía um setor social bem demarcado. O viver pobre do operariado certamente não se igualava ou se confundia com o de outros setores sociais no meio urbano. Congregando nos populosos bairros operários, industriais ou populares, o proletariado urbano pareceu avaliar corretamente suas condições de existência, revoltando-se contra elas em vários momentos (DECCA, 1991, p. 12).

Ou seja, a riqueza acumulada pelos empresários e o total apoio que tinham das autoridades brasileiras, em que prevalecia a visão mais primitiva do capitalismo, a exploração extrema, fazia com que os trabalhadores vivessem em uma situação de total abandono e miséria, a ponto de terem que mendigar.

Ironiza o fato do governo contribuir para tal situação, fazendo vistas grossas à situação dos trabalhadores, tratando-os como marginais e ainda, demitindo

funcionários públicos que não faziam parte dos acordos políticos. Muitos dos funcionários que não perderam o emprego tiveram seus salários reduzidos.

O Estado estava à disposição do capital, e toda a sua estrutura funcionava para manter os interesses da burguesia que ascendia socialmente. Já a classe trabalhadora, que produzia de fato as riquezas, era explorada ao extremo e abandonada à própria sorte, sem qualquer garantia ou amparo.

Vindo de acordo com as interpretações de Carvalho:

Em tais circunstâncias não se podia nem mesmo falar na definição utilitarista do interesse público como a soma de interesses individuais. Simplesmente não havia preocupação com o público. Predominava a mentalidade predatória, o espírito do capitalismo sem a ética protestante.(CARVALHO, 1990, P.30)

As condições de higiene e saúde da classe operária em São Paulo continuaram precárias e insuficientes ao longo da década de 20 e início da de 30, como haviam sido desde o final do século XIX, quando a cidade começou a se expandir e o comércio e a atividade industrial a crescer.

Embora epidemias como a de 1918 se tornassem mais raras, o "estado sanitário da capital" era considerado bastante ruim de maneira geral. Eram altos os índices de febre tifoide, desinteria, sarampo, lepra, meningite-cérebro-espinhal, tuberculose" (DECCA, 1987, p. 39).

Em 19 de julho de 1919, Isa Ruti, no artigo intitulado: Irmãos, trabalhadores!, narra que o estado de miséria na qual se encontravam os operários, os empurrava para o vício e faz uma denúncia contra a "Finissima Caninha Operária" afirmando que "os patrões oferecem cana, enquanto os operários e as suas famílias morrem de fome"

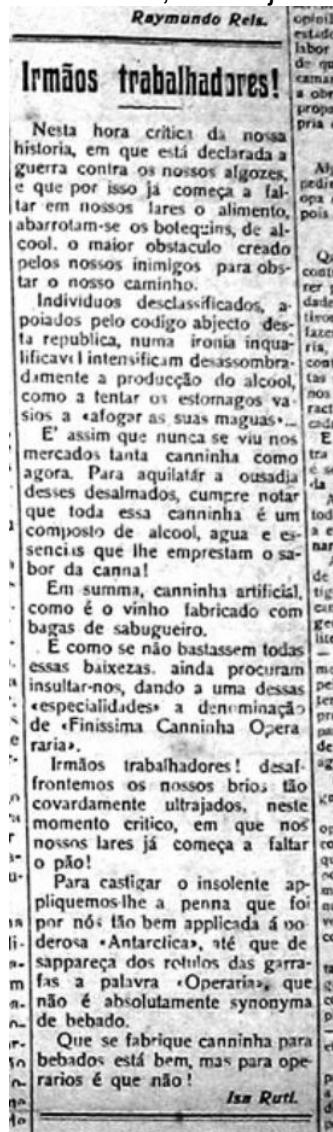
Explica que a bebida é artificial, um composto químico cuja a finalidade é enganar o estômago faminto. O que desperta a atenção é o alerta em relação ao nome: "Finissima Caninha Operária". Isa Ruti afirma que os burgueses consideram todos os trabalhadores bêbados, e que isso demonstra a visão que os patrões fazem dos trabalhadores: bêbados, submissos e facilmente manipuláveis. Ao nomear a caninha de "operária" o empresário deixa claro o que considera digno dos trabalhadores.

Ainda alerta para o estado de miserabilidade, já que está faltando o pão na mesa operária, e conclama todos os trabalhadores a exercerem um boicote ao produto:

Para castigar o insolente appliquemo-lhe a penna que foi por nós tão bem applicada á poderosa "Antarctica", até que desappareça dos rotulos das garrafas a palavra "Operaria", que não é absolutamente synonyma de bebado.

Ou seja, o artigo demonstra que a burguesia, com o intuito de disciplinar os trabalhadores, oferece o vício como forma de anestesiar os problemas sociais impedindo a sua reação. Neste sentido, Foucault novamente apresenta o seu socorro: "o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor" (FOUCAULT, 1987, p. 143).

Figura 43 - *A Plebe*, 19 de julho de 1919



Transcrição

Irmãos trabalhadores!

Nesta hora crítica de nossa historia, em que está declarada a guerra contra os nossos algozes, e que por isso já começa a faltar em nossos lares o alimento, abarrotam-se os botequins, de alcool, o maior obstáculo criado pelos nossos inimigos para obstar o nosso caminho.

Individuos desclassificados, apoiados pelo codigo abjecto desta republica, numa ironia inqualificavel intensificam desassombroadamente a producção do alcool, como tentar os estomagos vazios a "afogar as suas maguas".

E' assim que nunca se viu nos mercados tanta canninha como agora. Para aquilatar a ousadia desses desalmados, cumpre notar que toda essa canninha é um composto de alcool, agua e essencias que lhe emprestam o sabor de canna!

Em summa, canninha artificial, como é o vinho fabricado com bagas de sabugueira.

E como se não bastassem todas essas baixezas, ainda procuram insultarnos, dando a uma dessas "especialidades" a denominação de "Finissima Canninha Operaria".

Irmãos trabalhadores! desaffrontemos os nossos brios tão covardemente ultrajados, neste momento critico, em que nos nossos lares já começa a faltar o pão!

Para castigar o insolente appliquemo-lhe a penna que foi por nós tão bem applicada á poderosa "Antarctica", até que desappareça dos rotulos das garrafas a palavra "Operaria", que não é absolutamente synonyma de bebado.

Que se fabrique canninha para bebados está bem, mas para operarios é que não!

Isa Ruti

Em 21 de outubro de 1917, novamente Isa Ruti no artigo: Resenha de uma operária narra a "lógica burgueza e os apuros do pária sem sorte", que fala sobre a falta de emprego e do desespero dos operários e suas famílias que estão em estado de miséria.

Os fatos relatados por estas publicações vem ao encontro com a dura realidade constatada por Decca:

O operariado paulista foi considerado "gente pobre" em inúmeras fontes, das mais diversas procedências, disponíveis para a época em questão. A avaliação das diferenças encontradas não consegue alterar o fato de que a classe operária, de maneira geral, era pobre e enfrentava duras condições de existência (DECCA, 1990, p. 13).

As práticas adotadas pelos empresários paulistas era a reprodução de outros lugares do mundo. O mesmo ocorreu na Europa e nos EUA, e assim como estes países a mão de obra mais explorada no início da industrialização foi a feminina e infantil. A mesma lógica de exploração de domínio público, com um lado mais perverso. A burguesia brasileira explorou até o limite das forças os operários, aqui, a lógica de controle e disciplina social foi levada ao extremo.

Artigo na íntegra (Anexo 02).

Em *A Plebe*, 9 de julho de 1917, foi publicada em primeira página a matéria intitulada: Porquê das greves, na qual afirma-se que o Brasil foi invadido por aventureiros e inescrupulosos, que “vivem a extorquir pela astúcia e pela força a pobre humanidade. A indústria e o commercio de homens, mulheres e crianças goza, nesta terra de promissão, todas as garantias e faz o mais ruidoso sucesso”.

Mais uma vez, o sentido de que o Estado estava a favor dos interesses dos burgueses é ressaltado pelo jornal:

Delinquente apatacado possue carta branca para alliviar o povo do producto do seu trabalho, e triplica a fortuna em quatro dias. A quem tem dinheiro não se lhe pergunta de onde vem: é recebido de braços abertos, podendo montar aqui a sua machina de exploração, protegido pelo Estado e abençoado por todas as igrejas.

Segue fazendo a denúncia da situação de miséria, fome e abandono pela qual, passam os trabalhadores:

Se os operários morrem à míngua e se lamentam, que vão queixar-se à virgem dos desamparados; se reclamam e protestam ahi está a polícia, o exercito, a armada e todo o apparelho legalitario, que é uma joia de justiça, para acalmar os seus animos, indignações e desesperos, com banhos de sabre, ou os frios pavimentos dos calabouços correccionaes.

Estes jornais reproduziam os sentimentos dos trabalhadores, era a voz, o único espaço no qual os trabalhadores podiam exercer a sua representação e assim, deixar registrados os seus anseios e a sua visão de mundo. São registros de uma dura realidade na qual fica perceptível a ausência total do Estado.

Esta realidade já havia sido verificada por Decca:

Os trabalhadores urbano-industriais enfrentaram, desde os fins do século XIX e inícios do século XX, condições de trabalho bastante penosas. A jornada de trabalho era muito extensa: variava de 10 a 14 horas por dia, chegando às vezes a se prolongar por mais tempo ainda. Registraram-se casos em que o trabalho operário diário era de 15 horas (por exemplo, na fábrica têxtil Santa Rosália, na periferia de Sorocaba) e até mesmo de 17 horas (por exemplo, na fábrica Mariângela dos Matarazzo, onde os operários trabalhavam sem interrupção das 5 às 22 horas, em 1907) (DECCA, 1991, p. 13 - grifo nosso).

Figura 44 - *A Plebe*, 29 de Março de 1919

O artigo traz a notícia de mais uma das inúmeras greves que os operários da Mariangela realizaram, contra as condições de trabalho. Em outros exemplares, que tratam da greve foi possível verificar que o movimento foi deflagrado pelos abusos que os "chefes" exerciam em relação às operárias.

Estas trabalhadoras se organizaram e decidiram se rebelar contra os maus tratos e abusos.

A matéria comprova o projeto político implantado pela República, de liberalismo econômico, com o afastamento total do Estado, no sentido de regular as relações econômicas. Sendo a parte hipossuficiente, e encontrando-se em total abandono, os operários pagaram um alto preço pelo crescimento industrial.

De modo geral, o operariado fabril e urbano não tinha direito ao descanso remunerado, férias ou à licença remunerada para tratamento da saúde, aposentadoria, etc. Como vemos, a legislação social ou trabalhista era inexistente. Algumas leis sociais começaram a ser elaboradas e aplicadas pontualmente da década de 1920. Por exemplo, a lei sobre acidentes de trabalho (1923), a lei Elio Chaves sobre aposentadoria e pensões (1923) e a lei de férias (1926) (DECCA, 1991, p. 14).

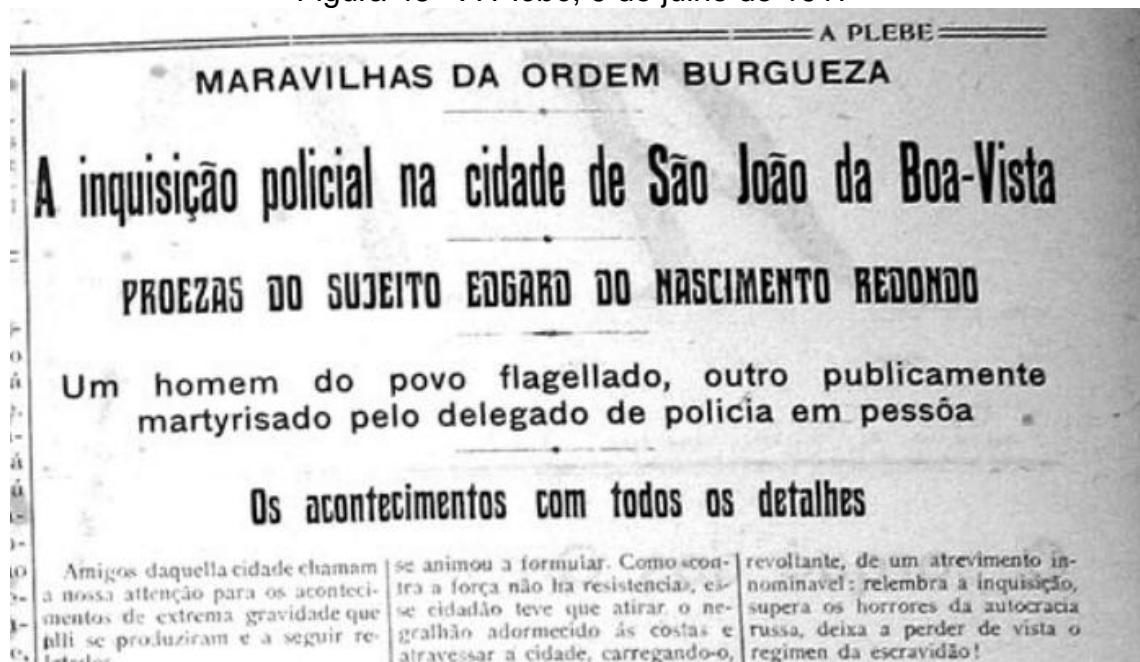
Transformar o Estado em um instrumento de seus interesses também foi um dos objetivos burgueses analisado por Habermas. Neste sentido, ao se omitir, ou negligenciar os interesses públicos, o Estado passou a ser um instrumento de

defesa e controle dos interesses econômicos da época, transferindo o público para as mãos de um pequeno grupo privado.

A todo momento o jornal aponta a situação e a solução, ao formular a denúncia apresenta a realidade, e logo após a proposta ideológica, anarquista, ou seja, o fim do Estado e suas instâncias e a posse dos bens de produção pelos trabalhadores.

Constantemente a imprensa operária demonstra que o Estado está a serviço dos interesses dos patrões.

Figura 45 - *A Plebe*, 9 de julho de 1917

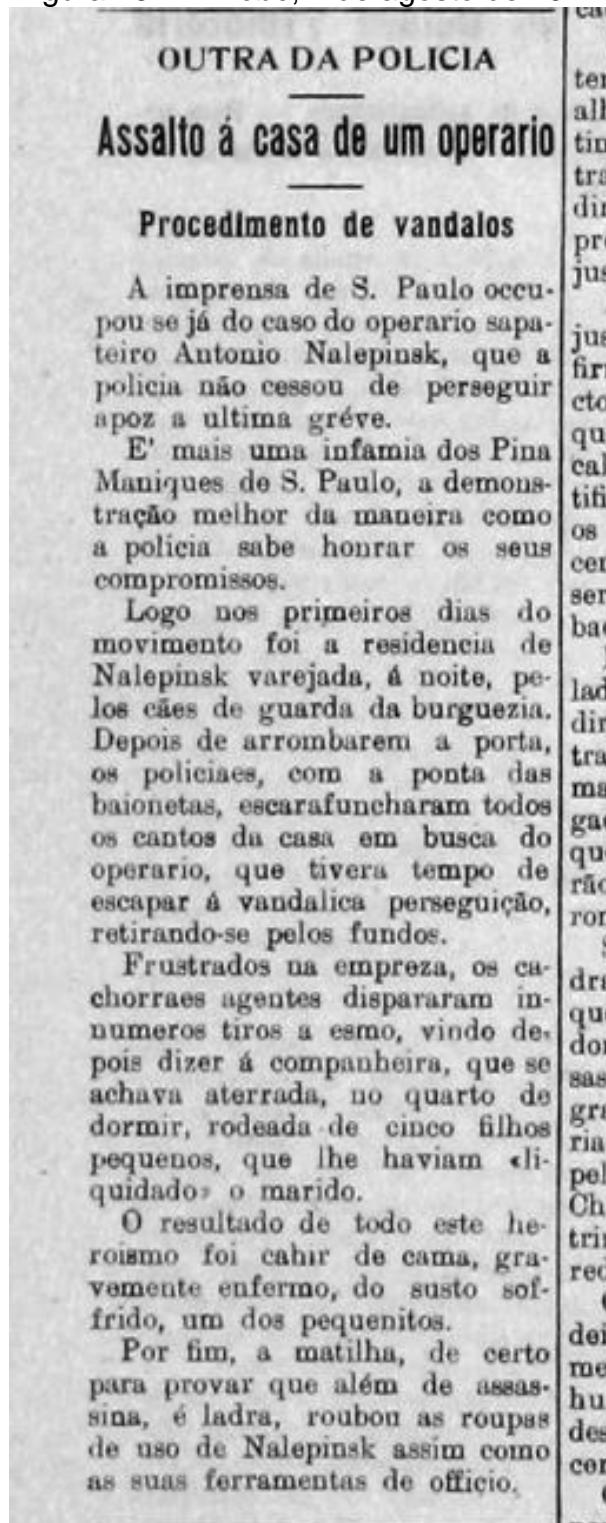


O artigo de duas páginas narra os abusos cometidos pelo delegado de polícia Edgard do Nascimento Redondo, que prendeu e torturou trabalhadores grevistas, defendendo os interesses dos patrões.

A matéria relata que dois trabalhadores foram espancados por policiais e presos, apesar de terem ferimentos. A família de um deles, inconformada, ingressou com o processo solicitando a liberdade do trabalhador. No processo, este trabalhador está descrito como um pacato cidadão, lavrador, que havia ingerido álcool, motivo pelo qual encontrava-se plenamente incapaz de oferecer qualquer tipo de resistência à polícia.

O artigo demonstra que o Estado usa as suas instâncias, no caso a polícia, para atuar em defesa dos interesses da burguesia empresária, sem demonstrar qualquer respeito à dignidade do cidadão trabalhador e compara a figura do delegado a de um inquisidor.

Figura 46 - *A Plebe*, 4 de agosto de 1917



Outra da Polícia
 Assalto á casa de um operario
 Procedimentos e vandalaos
 [...] Depois de arrombarem a porta, os policiaes, com a ponta das baionetes, escarafuncharam todos os cantos da casa em busca do operario, que tivera tempo de escapar á vandalica perseguição, retirando-se pelos fundos. Frustrados na empreza, os cachorras agentes dispararam inumeros tiros a esmo, vindo depois dizer á companheira, que se achava aterrada, no quarto de dormir, rodeada de cinco filhos pequenos, que lhe haviam "liquidado" o marido.[...]

O artigo evidencia o papel do Estado em reprimir a organização dos trabalhadores, forçando a manutenção da ordem que interessava somente aos empresários. Os policiais invadiram a casa do operário, arrombaram a porta, revistaram toda a casa, torturaram a família disparando tiros a esmo e afirmando ter matado o trabalhador, por fim, roubaram as roupas do operário. Ou seja, com repressão e tortura, o Estado utiliza de suas instituições para disciplinar os manifestantes.

As pesquisas de José Murilo de Carvalho, demonstram que o Brasil vivia uma crise econômica, no início da República, ocasionando uma grande inflação. Esta situação tornava a vida dos trabalhadores ainda mais difícil.

Custo de vida e índices de salários, 1914 – 1921 (DECCA, 1991, p. 44)

ANO	CUSTO DE VIDA	SALÁRIOS	ANO	CUSTO DE VIDA	SALÁRIOS
1914	100	100	1918	144	117
1915	108	100	1919	148	123
1916	116	101	1920	163	146
1917	128	107	1921	167	158

(Apud P.S. Pinheiro, "O operariado industrial na Primeira República", in B. Fausto, org. Hist. Geral da civiliz. Brás., v.9, p.147)

A situação demonstrada por Decca (1991) é confirmada pela matéria publicada em *Guerra Sociale*, de 30 de dezembro de 1916, página 3, com o título: "Ao proletariado".

Transcrição

[...] - Sim, isso é precisamente o que eles dizem, mas não claramente o que nós estamos vendo: no seculo XIX houve uma modificação de rotulo na vida laboriosa e oprimida: "Liberdade, sinonimo de escravatura e opressão!" Confundiram o sentido de palavras, sendo a sua significação absolutamente diferente! Mas, não admira esse engano, pois a vida do operario, outrora

escravizada, comparada com a de hoje, é uma e a mesma coisa! somos ainda uns escravos e o seculo XX correndo a passos gigantescos!

A aristocracia, sedenta e ávida de suôr, suga-nos as ultimas gotas, arrancadas da fadiga e do sacrifício!

[...]

Trabalhamos muito, de mais, para quasi sempre, não ganharmos o suficiente para dispormos duma alimentação que fosse embora sóbria mas sadia.

Somos uns infelizes escravos, na verdade!

Trabalhamos, esgotamos tantas vezes a nossas poucas forças e não podemos dizer: em meu humilde lár, jámais faltou o pão!

Quantas, quantas vezes, os nossos filhinhos estendem as tenras mãos pedindo-nos alimento e lhes dizemos em pranto e lagrimas: não há!?

Mais uma vez, a denúncia da alta de custo de vida, que impõe aos trabalhadores uma extrema situação de miséria. O discurso demonstra a intenção clara dos industriais de inverter a ordem, ao acusar os trabalhadores de malandros, atribuindo aos mesmos a culpa pela situação. Estes jornais exerciam a função de tornar viva e real, as angústias e sofrimentos dos trabalhadores. O discurso era no sentido de, ao reconhecer a situação de explorados, o passo a seguir seria o da organização, exercendo assim a função de formador ideológico de uma massa excluída da sociedade:

[...] “Devemos levantar-nos; não somos bestas de carga somente para trabalhar e passar fome! [...] Do capitalismo nada temos a esperar, a não ser a perseguição e o vilipêndio” [...].

Pelos documentos analisados por Decca (1991), demonstra-se que esta realidade era aplicada aos trabalhadores em geral, e o texto de um “articulista” em que o trabalhador compara a situação salarial com o custo de vida:

Em São Paulo, numa fábrica metalúrgica onde trabalham 750 operários, entre eles 100 meninos, alguns menores de quatorze anos, o salário por dez horas de trabalho é de 1 dólar a 1.20 dólar. [...]

Na capital da República, Rio de Janeiro, onde os trabalhadores são melhor remunerados, devido ao elevadíssimo custo de vida, a situação dos trabalhadores não é melhor. [...]

Na Bahia, a situação dos trabalhadores é ainda pior. Numa fábrica de tecidos “Tanque”, uma operária que trabalha com dois teares lisos ganha por semana 0,70 a 1,90. Com teares “revólveres”, de 1,20 a 2,20 dólares semanais. Os menores, que trabalham a mesma quantidade de horas que os adultos, recebem de 0,30 a 0,90 por semana. Devido a esse salário mesquinho muitos operários na hora do almoço não comem. Outros comem farinha de mandioca com banana. [...] (DECCA, 1991, p. 46).

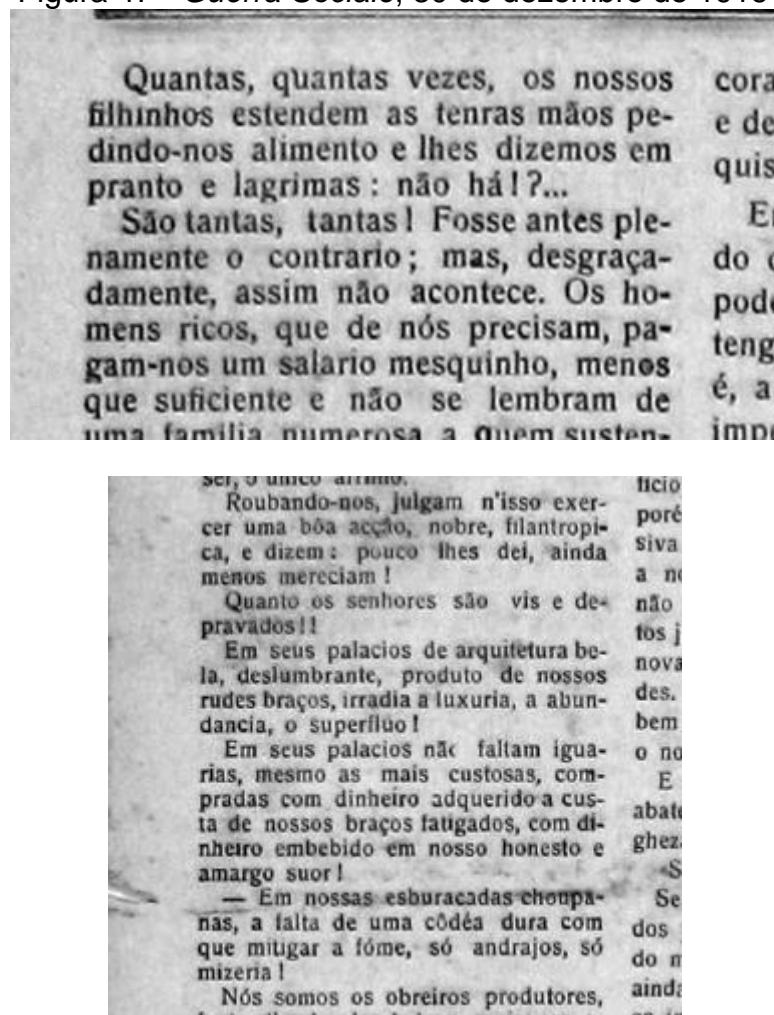
Percebendo salários tão baixos, e com o custo de vida tão elevado, fica fácil imaginar as péssimas condições de moradia destes trabalhadores. Conforme citado

anteriormente, *A Capital* durante o período anterior à greve de 1917, publicou uma coluna assinada por um médico que denunciava as péssimas condições de moradia.

Esta situação foi retratada inúmeras vezes por todos os jornais estudados. A Figura 47 retrata um trecho de uma matéria de *Guerra Sociale* de 30 de dezembro de 1916.

A matéria faz a comparação entre os palácios que são a moradia dos empresários, com as choupanas miseráveis onde vivem os trabalhadores e ressalta que os patrões conquistaram o luxo por meio do trabalho “dos rudes braços” dos operários. E ao chegar em casa, os patrões usufruem do luxo e da riqueza, enquanto o operários *encontram* “os nossos filhinhos estendem as tenras mãos pedindo-nos alimento e lhes dizemos em pranto e lagrimas: não há!?...”

Figura 47 - *Guerra Sociale*, 30 de dezembro de 1916



A denúncia formulada pelo jornal reforça os estudos de Decca, que demonstra a relação direta entre os baixos salários, o elevado custo de vida e as condições de moradia.

Apresenta um relatório elaborado por Médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que registraram a situação da habitação operária no período:

[...] Nesses cortiços não moram, amontoam-se pobres seres, em telheiros de zinco, em porões, nos quais seres irracionais não ficariam! E o preço exorbitante desses pardieiros! E a escala ascendente dos seus aluguéis, sem uma lei que coíba essa extorsão abusiva. [...]

E note-se que visitamos um bairro relativamente central, em que as condições de vida não são de todo más.

Se nesta inspeção, consideramos quase esgotada a série de surpresas dolorosas quanto às condições de vida desses pobres entes, verdadeiros rebotalhos humanos, o que nos estará reservado lá para os bairros do Brás, Bexiga, com menor fiscalização, maior aglomeração, maior miséria! (F.F. de Mello, "Habitações coletivas em São Paulo", Bol. da Soc. de Med. e Cir. De S.P., 9 (4): 295) (DECCA, 1991, p. 51).

Assim nasceu e viveu o primeiro período da República brasileira, o capitalismo da forma mais vil, explorou até os limites da dignidade humana os trabalhadores. Uma sociedade que cresceu sem uma identidade, sem um sentimento de nação, resultado de uma política autoritária e cruel.

Um sentido que, na ausência de um civismo republicano, só poderia vir de fora do domínio da política. Tiradentes esquartejado nos braços de Aparecida; eis o que seria a perfeita *pietà* cívico-religiosa, Brasileira. A nação exibindo, aos pedaços, o corpo de seu povo que a República ainda não foi capaz de reconstituir (CARVALHO, 1990, p. 142).

A estrutura social criada pela República, na sociedade brasileira, transformou os burgueses em um poder público, conforme explica Habermas. Este poder público exercia a defesa dos seus interesses controlando o Estado, seja pela polícia que reprimia e controlava os movimentos operários, seja pela ausência de legislação que pudesse regular as relações de trabalho.

Os jornais operários, conforme o entendimento de Habermas, se tornaram aliados dos trabalhadores, pois ainda não haviam sido cooptados pelos burgueses e eram o único espaço onde os trabalhadores podiam se expressar e assim, assegurar o registro de sua história, registrando seus ideais e suas vidas.

Aqui cabe uma ressalva que será objeto de análise no próximo capítulo, apesar do alto teor ideológico, as questões de gênero não faziam parte da pauta dos jornais operários.

3. ANÁLISE DE CHARGES

Inicialmente entende-se como importante explicar a razão da opção pela apresentação cronológica das charges, diferentemente do capítulo anterior, em que optou-se por temas. As charges representaram um grande instrumento de comunicação dos jornais, algumas foram republicadas em momentos diferentes, deixando evidente que os temas se repetiam. Está foi a opção dos jornais, principalmente de *A Plebe*.

Nota-se que em alguns momentos, em que o jornal foi empastelado, houve a republicação de algumas matérias e charges, provavelmente, pela dificuldade que a própria situação impunha. Outra característica destes jornais, era a repetição de alguns temas: guerra, exploração dos trabalhadores, miséria, necessidade de organização, anarquismo.

Desta forma, a opção de apresentar as charges na ordem cronológica foi proposital, com o intuito de demonstrar que a repetição de temas e assuntos era a prática adotada pelos jornais estudados.

As charges foram um instrumento importante dos jornais operários para expor a realidade a qual os trabalhadores estavam vivenciando. Estes desenhos complementavam os artigos trazendo denúncias, realizando críticas vorazes e diretas, de fácil compreensão para o universo operário.

Portanto, ao analisar os jornais, decidiu-se por analisar algumas destas charges que de certa forma, traduzem o espírito contestador dos jornais e que, apesar de mais de cem (100) anos terem se passado, continuam sendo bem atuais.

A interpretação destes desenhos levou em consideração o contexto no qual foram produzidos. Esta interpretação mobilizou saberes diversos e buscou atribuir um sentido que não é dado a priori, pelo simples traço, mas construído, quando se tem conhecimento do contexto ao qual estava inserido.

Assim sendo, o discurso passará a ser entendido como uma ação que transmite toda uma ideologia e é a partir dele que as identidades estão representadas.

Para analisar tal gênero serão tomadas como base as contribuições da análise do discurso, que implicará em observar não o que está explícito, mas principalmente, o não dito.

Não se consegue determinar ao certo qual foi a sua origem, mas acredita-se que o gênero charge teria surgido na França e a sua criação seria atribuída a Honoré Daunier, que por meio de desenhos publicados no jornal *La Caricature*, buscava criticar o governo da época, talvez por isso o foco dos conteúdos chargísticos seja a política, apesar de também outros fatos serem representados.

Segundo Matias (2010), no Brasil, o gênero charge, começou a se desenvolver com a chegada de imigrantes europeus, durante o século XIX. Estes imigrantes, muito deles pintores e desenhistas, utilizavam-se do discurso gráfico, articulado por imagens e associados ao texto verbal para narrar fatos que despertasse interesse à sociedade.

Ainda segundo a autora:

O principal propósito da charge é apresentar criticamente um problema, um fato ou um acontecimento que possa interessar à sociedade na qual se insere. (...) Para que essa leitura seja dinâmica, o texto chárígico tem como meta satirizar, muitas vezes associando o humor satírico ao deboche e à ironia. Dessa forma instiga o pensamento crítico do leitor, levando-o a se posicionar, mesmo de forma imperceptível, diante do texto (matias, 2010, p. 27).

Matias, ainda, explica o que vem a ser a charge:

A charge apresenta identidade por diferença, sentido, agressividade na forma e delírio no conteúdo. É por meio da diferença que se produz o outro do sujeito no personagem, este é um modo imaginário de ser do sujeito que não está explícito em situação real. Sujeito e personagem diferenciam-se por haver uma ruptura com o real e com a razão, num distanciamento que vai além do bom-senso e além do senso comum, ou seja, o sujeito é diferente do personagem porque este torna visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta (...) (MATIAS, 2010, p. 27).

As charges expõem a realidade de forma agressiva, as diferenças são ressalvadas, valorizadas, causando um impacto ao primeiro olhar. De forma sutil várias outras questões são apresentadas, portanto, para interpretar o discurso do

desenho é importante se ater aos detalhes que muitas vezes passam desapercebidos.

Em um universo de inúmeros trabalhadores analfabetos, de inúmeras questões sociais que estavam mobilizando milhares deles, as charges constituíram um instrumento importante de politização e mobilização das massas.

Imagen 1 - *A Lanterna*, 15 de abril de 1916, primeira página, ao lado, artigo com o título: O Brazil a caminho da teocracia



A primeira página não está completa, parte do texto está danificado, mas o impacto da imagem está bem perceptível.

A caveira que engole os soldados está de lado, gerando a forma de um capacete de guerra fincado sobre um morro, que representa os ombros de um

soldado. Os soldados seguem para a boca da caveira pacificamente, ordenadamente e são engolidos.

O maxilar da caveira pende como uma balança, que de um lado engole os soldados sadios, com suas armas, canhões e estandartes. Do outro lado devolve homens mortos ou maltrapilhos, que saem rastejando.

Neste período a República estava criando o serviço militar obrigatório, e os jornais operários faziam uma grande campanha contra, denunciando que o exército estava sendo criado a favor da burguesia e para garantir a manutenção da exploração dos trabalhadores.

Figura 48 - *A Lanterna*, 15 de Abril de 1916, página 3



Militarismo, Patria e Questão Social.

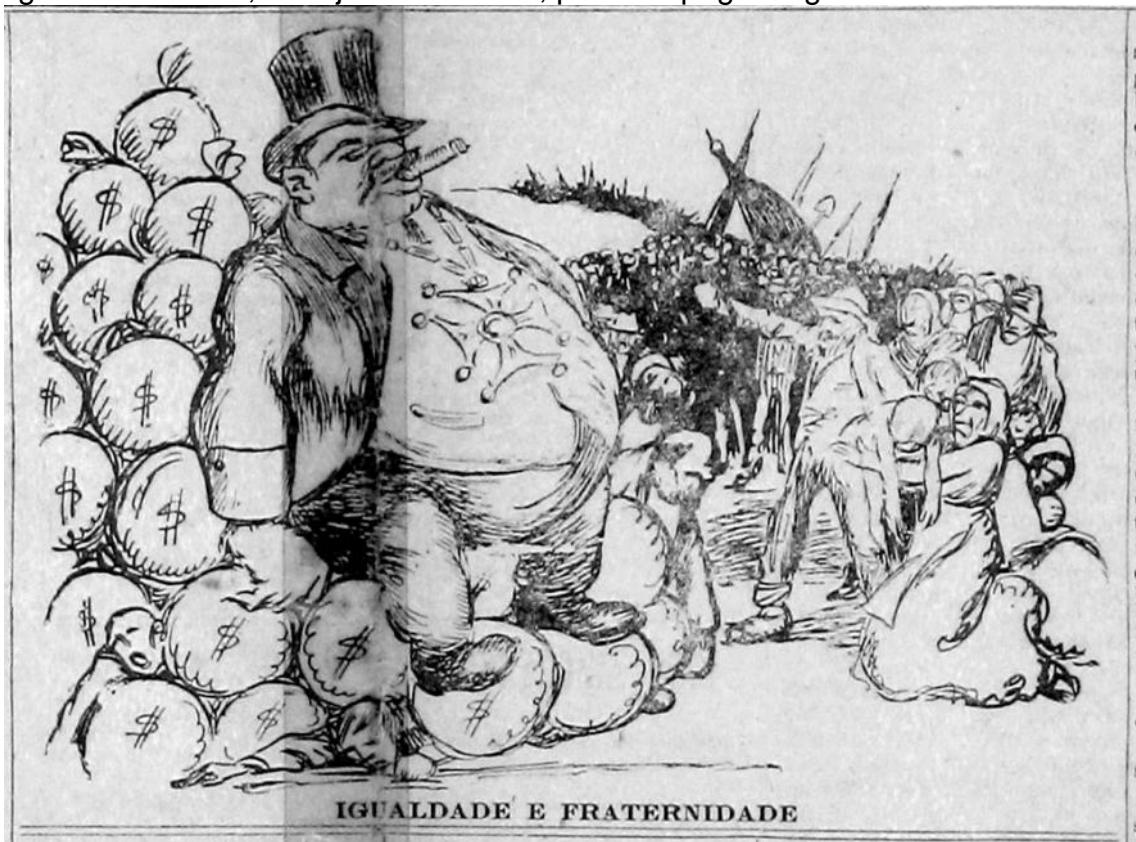
De todos os insultos que a classe dominante, isto é, a classe parasita, tem atirado á face deste povo carneiro, que é o povo brasileiro, o maior é sem dúvida, o de querer impor aos filhos do povo este monstruoso e aviltante projecto de lei que se chama: *serviço militar obrigatório*.

E a maior infamia que se pode atirar á face de uma nação que, embora entraquecida e famelica, dovido ás laderreiras e outras torpes ações dos seus espoliadores, ainda consagra á Liberdade grande parte do seu amor!

O artigo segue tecendo inúmeras críticas ao exército deixando claro que os soldados são os pobres e miseráveis, dentre eles são escolhidos os sadios e fortes, que seguem para a guerra deixando para trás esperanças e famílias, e regressam mutilados ou mortos.

A grande preocupação dos jornais era demonstrar que o exército possuía a única função de defender a ordem e a estrutura social criada pelo capitalismo. Tornar o serviço militar obrigatório representava infligir aos rapazes pobres o ônus de manter a estrutura que os oprimia.

Imagen 2 - *A Plebe*, 9 de junho de 1917, primeira página: Igualdade e Fraternidade



Logo em seu primeiro número, *A Plebe* traz uma charge na qual demonstra a situação de exploração e miséria sofrida pelos operários. Apesar da fita adesiva colocada pelo acervo para manter a integridade do exemplar, a imagem está nítida e clara.

Sob o título: Igualdade e Fraternidade, a imagem deixa evidente a extrema exploração pela qual os operários passavam. O burguês, que representa a figura do industrial, aparece em uma dimensão desproporcional aos demais, sentado sobre sacos de dinheiro e entre eles as figuras de dois trabalhadores esmagados pelos sacos. O povo está de joelhos e maltrapilho, em um misto de súplica e revolta. O industrial de fraque e cartola, vestimenta clássica na representação da burguesia, reforçada pela condecoração que revela a sua superioridade e pelo fato de estar

sentado sobre sacos de dinheiro. Fuma charuto, outro adereço que demonstra riqueza.

A imagem do burguês ocupa cerca de 70% da charge, demonstrando que apesar de estar sozinho, sua força e poder são bem superiores. Do outro lado, uma fila de centenas de trabalhadores famélicos, têm à frente duas mulheres ajoelhadas. A primeira apresenta o seu filho que pende morto em seus braços, e a outra abraçando de forma protetora seu rebento, com outra criança logo atrás.

Seguidas por uma multidão de operários famélicos, que com os braços estendidos, apontam para uma manifestação de revolta, carregando pás, enxadas e bandeiras. A imagem dos operários vai diminuindo dando a dimensão de que são milhares e que seguem contra o burguês. Nasce a revolta.

Esta imagem enseja a representação da desigualdade social, onde poucos lucram muito com a exploração e a miséria de muitos. Deixa evidente a situação vivida pelos operários e a necessidade de mudança para garantir a sobrevivência, a fome de muitos garante a riqueza de um único burguês.

Ao lado da imagem está a matéria abordada no capítulo anterior: "O pobre é um vadio?", que questionou o artigo publicado no *Correio Paulistano* com o título "O futuro de S. Paulo". A crítica aborda a extrema relação de pobreza dos trabalhadores, em contradição com a riqueza dos burgueses, conquistada com a exploração e a miséria dos operários. Afirma que, a situação em São Paulo é inversa, ou seja, quem trabalha é miserável e quem explora o trabalho alheio é quem enriquece. Deixa clara a posição sectária e preconceituosa do *Correio Paulistano* que defende os interesses das elites.

O título da imagem: Igualdade e fraternidade reporta à Revolução Francesa, quando o povo se uniu com a burguesia e lutou contra a exploração da nobreza. Apesar da revolução ter sido vitoriosa o povo continuou a ser explorado, desta vez, pela burguesia que, temporariamente, tomou o poder.

Abaixo da imagem, com o título de "O pobre é um vadio?", o jornal tece inúmeras críticas da matéria publicada no *Correio Paulistano* que afirmou: "Em São Paulo, só não ganha dinheiro quem não trabalha, só é pobre quem é vadio".

Figura 49 - A Plebe, 9 de junho de 1917, 1ª página

O pobre é um vadio?

O *Correio Paulistano* está publicando diariamente, logo abaixo de um aviso da Liga de Defesa Nacional, um interessantíssimo conselho, epigraphado: *O futuro de S. Paulo*.

Producir, produzir, deve ser a divisa dos paulistas, diz o conselho.

De pleno, de plenissimo accordo. Producir, produzir, deve ser a divisa da Humanidade inteira, mas produzir para o bem comum e não para gaudio dos açambarcadores, que se estão locupletando, na hora presente, com o trabalho dos miseráveis productores que mourem, de sol a sol, nos campos do Estado de S. Paulo.

De que serve ao productor o seu esforço em plantar feijão, arroz, milho, batata, etc., si os trustistas, na época das colheitas, com especulações na praça, abalam os preços, pagando os generos miseravelmente aos productores, para, depois de açambarcarem os generos, elevarem os preços, ganhando milhões?

De que serve ao nosso caipira o seu esforço em derrubar as mattas ou capoeiras e plantar roças de milho e feijão, si elle, analfabeto e ignorante, vê-se forçado a vender por vil preço a sua mercadoria, no sítio, porque os agentes dos trustistas vão ali mostrar-lhe as revistas com

quem não trabalha.

O trabalhador industrial ou rural recebe apenas, em dinheiro, a ração alimenticia que lhe mantenha mais ou menos as forças, ração alimenticia muito inferior á que os patrões dão aos seus cavalos de trato e ao seu gado, porque os animaes custam dinheiro, e o trabalhador humano, quando incapaz para o serviço ou velho, dá-se-lhe um pontapé e elle que vai morrer miseravelmente no leito de um hospital ou em baixo de uma ponte, vendendo passar em automóveis aquelles que o seu esforço tornou millionarios e poderosos; aquelles que, explorando-o são commendadores ou condes, e frequentam a alta sociedade apezar da humildade da origem ou das massellas passadas e esquecidos pelo poder do ouro.

A fortuna accumulada, disse-o Carl Marx, e ninguem poderá demonstrar o contrario, é producto exclusivo de trabalho não pago.

Logo, quem trabalha não ganha dinheiro, porque o lucro é todo do patrão, e o pobre não é um vadio, é apenas a vítima lastimável de uma pessima e detestavel organização social.

Em São Paulo são conhecidas as origens das grandes fortunas. As que não provém de heranças foram obtidas á custa do suor do escravo, do colono ou do operário, ou, o que é ainda mais reprovavel, á custa do envenenamento do povo com generos e

Transcrição

O pobre é um vadio?

[...] No que não concordamos absolutamente com o Correio é na afirmativa final do conselho:

"Em São Paulo, só não ganha dinheiro quem não trabalha, só é pobre quem é vadio".

Oh! aberração da vista e da intelligencia!

O numero dos pobres no Estado de S. Paulo sendo de nove decimos da população, segue-se que nove decimos dos habitantes do Estdo são vadios.

Pobres não são, como finge ignorar o Correiro, somente os mendigos que esmolam pelas ruas. Pobres são todos os operarios e trabalhadores ruraes explorados pelos patrões, que lhes pagam o necessario para não morrerem á fome. Pobres são todos aquelles que, numa sociedade que repousa sobre o direito inviolavel e sagrado da propriedade, vêem-se obrigados a alugar, por vil preço, a força dos seus musculos ou da sua intelligencia, em proveito exclusivo da burguezia capitalista e parasita, que vive á custa do suor e dos esforços alheios.

Só é pobre quem é vadio!

Mas então o operário que labuta doze ou quatorze horas por dia, para ganhar 3\$000 ou 4\$000 e que no fim do mez não tem o sufficiente para o aluguel do tugurio em que habita e para pagar o vendeiro e o padeiro, é um vadio?

[...] A fortuna accumulada, disse-o Carl Marx, e ninguem poderá demonstrar o contrario, é producto exclusivo de trabalho não pago.

Logo, quem trabalha não ganha dinheiro, porque o lucro é todo do patrão, e o pobre não é um vadio, é apenas a vítima lastimável de uma pessima e detestavel organização social. ...).

A matéria de Benjamin Mota traça um paralelo entre o discurso de que São Paulo é a cidade do trabalho e a realidade destes trabalhadores. Narra a extrema situação de pobreza, as doenças, o analfabetismo, demonstra que o discurso construído pela grande imprensa, inverte a realidade e que, este discurso culpa os operários pela sua própria desgraça.

Traduz para o artigo a força e a representação da charge, onde quem trabalha morre de fome, como a criança nos braços da mãe operária e enriquece quem explora a miséria alheia.

Imagen 3 - *A Plebe*, 16 de junho de 1917, 1ª página, título Gênese das Fortunas



Mais uma vez o burguês ocupa destaque, cerca de 80% da imagem. Sentado em uma poltrona, com a indumentária típica do burguês bem-sucedido: fraque, cartola, com os olhos esbugalhados, bigodes e as mãos proporcionalmente maiores,

espreme um trabalhador magro e seminu, que vomita moedas que caem em um balde que já está quase transbordando de dinheiro. Toda cena assistida por soldados devidamente uniformizados e montados em cavalos, que demonstra o aval das autoridades, ao apoiar a exploração dos trabalhadores.

O título também é marcante: Gênese das fortunas. Segundo o dicionário, gênese: formação dos seres, desde uma origem; geração; s.m. o primeiro livro do Pentateuco de Moisés, onde se descrevem a criação e os primeiros tempos do mundo (FERREIRA, 1972, p. 598).

Gênese, portanto, é uma palavra que reporta ao início da humanidade sob o aspecto religioso, apesar de não estar representada na charge, o papel da religião como suporte da estrutura social e da manutenção da exploração dos trabalhadores, surge pelo título da imagem, que utiliza uma palavra de cunho evidentemente religioso como justificativa para a exploração representada pelo desenho.

Imagen 4 - *A Plebe*, 23 de junho de 1917, 1^a página: A que vencerá



Os jornais da época fizeram uma grande campanha contra a 1^a Guerra Mundial. No topo da primeira página, *A Plebe* publica esta imagem na qual pode-se observar a figura central da morte, carregando a foice, trajando capa e na forma cadavérica, montada a cavalo, atravessando os campos.

Deixa para trás um rastro de morte, representado por camponeses mortos e com os campos em chamas, apresenta ainda a figura, ao longe, de uma mulher solitária com os braços estendidos. À frente, soldados uniformizados se arrastando em fileiras, carregando armas.

Com o título *A Que Vencerá*, questiona o motivo da guerra, e deixa a questão de quem lucra com ela.

Como resposta, a charge aponta que os pobres estão morrendo em uma guerra que não é deles, mortos por soldados que são tão pobres como os camponeses que jazem no campo, e que ainda, destroem a fonte de sua subsistência ao incendiar os campos.

A guerra, portanto, só traz lucros ao burgueses, que vendem as armas e exploram a mão de obra miserável dos camponeses.

Também na primeira página, no canto esquerdo, *A Plebe* publicou a imagem a seguir:

Imagen 5 - *A Plebe*, 23 de junho de 1917, 1ª página: Patrícios e plebeus



A imagem está dividida em dois contextos, de um lado os trabalhadores ferramenteiros, utilizando a força para trabalhar, sujos e de pé. Do outro lado, um casal burguês sentado confortavelmente em poltronas, bebendo tranquilamente. A mulher com jóias e vestido elegante, o homem gordo, de fraque, bigodes e óculos.

A imagem faz o contraponto de que, enquanto os trabalhadores se exaurem trabalhando em péssimas condições, os burgueses usufruem do fruto deste trabalho aproveitando a vida.

Com o título Patrícios e plebeus, faz o contraponto entre os nobres, aristocratas, distintos e elegantes e os pobres, que são os plebeus sujos, suados de tanto trabalhar.

Para que uma classe social usufrua a vida é necessário que a outra trabalhe.

Imagen 6 - *A Plebe*, 30 de junho de 1917, 1ª página: O último pedaço de pão



Com o título O Brazil na guerra, a imagem apresenta um soldado romano, feroz, com os braços e pés desproporcionais, com uma enorme espada na mão, avançando sobre um pequeno pedaço de pão, único alimento que está ao centro da mesa, onde aparece toalha desgrenhada. Ao entorno estão sentados um casal, aparecem ainda duas crianças de pé, bem magras e uma no colo da mãe. Todos os membros da família são magérrimos e estão descalços, com uma expressão de susto e terror, ao ver o soldado avançar sobre o último alimento.

Abaixo da imagem a legenda: O ultimo pedaço de pão.

Esta imagem reafirma a campanha dos jornais contra a participação do Brasil da 1^a Guerra Mundial, e o custo que esta situação representa aos trabalhadores. Para manter a guerra, estes trabalhadores tem que ser ainda mais explorados, tirando deles o mínimo necessário para subsistência, ao preço da fome das famílias, em especial das crianças, que pagam o preço pelo qual nem entendem direito o que está acontecendo.

A expressão de susto e terror demonstra ainda que eles não estão compreendendo a situação, e que, apesar disso, aceitam pacificamente a investida feroz do soldado. Este soldado, que representa o Estado, é a personificação da opressão e da exploração. Por outro lado, a charge não deixa de criticar a alienação dos explorados, que veem pacificamente, seu último alimento ser retirado da mesa.

Imagen 7 - *A Plebe*, 9 de julho de 1917, 1ª página. O que urge fazer. Sanear a terra.



A charge foi publicada em primeira página com o título: O que urge fazer, tendo abaixo a legenda Sanear a terra. A imagem apresenta vários trabalhadores fortes, unidos, um com pedra na mão, outro com o punho fechado em sentido de luta, um terceiro conclama os demais a atacar os soldados uniformizados, que fogem. À frente da turba também fogem um clérigo com uma bolsa debaixo do braço e um homem com expressão de ladrão que corre carregando moedas e jóias.

No chão estão espalhadas as espadas, armas, uma bandeira, símbolo do Estado, e bem à frente do clérigo, um crucifixo.

É importante ressaltar que o exemplar foi publicado durante o movimento grevista de 1917. A imagem aponta como solução para a situação de miséria dos trabalhadores a revolta contra os exploradores, aqui representados pelo ladrão e pelo padre.

O fruto da riqueza carregada pelo ladrão, de terno, sapatos e olhar de terror, foram adquiridos com o trabalho dos que agora se revoltam. O padre que corre com a bolsa debaixo do braço, também mantém a sua riqueza, usufruindo da exploração dos operários, que cansados, se revoltam e buscam sanear a terra, ou seja curar, reparar, corrigir a situação, entregando a terra a quem a possui por direito pois nela trabalha.

Com o título vem a solução, entregar a riqueza a quem a produziu efetivamente. A imagem ainda demonstra que os soldados, que aqui representam o Estado, correm dos revoltosos, pois apesar de serem tão explorados quanto eles, os soldados estavam a serviço da burguesia, mantendo a estrutura que permitia a exploração dos trabalhadores.

Um detalhe importante, estes soldados, que representam o poder de polícia, não estão correndo atrás do ladrão.

Para eliminar a miséria e colocar um ponto final à estrutura existente, a ação dos trabalhadores deve ser contra as forças policiais, a igreja e os exploradores, ali representados pelo ladrão, pois esta estrutura unida é que mantém o capitalismo.

Imagen 8 - *A Plebe*, 28 de Julho de 1917, 1ª página. Flagrante do movimento grevista



Outra imagem que demonstra o momento da mobilização dos trabalhadores, está novamente dividida em dois contextos, de um lado o operário, um senhor de bigode branco, cabisbaixo, com o que parece ser um pedaço de pão debaixo do braço, com as roupas maltrapilhas, visto que a calça está rasgada, algemado, sendo escoltado por dois soldados, devidamente uniformizados, com a expressão fria e calculista, por uma estrada de terra, que tem ao fundo um vilarejo.

No outro contexto, um senhor gordo, de fraque, cartola, casaco, bengala embaixo do braço, bigodes enormes, sendo saudado pelos mesmos soldados em posição de sentido.

Com o título: Flagrante do movimento grevista, a imagem demonstra que o Estado, representado pelos soldados está em função da burguesia. Isso fica claro pela diferença de tratamento dada aos dois homens, enquanto o rico é saudado o pobre é humilhado. Ele estava sendo preso pelo simples fato de ser pobre, não apresentava risco à sociedade já que trazia um pedaço de pão debaixo do braço; e o burguês recebe do Estado um tratamento de respeito e admiração, pelo simples fato de ostentar riqueza.

Imagen 9 - *A Plebe*, 4 de agosto de 1917, 1ª página. Heroico despertar



Nesta edição, o jornal apresenta inúmeras notícias da greve e a informação da criação de um comitê em solidariedade às famílias dos operários presos. Destaca que o movimento continua em vários pontos do País. Em destaque, na primeira página, a charge com o título: Heroico despertar.

A imagem apresenta um trabalhador forte com um pedaço de madeira em uma das mãos e uma bandeira na outra, pisando sobre o pescoço de um homem trajando terno, sapatos, caído ao chão, à frente um saco onde está escrito 20%.

Esta imagem representa o contexto da greve, demonstra como o "despertar" dos trabalhadores, que passaram a lutar pelos seus direitos e por melhores condições de vida trouxe conquistas e vitórias.

Ao se rebelarem contra aqueles que os oprimia, conseguiram demonstrar a sua força, já que para existir, o capital necessita da mão de obra destes trabalhadores. Ao colocar o trabalhador em destaque, pisando no empresário, o desenho mostra esta força. A bandeira é o símbolo de uma identidade que uniu os trabalhadores em relação às reivindicações.

O saco é outro símbolo, mas que necessita de uma leitura da matéria ao lado para ser entendido. A matéria "Eco das Greves Geral - Um boletim do Comité de Defesa Proletaria", apresenta a informação de que vários industriais, apesar de terem concordado em conceder um reajuste de 20%, recuam e se recusam a cumprir os termos do acordo.

Figura 50 - *A Plebe*, 4 de agosto de 1917, 1ª página

Um outro facto que o «Comité» tem o dever de denunciar é o seguinte: diversos industriaes, depois de terem aceito o acordo sob a base do aumento de 20 %, começam a furtar-se ao cumprimento dessas concessões, não obstante terem aumentado o preço de seus productos, concorrendo assim por sua vez para tornar mais aspera a situação, que se annuncia grave e ameaçadora pela imposição dos proprios factos e não por culpa do «Comité de Dofeza Proletaria» — lembrem-se disso todos aquelles que por avidez de dinheiro e por manifesta incapacidade administrativa e politica em face de uma crise economica, hoje tremenda e angustiosa, e amanhã intoleravel para todos, não encontram outro remedio senão o tragico emprego das metralhadoras para sufocar o protesto da plebe falminta.

A mesma matéria denuncia a alta da inflação que como consequência gerou um grande aumento dos preços dos gêneros alimentícios, entre eles a farinha de trigo. A justificativa dos industriais para o não cumprimento do acordo firmado com os trabalhadores, é que o reajuste dos salários aumentaria ainda mais o preço dos seus produtos, já reajustados pela inflação.

Portanto, a resposta da charge é: a luta deve continuar, os trabalhadores já demonstraram a sua força e a capacidade de união, conseguiram várias conquistas e agora devem manter-se unidos para mantê-las.

Imagen 10 - Imagem 10: *A Plebe*, 11 de agosto de 1917, 1ª página. Derradeiras machadadas



O título da charge: Derradeiras Machadadas.

É uma charge de cunho fortemente ideológico, uma vez que apresenta um homem nu, com os grilhões dos pulsos partidos, segurando um machado no qual, na lâmina consta a inscrição anarquismo, derrubando uma árvore seca, sem folhas ou frutos, com várias inscrições que fazem relação ao capitalismo.

No tronco principal: "autoridade - iniquidade moral".

Nas ramificações:

- Iniquidade econômica, prostituição, caftismo, sofisticação, commercio, fallencia, fraude, parasitismo, salariato, desocupação, exploração, concorrência, roubo, agiotagem, mendicidade, miseria, despovoação, centralização capitalista.
- Religião, hipocrisia, ignorância, superstição.
- Ciúme, compressão das paixões.
- Crimes, imprensa mercenária, opinião pública corrompida.
- Família escravizada.
- Preconceitos.
- Ensino viciado
- Iniquidade política, legislação, opressão, funcionalismo, corrupção, magistratura, venalidade, justiça, mentira, insurreição, política, militarismo, prisões, ódio, polícia, guerra, espionagem.
- Parlamentarismo, irresponsabilidade, absolutismo."

E algumas palavras que não foram possível ser decifradas.

A charge demonstra os malefícios da sociedade capitalista e sublima a vitória do anarquismo sobre todo este mal, vencendo a opressão, libertando o homem, derrubando todos os vícios e defeitos da sociedade.

A libertação é representada pelos grilhões rompidos, a vitória do anarquismo pela lâmina que está cortando o mal pela raiz, ou seja o capitalismo.

Imagen 11 - *A Plebe*, 18 de agosto de 1917, 1ª página. Epilogo da orgia burgueza



Neste exemplar o jornal apresenta vários informes sobre greves e formações de várias organizações operárias por todo o Brasil.

A imagem retrata esta situação. Apresenta a imagem de uma mulher, vestida como uma operária, com os cabelos soltos, segurando uma tocha (ou instrumento reluzente), sobre os escombros de armas, livros, cadeiras, móveis de escritório, uma placa escrita Lei, um canhão, e outros instrumentos.

Com o título: Epilogo da orgia burgueza, faz referência ao fim das vantagens obtidas pelos burgueses com o despertar da consciência dos trabalhadores.

Esta consciência representada pela chama que brilha sobre os escombros das lutas, que resultaram vitoriosas e pela imagem da operária em cima dos restos da guerra.

A organização trouxe a vitória e a consciência formada prevalecerá sobre os interesses da burguesia, que agora, derrotada, assiste ao final da estrutura social.

Imagen 12 - *Guerra Sociale* - Periodico libertario di propaganda rivoluzinaria. 26 de julho de 1917. Napoleão - Tartarin - Trepoff - Mirim. Thyrso: Os operários foram batidos e derrotados!



Apesar do contexto já ter sido discutido anteriormente, decidiu-se manter a imagem por ser a única charge publicada no jornal. Apresenta um soldado armado com espingarda, cinto com munição, quepe com o número 1, em posição de sentido, com um cartaz no peito escrito " o povo. A polícia está agindo com toda a energia contra os anarquistas que há dias vêm attentando contra a ordem pública. Thyrso."

O Sr. Thyrso era o então chefe da força policial e ele é comparado com vários personagens da história como: Napoleão, militar francês; Trepoff, comandante russo; Tartarin, o espadachim de Tarascon, personagem burlesco do livro de Alphonse Daudet, que caçava leões da esquerda, e que por engano mata um leão que era mascote do exército. Ou seja, além de denunciar que o Sr. Thyrso estava a serviço dos burgueses, perseguindo os operários grevistas, compara o policial com personagens reacionários e autoritários da história.

A *Plebe*, nos exemplares posteriores, publicou ainda algumas charges, a maioria combatendo a igreja. Nos exemplares de 1919 passou a utilizar fotografias e várias das charges apresentadas acima foram republicadas.

Pode-se observar que havia uma relação direta entre as charges e os artigos publicados nas páginas seguintes. A charge era uma espécie de introdução, apresentando os tópicos principais que seriam debatidos nos exemplares.

Apesar de muitas vezes os traços serem singelos, a representação era muito forte e marcante, não deixava qualquer dúvida quanto ao papel do jornal e a constante luta contra as difíceis condições de vida e de trabalho a que estavam sujeitos os trabalhadores à época.

4. MULHERES OPERÁRIAS

Ao analisar as questões de gênero, deve-se ter em mente que dentro do gênero, também existem inúmeras diferenças, não existem mulheres iguais, trabalhadoras iguais, operárias iguais.

Gonçalves aborda esta discussão e mostra que "medir com a mesma régua" todas as mulheres, mesmo que elas estejam sendo consideradas por grupos: intelectuais, brancas, negras, da elite, ativistas, operárias... questões históricas, origem, formação, contexto, individualizam as mulheres. "Será que há uma identidade comum para as mulheres e será que há uma história delas que possamos escrever?" (SCOTT *apud* GONÇALVES, 2006, p. 71). Scott aborda a questão das diferenças individuais e esclarece que "os indivíduos devem ser avaliados por eles mesmos, não por características atribuídas a eles como membros de um grupo" (SCOTT, 2005, p. 13).

Ser operário no Brasil, na virada do século XIX para o XX, representava um universo de diferenças culturais,

Certos dados parecem contudo, objetivos. Italianas, espanholas, portuguesas, alemãs, romenas, polonesas, húngaras, lituanas, sírias, judias, a grande maioria das operárias das primeiras fábricas instaladas no país fazia parte da imigração européia (RAGO, 2006, p. 580).

Além da origem havia as diferenças ideológicas. Toledo explica que no período em questão, no seio dos operários conviviam três grandes correntes ideológicas: anarquismo, socialismo, sindicalismo revolucionário. Mesmo entre os militantes, as ideias transitavam e se modificavam no curso do movimento:

[...] a grande mobilidade geográfica e ideológica dos militantes e o papel fundamental da imigração na constituição do sindicalismo como fenômeno transnacional. Essa circulação de ideias sobre o sindicalismo era, certamente, de mão dupla: os imigrantes traziam e levavam ideias e experiências (TOLEDO, 2004, p. 17).

Todas estas diferenças influenciavam os trabalhadores, e as mulheres, por sua vez, estavam inseridas nestes diferentes grupos. A forma de ver a sociedade, as estratégias de luta e organização, a visão de mundo e de classe, se diferenciavam

nas diversas correntes e organizações, portanto, ao se estudar as mulheres operárias, deve-se ter claro que se tratam de indivíduos diferentes.

Os jornais, objeto de estudo para esse trabalho, se identificam com os anarquistas. As estratégias de organização e de luta são a de atuação direta: greves, comícios, passeatas, entre outros. A proposta é de analisar a visão destas mulheres, por estes militantes, como eles (os anarquistas) que escreviam os jornais, reconheciam e identificavam suas companheiras operárias.

4.1. Visibilidade das lideranças femininas

Imagen 13 - *A Plebe*, 20 de março de 1920, páginas 1 e 2. Foto com a legenda: Rosa Luxemburgo, a gloriosa martir, cujo sacrificio os spartacistas tratam agora de vingar, escorraçando a corja social-democratica e imperialista que a mandou matar.



A matéria que justifica a foto está na página anterior, intitulada "Contra-revolução alemã". Explica como um grupo de idealistas ligados à organização revolucionária dos sociais-democratas de esquerda alemães, combateram o imperialismo e acabaram pagando com a própria vida. Apresenta um grande relato

das lutas, das inúmeras greves e mobilizações que envolveram milhares de operários.

Faz referência a Rosa Luxemburgo, juntamente com Liebknecht, como "os mais nobres e excelsos paladinos da causa de liberdade". São mártires que pagaram com a vida pela defesa dos ideais marxistas, pela liberdade dos trabalhadores e contra a exploração imperialista na Alemanha.

Não há referência às questões de gênero, apesar da foto apresentar uma mulher que é tratada como um militante, independente do seu sexo. Essa abordagem foi constatada por Rago (2006, p. 596). Para os anarquistas, as questões específicas das mulheres seriam resolvidas com a transformação de toda a sociedade: "a luta pela libertação feminina estava, pois, subordinada à ideia da emancipação de toda a humanidade", portanto, apesar de Luxemburgo ser mulher, o seu papel no movimento revolucionário era de um militante que lutava pela transformação da sociedade como um todo, não haviam questões de gênero feminino para serem abordadas paralelamente.

No Brasil, as questões ligadas ao gênero não eram fruto dos debates pela imprensa operária. Apesar de algumas mulheres exercerem lideranças nos movimentos e até serem convidadas para participar das organizações, o papel da mulher ativista ou líder não era ressaltado pela imprensa.

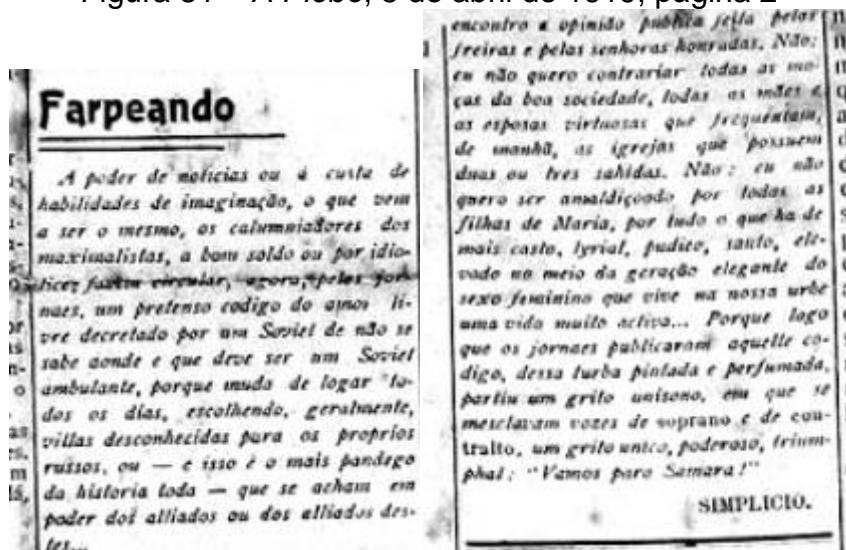
É o que entende Hahner:

Ainda que muitas organizações obreiras aceitassem mulheres entre seus membros, elas quase nunca eram escolhidas para posições de liderança. [...] Uma análise de dezenas de jornais trabalhistas do Rio de Janeiro e São Paulo no final de século XIX e início do XX, todos editados por homens, não indica líderes femininas entre os anarquistas e socialistas. Algumas mulheres contribuíam com artigos para esses jornais, ou assinavam manifestos - geralmente dirigidos a outras mulheres -, ou, até mesmo, falavam em reuniões públicas, todavia não chegavam a ser chamadas para participar da tomada de decisões (HAHNER, 2003, p. 237).

A Plebe de 5 de abril de 1919, no artigo "Farpeando", o autor Simplício faz ironias de mensagens feministas, que defendem o amor livre, legalização da prostituição, elogia as mulheres de bem e as moças castas, menciona que foi criado um Club Anarquista de Samara, frequentado por "moças pintadas e cheirosas".

Informa que as militantes criaram um código com posições feministas, que são fortemente criticadas pelo autor.

Figura 51 – *A Plebe*, 5 de abril de 1919, página 2



Farpeando

O título por si só é bem singular, farpeando, contar farpas, loratas, casos sem fundamentos, fofocando.

O amor livre, ironizado pelo autor, foi uma das principais bandeiras anarquistas, tendo em vista que o anarquismo era contra qualquer tipo de instituição formal. Neste contexto, o casamento representava além do formalismo a intervenção direta da religião sobre a vida das pessoas. Este aspecto foi abordado por Rago:

Críticos das relações monogâmicas indissolúveis, que obrigavam os indivíduos a permanecerem presos em cadeias de relações sociais, os anarquistas defendiam o divórcio e as "uniões livres". O primeiro facultaria aos casais a separação definitiva quando fosse desejada, o que portanto deveria redundar em felicidade relativa para ambos. O "amor livre" daria lugar à plena manifestação das emoções entre indivíduos de sexos opostos. Em lugar do contrato de casamento efetuado diante da Igreja e do Estado, a "livre união" significaria a possibilidade de homens e mulheres definirem livremente o tipo de relação amorosa e sexual que pretendiam criar (RAGO, 2006, p. 598).

Para acabar, porém, com todas as duvidas, à ultima hora, arranjaram para que esse código viesse a ser decretado por Club Anarquista de Samara. Assim, ninguém mais o porá em dúvida. Porque se existe Samara, ha de existir tambem um Club Anarquista; logo, existindo Samara e o Club Anarquista, ha de existir fatalmente um Código de Livre Amor, como hão de existir jornalistas bestas que o levem a sério.

Samara é uma cidade situada na Rússia, e no período em que foi publicada a matéria, cerca de um ano e meio após a Revolução Russa, haviam dúvidas de quais forças políticas exerciam o controle naquele local. O jornalista ironiza tal fato, elencando as inúmeras mentiras que o jornalista francês, que estava vinculando a notícia sobre o Club Anarquista de Samara, já havia publicado em Paris. Deixando dúvidas quanto a integridade do jornalista francês e da veracidade da existência do clube anarquista.

Apesar do amor livre ter feito parte da pauta das militantes anarquistas, conforme demonstrou Rago, e que, na visão da época representaria a emancipação da mulher em relação às convenções, tal fato não é mencionado por Simplicio, ao contrário, ele ironiza o tema, e o vincula a trechos de uma regulamentação sobre a prostituição.

Evidentemente, aquelle codigo foi feito em Paris, pelos mesmos individuos que forjam todos os dias os telegrammas da Russia. E foi feito com muita imperícia. Confundiram affirmações doutrinarias, considerações geraes, trechos de regulamento sobre prostituição, com tudo o que lhes suggeriu a sua educação pelos bordéis da cidade-lampião...

E ainda, aproveita o tema para ironizar o comportamento das senhoras e moças virtuosas, "que frequentam, de manhã, as igrejas que possuem duas ou tres sahidas". Levando o leitor a entender que, o amor livre já era praticado por estas mulheres, mas de forma imoral, disfarçada, utilizando da igreja como forma de disfarçar seus romances.

Confundil as, rejeital-as? Para que?... E depois... Oh! eu não quero ir encontro a opinião publica feita pelas freiras e pelas senhoras honradas. Não: eu não quero contrariar todas as moças de boa sociedade, todas as mães e as esposas virtuosas que frequentam, de manhã, as igrejas que possuem duas ou tres sahidas. Não, eu não quero ser amaldiçoado por todas as filhas de Maria, por tudo que ha de mais casto, lyrial, pudico, santo, elevando no meio da geração elegante do sexo feminino que vive na nossa urbe uma vida muito activa... Porque logo que os jornaes publicaram aquelle codigo, dessa turma pintada e perfumada, partiu um grito unisono, em que se mesclavam vozes de soprano e de contralto, um grito unico, poderoso, triumphal: "Vamos para Samara!"

Termina dizendo que não quer ser amaldiçoado pelas filhas de Maria, que elevando o sexo feminino vivem uma vida muita ativa na sociedade, muito maquiadas e perfumadas, praticam o amor livre de forma velada na sociedade, uma

vez que apresentam-se como puras e castas, ou seja, retrata a mulher como uma dissimulada.

Texto na íntegra no Anexo 3.

Em contradição às palavras de Simplício, veio o poema de Coriolano, também publicado em *A Plebe*. Nele, o poeta faz a defesa do amor livre. Convida as virgens a deixarem a sua condição, a abrirem os olhos à luz do prazer.

Vinde gosar a vida em toda plenitude
e não fazeis assim a vossa juventude
com sonhos infantis duma banal pureza.

Ou seja, pratique o amor livremente, aproveite a sua juventude, não se iludindo com os sonhos de um casamento feliz, pura, com véu e grinalda.

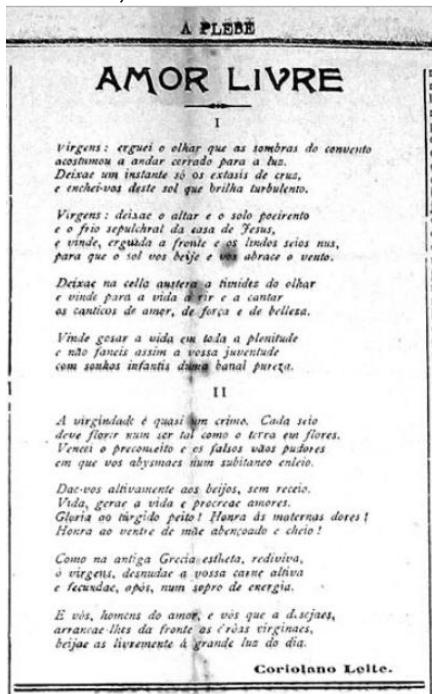
A virgindade é quasi um crime. Cada seio
deve florir num ser tal como a terra em flores.
Vencei o preconceito e os falsos vãos pudores
em que vos abysmaes num subitaneo enleio.

Classifica a virgindade como um crime, já que o amor é livre, deve ser gozado livremente sem preconceitos e pudores, aproveitando ao máximo o prazer que a vida pode conceder.

"Dae-vos altivamente aos beijos, sem receio.
Vida, gerae a vida e procuraes amores.
Gloria ao túrgido peito! Honra ás maternas dores!
Honra ao ventre da mãe abençoado e cheio!"

O interessante é que o resultado do amor livre deve recair sobre a mulher, já que é ela quem ficará grávida. O resultado e a responsabilidade desta liberdade é da mulher, que deverá ainda, se sentir honrada, por cumprir a sua função social, sendo mãe.

Neste sentido, pode-se entender que, apesar da moral ser repressora, os preconceitos limitarem o prazer da humanidade, as consequências do sexo antes do casamento deverá ser da mulher, já que é ela, biologicamente, que possui a função de procriar. Mesmo o poeta anarquista não atribuía ao homem a responsabilidade pela criação dos filhos.

Figura 52 - *A Plebe*, 21 de outubro de 1917, página 2

Texto na íntegra no Anexo 4.

Há uma contradição muito grande entre o discurso dos princípios anarquistas e o praticado nos jornais operários, no que diz respeito às questões da mulher. O amor livre, o acesso à formação intelectual científica não representavam a emancipação da mulher.

A forma como estes temas eram apresentados, sempre deixava evidente que o papel da mulher na sociedade era a de dona de casa. Nas pesquisas sobre o tema, descobriu-se militantes como Maria Lacerda Moura, que possuíam ideias diferentes e publicavam livros, artigos a respeito do assunto. Rago (2006) menciona alguns dos trabalhos publicados pela ativista:

Nascida em 1877, Maria Lacerda escreveu livros polêmicos, como *A mulher é uma degenerada?* (1924), *Religião do amor e da beleza* (1926), *Amai e não vos multipliqueis* (1923), *Han Ryner e o amor plural* (1933), entre outros; (RAGO, 2006, p. 599).

Maria Lacerda de Moura foi uma militante feminista e anarquista, tanto Rago como Hahner relatam que ela atuou ativamente nos movimentos sociais, possuía trânsito entre o meio intelectual e operário, escreveu vários artigos para jornais e

revistas operários da época. Apesar do seu reconhecimento histórico, infelizmente, em nenhum dos jornais analisados foi encontrado qualquer artigo da autora.

Em outro momento, a *Plebe* apresenta outra militante, a escritora Gilka da Costa Machado. Desenvolvendo uma campanha contra a intervenção do Brasil na guerra, o jornal realiza várias entrevistas com intelectuais e pessoas públicas, contrárias a posição brasileira, em a *A Plebe*, 30 de Junho de 1917, na 4ª página, apresenta o artigo: A guerra, a intervenção do Brazil no medonho conflicto. O que diz uma escriptora.

Figura 53 - *A Plebe*, 30 de Junho de 1917, página 4



Inicia o artigo informando que, *A Lanterna*, do Rio, está fazendo uma reportagem sobre o momento internacional, entrevistando vários intelectuais brasileiros. Por considerarem interessante, transcreveram as opiniões de Gilka da Costa Machado, autora do livro *Crystaes Partidos* entre outros e, segundo o jornal, uma das primeiras poetisas brasileiras.

Trecho da entrevista:

[...]

- Qual deve ser o papel da mulher brasileira, no caso de um conflito?
- A mulher brasileira deverá resguardar os seus filhos, fazer com que seus maridos e irmãos desertem e, em caso possível, fugir, ganhar, com elles, o seio maternal da Natureza, si não quizer chorar pela ruinaria da sua familia.
- Que fará para servir ao Brazil?
- Nada, sem retribuição monetaria. Amo o paiz em que vivo, talvez mais do que todos, pela sua exuberancia natural, pela sua grandeza, pela sua pulchritude, pela sua ardencia, que me corre no sangue; entretanto, os pessimos governos tornaram-no insupportavel. Uma nação é um povo, é uma raça; porém esta é apenas um governo e uma diminuta collectividade aristocratica. Defender um paiz em que bem vivemos é defender a mutua commodidade. Mas um pedaço da Terra em que o homem probo vive morrendo, exausto de trabalho e à mingua de alimento, em que a mulher só tem collocação em troca da sua honra, em que a virtude vive secca e esfarrapada e o vicio forte e engalanado, como defende-lo, com que forças, com que estimulo?
- Simples opinião, muito sincera e muito pessoal: sempre é perdoavel o mau trato das nossas madrastas, nunca o das nossas mães.
- Que acha da nossa "Cruz Vermelha"?
- Acho que a "Cruz Vermelha" é uma elegante phautasia para a nossa "haute-gomme" se exibir nos chás de caridade... [...]

Apesar de ser escritora em um contexto histórico desfavorável, Gilka conseguiu lançar vários livros. É apresentada como uma mulher de ideias avançadas para o seu tempo e "*que tanto tem feito falar de si pela invulgaridade de suas ideias*". Portanto, o próprio repórter apresenta a escritora como uma autora de vanguarda.

As ideias que são apresentadas, em relação às mulheres trabalhadoras não condizem com a apresentação: "*em que a mulher só tem collocação em troca da sua honra, em que a virtude vive secca*". Ou seja, a própria mulher, que é trabalhadora, visto que é uma escritora, não reconhece o trabalho exercido pelas demais companheiras de gênero, considera que as mulheres trabalhadoras só trabalham em troca da sua honra. Na frase não há exclusão, há uma generalização, o que coloca todas as mulheres trabalhadoras na mesma posição.

O início da entrevista já demonstra o papel que a escritora concede à mulher dentro do momento social, no qual, está em discussão a participação ou não do Brasil na guerra: "A mulher brazileira deverá resguardar os seus filhos, fazer com que seus maridos e irmãos desertem e, em caso possível, fugir, ganhar, com elles, o seio maternal da Natureza, si não quizer chorar pela ruinaria da sua familia."

O papel de mãe é ressaltado, tanto ao resguardar os seus filhos, como ao levá-los ao seio maternal da natureza. Portanto, o papel da mulher brasileira é o de agir como mãe, esposa, irmã, protegendo sua família, cumprindo o seu papel social.

O jornal é anarquista, a entrevistada é uma mulher de vanguarda, mesmo assim, o papel destinado às mulheres do período é de esposa e mãe, já que se trabalharem fora será em troca de sua honra e virtudes.

Dos três jornais analisados, o que dá maior destaque para as lideranças anarquistas femininas é o *Guerra Sociale*, além de notícias da guerra, apresenta relatos sobre a atuação das mulheres no mundo e publica artigos assinados por mulheres.

O exemplar de 7 de julho de 1917, na página 3 traz um artigo assinado por Margarida Paula, de Lisboa, intitulado: Aos anarquistas.

O artigo fala da situação de fome e miséria dos povos que estão sujeitados às guerras e dos inúmeros órfãos que vagam pela cidades, com fome, maltrapilhos, abandonados. Esclarece a importância da união, da solidariedade entre os povos, da necessidade de formação e educação dos jovens e crianças que irão herdar o mundo, para transformá-lo em um lugar mais justo.

Termina o artigo ressaltando a importância da mulher:

Não esqueçais, camaradas, que sem a colaboração da mulher pouco ou nada se poderá fazer para a libertação e emancipação dos oprimidos, dos sem pão e sem liberdade, porque, além do mais, são as principais educadoras das crianças.
Pouco, muito pouco se tem feito em favor da libertação das nossas irmãs, e para isso muito há também a fazer, se se quiser conseguir uma humanidade verdadeiramente emancipada.

Até mesmo a militante anarquista, vê o papel da mulher como de "colaboração". A mulher não é vista como liderança e sim coadjuvante, uma vez que

colabora. O papel da mulher como "principais educadoras das crianças", algo natural, próprio do gênero, visto que são mães, novamente reproduz o discurso da sociedade capitalista. A mulher ativista que escreve para o jornal militante, reafirma o mesmo papel da mulher construído pela sociedade.

No mesmo exemplar, na página 4, aparece a notícia de um motim de mulheres em Nova Iorque, contra o serviço militar obrigatório.

Motins de Mulheres, em City au Park.

Nova York, 17 - Quinhentas mulheres, reunidas na City-au-Park, amotinaram-se, protestando contra o serviço militar obrigatório e atacaram a polícia, servindo-se de alfinetes dos respectivos chapéos, ferindo levemente o capitão e quadro soldados da polícia.

Foram presas três mulheres.

[...] E aquellas quinhentas mulheres que souberam dar um elevado exemplo de virtude, de amôr, de abnegação e de heroísmo, do íntimo dos nossos corações a transbordar de alegria e de entusiasmo, endereçamos o nosso fraterno saudar de solidariedade, augurando que não desfalleçam e continuem firme na peleja até conseguirem sahir triumphantes da lucta.

Que esse briosos e heroico exemplo das mulheres "yankèe" e do povo que patenteia que não quer a guerra, seja secundado aqui no Brasil e em toda a parte, com desassombro e denodo.

A notícia traz o relato de um motim de cerca de 500 mulheres, que após a prisão de três mulheres se multiplicou, chegando a reunir 10 mil pessoas, entre as quais inúmeros militantes anarquistas russos. A mobilização ocorreu contra o serviço militar obrigatório e a participação dos Estados Unidos na guerra.

A atuação das mulheres é ressaltada como "exemplo de virtude, de amôr, de abnegação e de heroísmo", virtudes characteristicamente femininas. A defesa do próximo, sem pensar em si mesma, o amor são traços da personalidade feminina. Novamente, mesmo ao tratar as mulheres como heroínas, os adjetivos utilizados para descrevê-las reportam a condição do gênero.

Estes artigos ratificam o entendimento de Hahner (2003), mesmo nos movimentos sociais, que defendiam o fim do Estado, a igualdade de classes, os direitos dos operários, a questão de gênero não fazia parte das preocupações. A mulher até poderia ser operária, mas não uma liderança.

Por outro lado, líderes anarquistas como Isa Ruti, conseguem um certo destaque, ora escrevendo sobre a importância da mobilização da classe trabalhadora, ora defendendo os ideais anarquistas.

Em cerca de quatro exemplares de *A Plebe*, Isa Ruti publicou "Resenha de uma operária", pequenos trechos de pensamentos, conforme demonstrado a seguir:

Figura 54 - *A Plebe*, 7 de outubro de 1917, página 2



Resenha de uma Operaria

Os artigos escriptos na columnas do "Correio" cheiram a cera e incenso! Se não é padre que escreve ali, deve ser pelo menos alguem sob inspiração de padre...

Enquanto não conseguirmos sanear o espirito dos homens de todos os preconceitos, quer religiosos ou patrioticos, haverá sempre escravos sobre a terra...

E assim por diante, apesar do título da coluna a apresentar como operária, Isa Ruti foi militante anarquista, reconhecidamente anticlerical, escreveu para vários jornais operários do período. Mas, apesar da sua importância como anarquista, ao

demonstrar a sua solidariedade pelas famílias dos inúmeros demitidos e deportados pelas autoridades, não é como militante que ela se apresenta, como operária ou colunista. Isa Ruti se apresenta como: "eu que sou mulher, dona de casa sei quanta agrura ha na vida dum lar, quando falta o concurso do extremoso chefe."

Ou seja, até mesmo quando a mulher se destaca na sua atuação política, é apresentada desempenhando o papel que a sociedade lhe atribui: dona de casa.

Transcrição

Irmãos, solidariedade!

As familias das victimas dos potentados da epoca, estão a precisar do nosso apoio.

Mas não falo do apoio moral traduzido por bellos e inflamados verbos... Não! Neste caso importa mais que tudo, o apoio feio e vil metal.

Para que ao immenso desgosto da separação dos seus entes queridos não venha juntar-se o dissabor de passarem por vexames, cada familia deve receber uma mezada fixa, relativa as suas necessidades.

E para que se leve isso a effeito, enquanto se resolvem as cousas, torna-se necessário constituir-se um grupo de pessoas que contribuam com mensalidade fixas, segundo as forças de cada um, para formar um peculio donde se possa tirar as mezadas...

Devemos considerar, que o resultado de subscripções temporarias é quasi nullo, tendo se em conta as despesas judiciarias...

Fazendo essas considerações, foi que resolvi escrever estas linhas; eu que sou mulher, dona de casa sei quanta agrura ha na vida dum lar, quando falta o concurso do extremoso chefe.

Façamos, portanto, o possível para preencher esse vacuo, que ora se faz sentir nos lares dos nossos inditosos companheiros.

Devemos lembrar que ainda que isso nos custasse algum sacrificio, de nós deve partir o exemplo de solidariedade!

Como a symbolica mulher da Rajada Reivindicadora, do camarada Joaquim Maujor, do Rio de Janeiro, eu grito tambem neste momento:

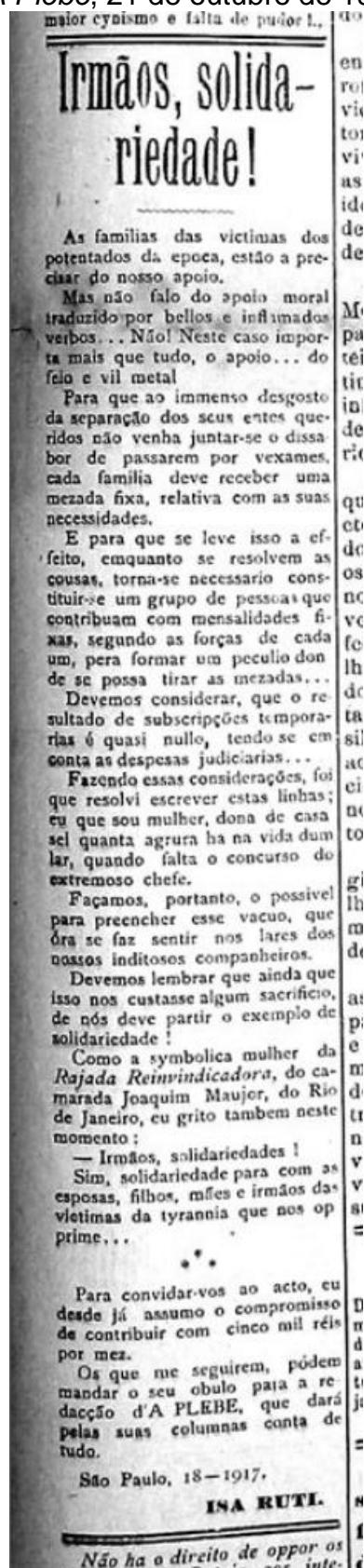
- Irmãos, solidariedade!

Sim, solidariedade para com as esposas, filhos, mães e irmãos das victimas da tyrannia que os opprime...

Para convidar-vos ao acto, eu desde já assumo o compromisso de contribuir com cinco mil réis por mez.

Os que me seguirem, podem mandar o seu obulo para a redacção d'A Plebe, que dará pelas suas columnas conta de tudo.

São Paulo, 18-1917. Isa Ruti

Figura 55 - *A Plebe*, 21 de outubro de 1917, página 3

4.2. Aspectos biológicos

Os degraus que foram subidos na emancipação da mulher foram descidos em diversos momentos, pelos inúmeros aspectos sociais que envolveram as sociedades, em especial pela expansão do capitalismo com o seu viés mais cruel, a industrialização.

No capítulo anterior, na análise do contexto histórico, verifica-se que o mundo estava em pleno processo de ebulação, tanto pela 1ª Guerra Mundial, como pelas demais transformações que estava sofrendo em consequência da industrialização e do surgimento de vários movimentos sociais. Este período representou também momentos de lutas e embates a respeito da questão de gênero.

Muitas mulheres lutavam, pelo mundo, pelo direito ao sufrágio universal, por melhores condições de trabalho.

O desenvolvimento industrial, a nova divisão política mundial, gerou uma reorganização da economia mundial. Esta realidade proporcionou o ingresso das mulheres nos espaços públicos, por meio do trabalho. São as chamadas “as transformações invisíveis” (GONÇALVES, 2006). A autora demonstra como o capitalismo, por meio da busca de mão de obra mais barata, facilitou o ingresso das mulheres ao mercado de trabalho, o que não significou emancipação, pois elas dependiam da autorização dos maridos, pais e irmãos para poderem trabalhar fora. Por outro lado, a manutenção da casa e da família, ainda ficava a cargo das mulheres, gerando uma enorme sobrecarga de trabalho e responsabilidades.

Maria Valéria Junho Pena, em seu livro *Mulheres e Trabalhadoras*, no subtítulo “A opressão das mulheres e o trabalho feminino no marxismo”, compara a situação da mulher neste período histórico, ao “exército industrial de reserva”, sob a forma “estagnada”, ideia apresentada por Karl Marx em *O Capital*. Segundo a autora, as mulheres compunham um exército de reserva, que estava à disposição do capital, quando houvesse necessidade, podendo ingressar ou ser retirada do mercado de trabalho de acordo com os interesses.

Desta forma, eram trabalhadoras desvalorizadas, que não possuíam reconhecimento e consequentemente recebiam parcós salários:

No caso de mulheres, tanto podem ser pagos a elas salários abaixo de seu custo de reprodução quanto constituem uma categoria flexível de trabalhadoras, que entram e saem do mundo formalizado do trabalho, sem deixar pistas, em virtude de seu papel dependente do homem na família. (PENA, 1981, p. 68).

Uma vez que não era valorizada como trabalhadora, o papel da mulher como gestora da família também não era valorizado, era sua função natural, biológica, e portanto, não remunerada.

Ainda, segundo Pena (1981), as análises da esquerda estavam no auge das discussões que enfatizavam a mais valia, teoria marxista, na qual a classe trabalhadora, pela extrema exploração de sua força, reproduzia e mantinha as condições para o desenvolvimento do capitalismo. Estas discussões não incluíam as questões de gênero, e viam a mulher como reproduutora das questões sociais que existiam:

A família proletária e o papel nela desempenhado pelo trabalho doméstico da mulher na criação de valores de uso foram desprezados por Marx, como foi desprezado o fato que a família organiza os recursos procriativos da mulher e que tanto o trabalho doméstico quanto sua fertilidade consistem em mecanismos de operação de reprodução da força de trabalho e das relações sociais e, portanto, do processo de acumulação capitalistas (PENA, 1981, p. 69).

Ou seja, neste momento de enormes transformações sociais e culturais, as mulheres eram vistas pelo capital como um exército reserva, de segunda classe, e que, portanto, se justificava receber salários inferiores aos homens. Por outro lado, a instituição família, era vista, pela esquerda, como reproduutora da ideologia burguesa, e, portanto, era desprezada pelos intelectuais representantes desta visão ideológica. Assim, a mulher não tinha importância como atuante dos problemas sociais, seu papel era desprezado tanto como mulher, mãe, gestora familiar e trabalhadora.

Nesta linha de entendimento segue Haberman, que demonstra que com a industrialização ocorreu uma mudança na estrutura familiar, surgindo, a família burguesa. Neste modelo, a família assume uma função social muito diferente de antes, e para se manter os interesses da burguesia, o papel da mulher, nesta, era fundamental: criar, educar e formar os futuros operários disciplinados.

No Brasil, havia ainda as questões da formação da sociedade, nas quais estavam envolvidos os teóricos liberais e positivistas, conforme demonstrado no capítulo anterior.

Neste contexto, os embates teóricos sofreram ainda a interferência das modificações sofridas pelas ideias de Comte. Após o encontro com Clotilde (Clotilde de Vaux, escritora francesa, coautora de vários textos do positivismo), Comte desenvolveu os elementos utópicos e religiosos do seu pensamento, em especial sua visão da mulher:

A guinada “clotildeana” foi indiscutível na elaborada visão da mulher e de seu papel da evolução social. (...) Agora, misturando descobertas da biologia e visões católico-feudais, ele terminou por afirmar a superioridade social e moral da mulher sobre o homem. Tal superioridade se basearia no fato de a mulher representar o lado afetivo e altruístico da natureza humana, ao passo que o homem seria o lado ativo e egoísta. (...) Na preservação da espécie, o papel da mulher não se limitaria à reprodução, mas se daria especialmente na família, em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão (CARVALHO, 1990, p.130).

Comte reproduzia assim, o papel tradicional da mulher, de esposa, mãe, gestora da família, zeladora das questões sociais, da saúde e dos valores éticos e morais da sociedade, dando a estas funções o sentido de espiritualidade e superioridade. Afirmava que a mulher era superior aos homens, e por isso não lhe cabia o papel político, pois este era indigno, a ela deveria ser reservado o papel de guardiã da moral e dos bons costumes e da família, pois estes eram valores essenciais e superiores da humanidade.

Enfim, tanto os intelectuais de esquerda como os positivistas, viam no papel da mulher a função natural de responsáveis pela família, seja pelas questões econômicas como sociais, elas não eram vistas como força de trabalho nem articuladoras políticas.

Com estas visões, foi construída a sociedade brasileira da primeira República, e a visão que os jornais operários trazem das mulheres, reproduzem todas as visões ideológicas que permeavam o contexto.

Em vários artigos, quando a importância da mulher é mencionada, são os aspectos biológicos que são ressaltados. A natureza tornou a mulher amorosa, carinhosa, submissa, seu papel na sociedade é de ser mãe, mas com diferenças. A

mãe anarquista é vista como uma mulher instruída em princípios científicos e racionais, distante das frugalidades, capaz de colaborar com a transformação social, educando filhos dentro dos ideais.

Figura 56 - *A Lanterna*, 1º de maio de 1916, página 3



(Texto na íntegra no Anexo 5).

Artigo: Pela Mulher, escrito por Adolfo Vazquez Gómez. Ao ler o título do artigo, a primeira impressão que se tem é que será uma defesa dos interesses da mulher.

"Pela Mulher", principalmente, por se tratar de um jornal anarquista, mas logo nas primeiras linhas nota-se que o discurso da mulher sensível e delicada novamente é reproduzido.

Transcrição

"Grande foi, grande é e grande será sempre a influencia da mulher no futuro da Humanidade. Inutilmente tem pretendido apresenta-la como um simples instrumento de prazer, como coisa frívola, manejável e utilisável á vontade, subordinada sempre ao capricho do homem e objecto de comentários sardonicos, de vituperios sem limites e de absurdas apreciações. A mulher, em geral, pela sua bondade, pela sua ternura, pelos seus dotes naturais, pelos seus sacrifícios, pela sua abnegação, tem dominado;"

Ou seja, apesar da mulher ser vista pela sociedade como instrumento frívolo de prazer, ou seja, que não possui credibilidade nem seriedade. Por ser também facilmente dominável, é ela, aquela mulher que pelos seus dotes naturais, o amor, o carinho, a submissão, pelos seus sacrifícios e abnegação, por deixar seus interesses de lado em favor do próximo que tem dominado a humanidade.

Pode-se entender que a mulher utiliza de sua fragilidade e dotes naturais para influenciar os homens e impor suas vontades. Logo em sequência, o autor narra uma anedota que ressalta este entendimento, ao demonstrar que em algumas ocasiões, a figura do opressor é, na verdade, o oprimido. Ou seja, o homem que acredita dominar a sociedade, é na verdade, oprimido pela figura submissa, a mulher.

E outro trecho discute: "A mãe, a esposa, a filha, a noiva, a irmã, "decretam" quando expressam um pensamento, uma solicitação, um desejo".

A mulher, exercendo o seu papel natural de mãe, esposa, filha, ao expressar as suas ideias decreta os rumos, demonstram os seus desejos, assim influenciando os homens. Pelas suas qualidades naturais a mulher manipula os homens. Mas para exercer plenamente o seu papel é importante que a mulher adquira conhecimento.

O conhecimento científico, longe dos ensinamentos religiosos que influenciam e deturpam a mulher, e despertam na mulher comportamentos inadequados como a valorização de fetiches, palavra que reporta ao feitiço, ao sobrenatural e patranhas (mentiras). A sociedade da época, com os seus valores, tornava as mulheres manipuladoras, mentirosas e frívolas, ou seja, sem valor, sem importância. A mulher uma vez que se torne culta, poderá cooperar de forma decisiva para a humanidade, e em seu templo que é o lar, onde exerce o império do amor, poderá contribuir para uma sociedade consciente e unida.

Assim, para a transformação da sociedade, é necessário que a mulher se desvincule de banalidades, de conceitos religiosos. Adquira e crie formação científica, racional, amplie seus conhecimentos intelectuais, mas sua atuação deverá ocorrer dentro do papel que a sua natureza lhe atribui exercendo "o império do amor".

Reconhecida a valia indiscutível da mulher, impõe-se o cooperar para a sua maior consciência e força. A instrução ampla, amplissima, baseada nos fenômenos naturais, de aplicação científica, demonstrável até à evidência, constituiria o grande factor da emancipação da mulher e da sua intervenção directa e decisiva nos destinos da Humanidade. Instruída, a nossa companheira resulta-o por completo. Não a iludem patranhas, nem adora fetiches. O seu templo é o lar. O altar em que oficia, é dos afectos puros, legítimos, sagrados, porque nascem, vivem e se desenvolvem debaixo do imperio do amor.

Novamente o texto discute o papel da mulher, ressalta a importância e influência que ela exerce sobre a sociedade, afirmando que o seu "natural modo de ser a inclina para o bem", ou seja, naturalmente a mulher é boa, pura, regida por bons sentimentos, solidariedade e amor. E, agir de forma consciente, conseguirá contribuir, para a transformação social. A mulher é, foi e sempre será coadjuvante. "E a mulher contribui, contribue e contribuirá para a grande obra, porque o seu natural modo de ser a inclina para o bem."

Em alguns momentos da história o papel da mulher foi deturpado, a mulher era mística, novamente o enfoque do sobrenatural, ou heroína dos campos de batalha, o que confrontava com a sua índole e a missão do seu sexo. Naquela época, ela era a heroína do lar, este é o papel que lhe é atribuído e que, ao adquirir conhecimento, será exercido de forma plena para colaborar com as mudanças sociais.

As questões que envolvem a emancipação da mulher, o direito ao trabalho, igualdade, liberdade sexual, não cabem neste contexto, pois, tendo a mulher o "afam puríssimo do bem estar social", vive em função dos sentimentos puros e verdadeiros que o seu sexo naturalmente lhe impõe: "o império do amor".

Hontem, era a mulher mistica, ou a mulher heroína nos campos de batalha. Incitavam-na a rasgos contrarios á sua indole, ao seu sexo, á missão que possue. Hoje, não é mistica, na sua maioria; é a heroína, porém a heroína do lar, a heroína da sciencia, a heroína da liberdade, a heroína do trabalho e a heroína de equitativas reivindicações.[...] Vive pela humanidade, no afam purissimo do bem estar geral, sentindo bater no seu coração perante as intensas dôres da especie,[...]

E esta mulher, com princípios e ideais anarquistas, vive pela humanidade, com desejos puros e profundos, do bem-estar de todos, que assim como uma mãe, que pelo sofrimento e dor, gera seus filhos e os cria com amor.

A mulher não era vista por seus companheiros de luta como uma igual. Em nenhum momento no texto o trabalho remunerado da mulher é citado, e muito menos valorizado. O texto ressalta e valoriza a papel da mulher como rainha do lar. E deixa claro, que torná-la mais culta significa valorizar este papel e toda a influência que ela exerce sobre aqueles para quem ela oficia o seu papel sagrado, ou seja, para os homens.

Figura 57 - Guerra Sociale, 30 de setembro de 1916

Domela Nieuwenhuis

A mulher e o militarismo

Especialmente a vós, mulheres, e
nos, todos os países, que nós nos
dirigimos.

A vós, más, porque sois vós que
tendeis a suportar a maior parte de
vós os vossos filhos, nem forçados
a aprender a arte de MATAR, quan-
do já estão homens desenvolvidos, e
que sentem melhormente aproveitados,
para auxiliá-los, ao passo que para
onde são conduzidos, aprenderão pou-
cas coisas boas e muitas más.

A vós, todas, mulheres, nem nos di-
rigimos, para que exercem toda a se-
us inquietações, nos infinitamente
capazes, para os oportunes exer-
cícios, Francisco, ao militarismo.

Vós, que entre vossas horríveis des-
tens à luz os voossos filhos, os crias-
ses, os educastes, o melhor possível, tor-
nando-o vivazes e felizes, e por fim
quando elas já podem concorrer com
o produto do seu trabalho, para os
homens, comidas de fome, amare-
cendo o rosto, o Estado, raciamen-
do para vesti-los com a farda e
têlos por muito tempo afastados do
seio da família, do trabalho, dos a-
migos, de vós — ó más, ó irmãs, ó
amigas.

É claro que vós não o tinheis,
com a educação a elas dada, prepa-
rados de um modo para serem adapta-
das ao militarismo, e que, por meio d'elles se determinam atingir; mas
não ainda tendes feito, — porque
não compreendes, — para resistir a
isto que depois vós arrançais das
bicos uma palavra de caluniação, para
vós oportunes a esta caluniação, — o
recrutamento. Quando elas partem
vivendo na memória a atmosfera ven-
tosa e destrutiva, a vossa vida, a vossa
morte e o mesmo tempo insulto, quan-
do não morte? que vão levar, por
certo não de chorar occultamente. Vós
vós separais d'elas com uma dor no
coração, só ao imaginar de que ma-
neira e estado vós serão restituídos.

Mas, nem voossas maldisções, nem
voossas lágrimas, nem voossos suspiros
valerão. Aquelas que governam, que
apenas com videntes de vossos
filhos somentado de vossas dores, uma
vez que os lehão em seu poder; pos-
ca se incomodarão das consigdes das
suas vidas e de que por elas pensam
em casa.

É claro, mulheres, que se vós tendes
um coração que palpita e comprehen-
des alguma coisa, devés penser que
isto é um sacrifício, que não
pode durar, — deve mudar. «Como?»
dizes vós? — que poderemos fazer nós,
pobres mulheres? — Multissimo, com
especialidade as más! Sóis vós que
possuis as melhores armas para fazer
guerra e esta injustiça, é a vossa edu-
cação que podeis dar a vossos filhos,
que está quasi toda confiada aos vos-
sos cuidados.

Generalmente entre as famílias opa-
rarias, o pai está quasi todo o dia
ausente, ocupado em ganhar o pão
para a sua prole.

Sal sempre cedo, em quanto os fi-
lhos dormem ainda, e volta à tarde
quando, as vezes, já estão dormindo.
Apenas vós, e quasi se poderia dizer,
que pouco os conhece. Quando pôde
estar em companhia d'elles é um mo-
mento e com pressa: — a hora do al-
moço, que é dimissão, e a hora do
jantar, quando se encontra ainda aco-
dados.

Não é possível que um pai em tais
condições possa dar educação a seus
filhos; falam-lhe os meios e o tempo.
Ninguém poderá negar que isto seja
uma faceta entre as famílias trabalha-
doras, e por isso cabe exclusivamente
às más a criação moral e moral
dos filhos.

Pois bem, estas más que se exa-
peram quando vêem seus filhos par-
ir como soldados, ocuparam-se elas
em mostrar-lhes, em quanto pequenos,
o quanto é dâmoso o militarismo? —
Cada dia, e não só. Elas se re-
flectiram na importância desta ques-
tão, no tempo em que elas lhes dão
regras de moral e hygiene, utéis as
suas existências, não pensam em pre-
pará-lhes o animo para reagir ao con-
trário a mais docíma tendência que
o militarismo pode induzir nelles: é a
violência e o hábito da violência. Mas
pouco é que elas se reflectiram
nesto, que lhes andava minhando,
ela se converteria subitamente, certamente mais cedo do que o ho-
mem, menos sensível à ofensa dos
mais delicados sentimentos, os quais
na mulher atingem uma indevel
perfeição.

Mas as más procedem contraria-
mente a isto que sentam as suas ver-
dadeiras funções ante o militarismo.
Quando querem dar um mimo aos se-
us filhos, nos dias de festa, a primei-
ra coisa que lhes vêm à mente é
comprar o que há de mais pernicioso
às crianças: são os objectos milita-

res, — espingardas espadas, canhô-
nes, uniformes, cornetas, tambores,
etc., etc., coisas estas que fazem os
pequenos propensos a tal e tal
mimicismo. Continuando isto
para que os quinquilheiros possuam
entre seus objectos de venda, tres-
quartos que lembram a guerra. Per-
nicioso é também dar às crianças li-
vros que contêm narrativas e ilus-
trações referentes ao militarismo e à
guerra, porque podem sugerir-las a
essas comidas, assim como os
deverem comidas a viverem exercícios
militares, vivendo-as andar alinhados
com bastões instigando fuzis, e com on-
anamentos lindos uniformes. E tudo
isto que as más devem impedir que
os filhos se habituem a fazer.

A crianças devem-se dar apenas
os brinquedos que possam contribuir
para o desenvolvimento da sua intel-
ligência, e não para a sua destruição.

Em vez de canhôes, soldados
de chumbo, dai-lhes pequenas locomo-
tivas, bonecos, reproduções de am-
aças, de casas, e assim por diante;

e em vez de marchas militares
as passeatas em fila, a gymnasticas
aos pais, dai-lhes a liberdade de corre-
rer os campos, passeios em grupo
ou grupos seguidos as vontades pro-
prias das crianças; faelos visitar as
fazendas, as florestas, as montanhas.

...Se um dia vedes vossos filhos
voltar da escola, trazendo um livro
em que com figuras suggestivas, cele-
bram os grandes assassinatos que com
a guerra festejaram e deram um céu
à coragem militar, — rasga, más, a
pagina desse livro que contém taes
horrores, tirai-o das mãos, como se
apenas estivesse cheio de veneno.

Se por acaso o mestre ou interlocutor
a esse respeito, emmalo e responder:

«Foi minha mal...» E se acontecer que,
por causa disto, tenhais que falar
com o mestre, ou serdes interrogada,
respondei: — «Ouça, eu sou obriga-
da a mandar os filhos à escola e esme-
mo que não é fosse, eu os mandaria,
porque temo prazer que as crianças
que se encontrem com os filhos, ou
admiram que elles sejam envenenados
com falsas idéias, que lhes ensinem
a magnificar os assassinatos; sempre
que eu encontrar, nos livros de meu
filho, pagina contendo semelhantes
coisas, as rasgarei...» Parece uma ca-
sa sem importância e mesmo alguém
diria que é uma tolice; porém se, nalg-
um dia, ao lerem os dezoito dezenas
de livros que tanto depressa
publicizaram novos livros, em que não
se encontraram narrativas de guerra,
nem militaristas. Deveis também ensi-
nar aos vossos filhos, que esses bel-
os moços, com a roupia ornada de
galões e plumas ao gorro, espada à
cinta, não possuem outra habitação
se não é de maior o maior numero
possível de armas.

Fareis de compreender que a es-
pada só é mas do que uma faca em
ponto maior, que só serve para ferir
e matar, e o mesmo direis das carab-
inas, canhões, etc. Deveis, em resumo,
elucidar o espírito da criança, de modo
que ella possa resistir contra a
sugestão pessimista das formas, dos
sons, das cores, valentes que só
separam a nação, na parada, uma ap-
parecência de alegria e de beleza.

Quando elles forem maiores, devés

ensiná-lhes que para servir o exer-
cito, e para que é tim é ou pode ser
servido. Dir-lhes-ás: nós vivemos

sobre uma parte da terra a que cha-
mamos Brasil, que possuimos pa-
ra sempre, e que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-
gados e soldados. Pois bem, é visível

que os homens, soldados, empre-<

Em um texto muito longo, de três colunas, que termina comunicando que possui continuação, Domela Nieuwenhuis, um dos maiores líderes dos socialistas revolucionários no final do século XIX, nascido em Amsterdã, tem publicado o seu artigo sob o título "A mulher e o militarismo".

Inicia o texto endereçando a "vós, mulheres, e mães, de todos os países".

E continua mais à frente:

Vós, que entre dores horríveis destes á luz os vossos, filhos, os criastes, os educastes, o melhor possível, tornando-os vivazes e bellos, e por fim quando elles já podem concorrer com o producto do seu trabalho para o bem communum da familia, apparece um obstaculo: - o Estado, reclamando-os para vestil-os com a farde e tel-os por muito tempo afastados do seio da familia, do trabalho, dos amigos, de vós - ó mães, ó irmãs, ó amantes.

Mais uma vez o papel da mulher de mãe e educadora é ressaltado. À mulher cabe a criação dos filhos, a manutenção do lar, já ao filho homem, uma vez criado, caberia concorrer com o produto do seu trabalho para o bem comum da família, ou seja, exercer o trabalho remunerado.

"[...] Mas, nem vossas maldições, nem vossas lagrimas, nem vossos suspiros valerão."

A mulher como mística, ligada ao sobrenatural, que nos momentos de dor, utiliza de maldições para contestar e protestar contra as injustiças.

[...] É claro, mulheres, que se vós tendes um coração que palpita e comprehendéis alguma cousa, deveis pensar que isto é uma injustiça, e portanto não pode durar - e deve mudar. "Como? direis vós, que poderemos fazer nós pobres mulheres?" - Muitíssimo, com especialidade as mãis! Sois vós que possuís as melhores armas para fazer a guerra a esta injustiça, é com a educação que podeis dar a vossos filhos, que está quasi toda confiada aos vossos cuidados.

Valoriza a mulher ao dizer que, por possuírem um coração que palpita, ou seja estarem vivas, inseridas em um contexto social, possuem alguma capacidade de discernimento e assim, de alguma forma, podem entender os males da guerra e lutar contra eles, utilizando suas melhores armas: sendo mãe e educando seus filhos nos princípios anarquistas.

“[...] Mas pensemos que se a mulher reflectisse nisto, que lhes andamos ensinando, ella se convenceria subitamente, - certamente mais cedo do que o homem, menos sensível á offensa dos mais delicados sentimentos, os quaes na mulher attingem uma indivizível perfeição.”

Valoriza a mulher por possuir sentimentos mais delicados, ser mais sensível, e por isso, sentir mais profundamente as ofensas que sofre, portanto, caso a mulher refletisse sobre os ensinamentos anarquistas, se convenceria mais subitamente da importância dos ideais. Ou seja, o que torna a mulher capaz de compreender os ideais anarquistas, de entender a sua importância como mãe, educadora e, portanto, agente transformadora da sociedade, são justamente os seus dons naturais, a sensibilidade, a delicadeza e o amor.

4.3. A visão das mulheres operárias

Exatamente por constituírem “um exercito reserva”, as mulheres representaram grande parte da força de trabalho, e em alguns ramos de atividade fabril chegaram a ser maioria. Decca (1991) informa que, no primeiro período da industrialização havia uma presença massiva de mulheres nas fábricas, segundo documentos oficiais. Pena confirma esta realidade:

“[...] Sem transformações estruturais na economia que criassem excedente de mão de obra para a indústria, como foi o caso clássico da Inglaterra, os primeiros braços nas nossas oficinas foram femininos e infantis (PENA, 1981, p. 15). ”

No início do período industrial, e isso ocorreu tanto no Brasil como em diversos países, a mão de obra mais barata era justamente a das mulheres e crianças. Trabalhar nas indústrias não significou uma emancipação da condição feminina, ao contrário, representou um grande acúmulo de funções e obrigações, que vieram ainda mais, marginalizar a mulher na sociedade industrial que estava sendo constituída.

Esta realidade fica evidente analisando os documentos oficiais da época. Em 1920, com intuito de documentar dados sobre a população brasileira, foi desenvolvido o Censo. No capítulo que trata sobre a indústria nacional é possível identificar o grande número de mulheres trabalhadoras nas indústrias.

Figura 58 - Quadro 51 - População recenseada segundo a profissão, a nacionalidade e o sexo (Censo de 1920)

Relativamente à nacionalidade e ao sexo, assim se distribuia a população, em 1920, conforme as suas diferentes ocupações:

51 — População recenseada segundo a profissão, a nacionalidade e o sexo

NACIONALIDADE	SEXO	PROFISSÕES											
		PRODUÇÃO DA MATERIA PRIMA		TRANSFORMAÇÃO E EMPREGO DA MATERIA PRIMA			ADMINISTRAÇÃO E PROFISSÕES LIBERAIS			DIVERSAS			
		Exploração do solo	Extração de matérias minerais	Indústrias	Transportes	Comércio	Força pública	Administr. pública	Administração particular	Profissões liberais	Pessoas que vivem de suas rendas	Serviço doméstico	Profissional definida, profissão não declarada e sem profissão
Brasileiros	Homens	5.415.045	66.649	588.605	200.780	331.987	87.128	90.000	29.161	96.666	20.389	60.538	7.519.531
	Mulheres	572.113	83	398.573	3.517	18.215	—	3.126	2.446	47.500	11.546	270.555	13.210.574
	TOTAL	5.987.158	66.732	987.678	204.297	350.202	87.128	93.126	31.607	144.166	31.935	231.093	20.730.105
Estrangeiros	Homens	353.246	7.904	170.502	48.953	142.633	1.234	4.487	8.126	17.004	6.990	9.707	151.872
	Mulheres	35.585	1	30.663	191	4.624	—	99	406	6.911	1.858	22.934	539.731
	TOTAL	388.831	7.905	201.465	49.144	147.257	1.234	4.556	8.532	23.915	8.848	32.641	691.603
Nacionalidade ignorada	Homens	808	13	150	146	87	1	—	16	23	5	90	12.842
	Mulheres	83	—	64	—	2	—	—	12	7	2	55	10.011
	TOTAL	891	13	214	146	89	1	—	28	30	7	145	22.853
TOTAL	Homens	5.769.099	74.566	759.757	249.579	474.707	88.363	94.487	37.303	113.693	27.384	70.335	7.684.245
	Mulheres	607.781	84	429.600	3.708	22.841	—	3.225	2.864	54.418	13.406	293.544	13.760.316
	TOTAL	6.376.880	74.650	1.189.257	253.587	497.548	88.363	97.712	40.167	168.111	40.790	363.879	21.444.561

Pelos algarismos apurados no censo da população, 1.189.357 habitantes, ou pouco mais da vigesima parte (3,8 %) do total recenseado, consagravam a sua actividade nos trabalhos fabris, registrando o recenseamento industrial, nesse particular, apenas um total de 331.317 individuos, dos quais 18.161 ocupados em trabalhos de usinas assucareiras e 313.156 ocupados nos serviços das demais industrias, isto é, uma diferença para menos de 858.040 trabalhadores, das varias categorias. E', entretanto, perfeitamente expli-

O artigo de Aldrichi (1998) demonstra a existência de mulheres nas fábricas, diferenciando os ramos de atividade onde prevalecia o trabalho feminino.

Figura 59 - Participação da mulher e do menor na força de trabalho por gênero de indústria - Estado de São Paulo - 1920 (ALDRIGHI, 1998)

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO DA MULHER E DO MENOR NA FORÇA DE TRABALHO POR GÊNERO DE INDÚSTRIA - ESTADO DE SÃO PAULO - 1920

INDÚSTRIA	CENSO POPULAÇÃO		CENSO SALÁRIOS			CENSO INDÚSTRIA				
	N. de Trabalh.	% de Mulheres maiores de 21 anos e de menores de 21 anos	N. de Trabalh.	% de Mulheres	% de menores de 16 anos	% de Mulheres e de menores de 16 anos	N. de Trabalh.	% de menores de 14 anos	% de Mulheres	% de menores de 14 anos e de mulheres maiores de 14 anos
Têxtil	17.912	70,4	30.010	59,3	19,2	66,4	34818	7,8	55,2	58,8
Couro	1.949	65,7	959	0,2	4,9	5,1	1111	7,2	1,9	9
Madeira	5.137	19,7	1.590	0,2	6,5	6,7	2115	5,8	0,2	6,1
Metalurgia	21.661	26,1	4.762	7,0	18,0	21,7	5534	7,7	6	13,1
Cerâmica	7.700	25,1	7.299	7,3	13,3	19,4	9406	5,2	11,7	16
Química	1.053	35,0	3.643	32,0	14,9	38,2	4744	5,3	29,2	32,8
Alimentação	9.102	23,5	9017	15,9	9,3	21,4	11225	7,9	18	23,6
Vestuário	75.257	70,1	4.855	49,9	13,7	55,2	10491	9,5	38	43,4
Mobiliário	8.054	34,5	1448	11,4	15,7	25,5	2026	12,4	7,7	19,1
Edificação	57.879	15,0	603	0,3	4,0	4,3	735	2,8	0,6	3,4
Ap. Transp.	2.895	31,9	1050	0,4	12,5	12,8	1455	10,9	0,2	11,2
Prod/Tr. Força	5.981	10,7	42	-	2,4	2,4	65	4,6	0	4,6
Oturas	14.700	34,1	371	19,7	31,0	42,6	371	5,8	19,5	25,6
Total	229.280	41,8	60.649	37,5	15,9	45,5	84096	7,6	33,7	38,5

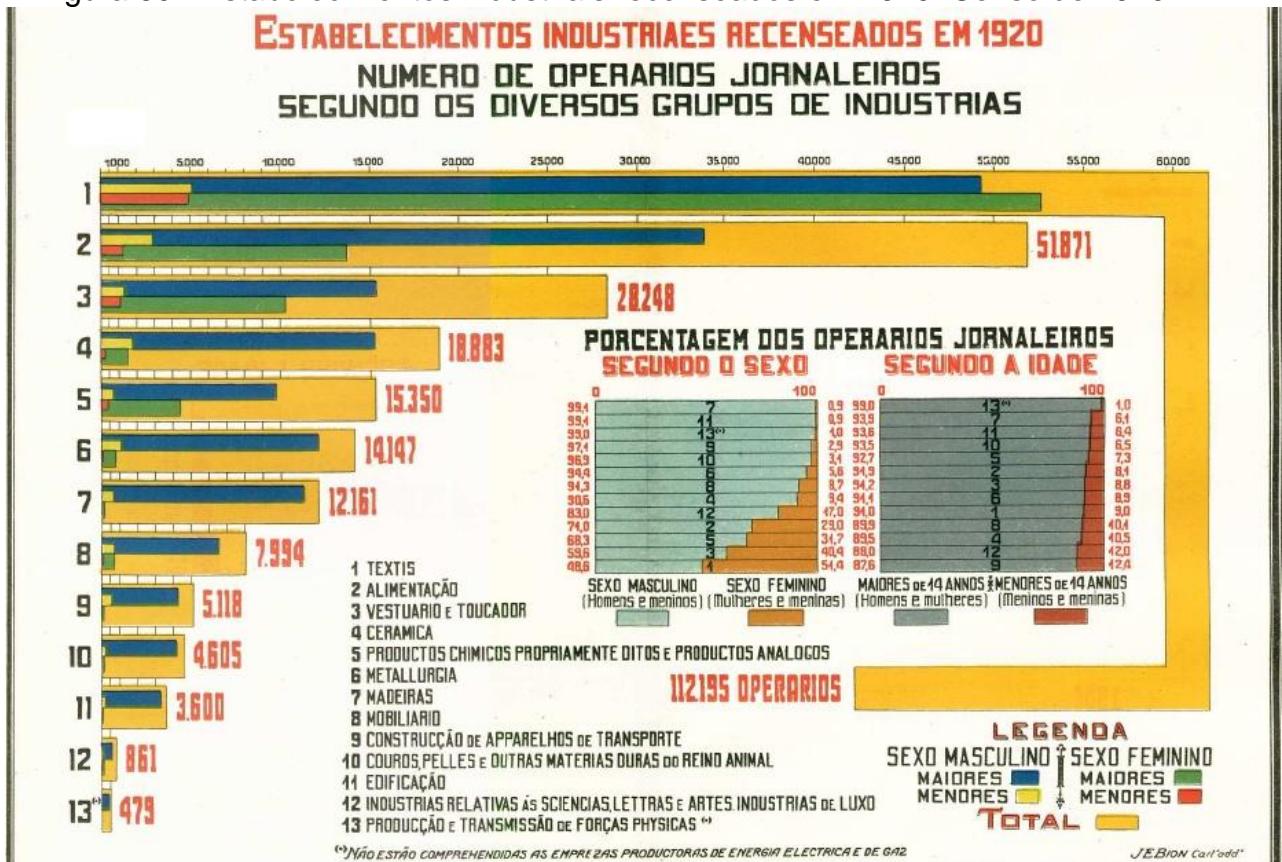
Fontes: MAIC (1927; 1928; 1930).

Os estudos de Pena discutem exatamente esta realidade. A autora demonstra como no primeiro período da República, a mão de obra majoritária, em vários setores fabris era a feminina:

A partir de meados do século XIX, quando as primeiras fábricas têxteis começaram a ser fundadas, uma nova categoria de emprego, a de operária, abriu-se para a mulher dos mais baixos extratos sociais. (...) Assim, por exemplo, em São Paulo, o recenseamento de 1872 mostrou que dos 10.256 operários da indústria de algodão, 9514 eram mulheres (PENA, 1981, p. 91).

O quadro a seguir, publicado no censo de 1920, demonstra a presença dos operários nas indústrias brasileiras no período.

Figura 60 - Estabelecimentos industriais recenseados em 1920. Censo de 1920.



Ao analisar o quadro publicado pode-se verificar:

Indústrias	Total de Trabalhadores	Homens maiores	Mulheres maiores	Homens menores	Mulheres menores	Total de mulheres	Total de homens	Percentual de mulheres
1. Têxteis	112.195	48.000	54.000	5.195	5.000	59.000	53.195	52,59%
2. Alimentação	51.871	34.000	13.871	3.000	1.000	14.871	37.000	28,67%
3. Vestuário	28.248	15.248	11.000	1.000	1.000	12.000	16.248	42,48%
4. Cerâmica	18.883	15.000	1.883	1.500	500	2.383	16.500	12,62%
5. Químicas	15.350	9.000	5.000	1.000	350	5.350	10.000	34,85%

O que se pode notar é que, segundo o Censo de 1920, o número de operárias em vários ramos da atividade fabril era considerável, chegando a ser superior ao masculino no ramo têxtil.

Figura 61 - Quadro 56. Distribuição regional do pessoal empregado segundo categoria e sexo. Censo de 1920.

RECENSEAMENTO REALIZADO EM 1 DE SETEMBRO DE 1920 LXXV

10 operarios do sexo feminino em 1.000 recenseados. O concurso das mulheres é mais evidente nas industrias textis, onde o sexo feminino atinge a proporção de 492 mulheres em 1.000 trabalhadores de todas as categorias.

E' esta a distribuição regional do pessoal empregado nas fabricas :

56 — Distribuição regional do pessoal empregado segundo a categoria e o sexo

ESTADOS, DISTRICTO FEDERAL E TERRITÓRIO	Total	NUMERO DE PESSOAS EMPREGADAS					
		CATEGORIA				SEXO	
		Proprietários e membros da firma	Administradores, engenheiros e outros empregados technicos	Escripturários, estenógrafos, vendedores e outros empregados não jornaleiros	Operários jornaleiros	Masculino	Feminino
Alagoas.....	7.749	437	121	202	6.989	5.341	2.408
Amazonas.....	812	110	26	40	636	798	14
Bahia.....	16.174	667	232	491	14.784	6.426	9.748
Ceará.....	5.273	330	116	125	4.702	3.701	1.572
Distrito Federal.....	63.682	2.486	1.008	3.959	56.229	46.624	17.058
Espirito Santo.....	1.209	125	34	45	1.005	1.041	168
Goyaz.....	287	23	8	12	244	278	9
Maranhão.....	3.846	113	111	79	3.543	1.942	1.904
Matto Grosso.....	370	23	28	39	280	363	7
Minas Geraes.....	21.465	1.623	601	719	13.522	14.613	6.852
Pará.....	3.597	247	109	208	3.033	2.877	720
Parahyba.....	3.589	302	136	116	3.035	2.708	881
Paraná.....	8.817	875	231	416	7.295	7.795	1.022
Pernambuco.....	17.386	595	327	703	15.761	11.355	6.031
Piauhy.....	1.280	64	44	22	1.150	978	302
Rio de Janeiro.....	18.091	571	285	441	16.794	11.924	6.167
Rio Grande do Norte.....	2.524	211	106	61	2.146	2.034	490
Rio Grande do Sul.....	29.271	2.501	730	1.379	24.661	23.804	5.467
Santa Catharina.....	6.675	1.004	170	204	5.297	5.393	1.282
São Paulo.....	95.175	5.403	1.755	4.016	83.998	66.459	28.716
Sergipe.....	5.848	282	123	57	5.386	2.668	3.180
Territorio do Acre.....	36	14	—	—	22	36	—
TOTAL.....	313.156	18.006	6.304	13.334	275.512	219.158	93.998

Eis as industrias que ocupam mais de 2.000 trabalhadores do sexo masculino, pertencentes a todas as classes profissionaes:

INDUSTRIAS	PESSOAS DO SEXO MASCULINO		
	Numero total de pessoas em serviço	Numero	% em re- lação ao total
Fiação e tecelagem de algodão.....	83.270	40.762	49,0
Calçados de couro.....	17.665	15.126	85,6
Serrarias.....	12.632	12.577	99,6
Olarias (tijolos, telhas e maquilhas).....	12.715	12.122	95,3
Moveis de madeira.....	8.686	8.035	92,5
Beneficiamento do algodão.....	6.759	6.702	99,2
Cerveja.....	6.244	6.165	98,7
Fundição e lamação de ferro; cons- trucção de machinas em geral...	5.417	5.408	99,8

Em relação ao estado de São Paulo, verifica-se que a proporção de mulheres em relação aos homens representava 28% do total de trabalhadores recenseados, conforme os dados do censo.

Estado	Total	Proprietário Membros da firma	Administradores Engenheiros Empregados técnico Empregados técnico	Escriturários Estenógrafos Vendedores Não jornaleiros	Operários Jornaleiros	Masculino	Feminino
São Paulo	95.175	5.403	1.758	4.016	83.998	66.459	28.716

A seguir, apresenta-se outro trecho do Censo de 1920. Neste quadro são mostradas as indústrias onde havia um número muito grande de mão de obra operária feminina. Em algumas fábricas a relação chegou a "514 mulheres contra 486 homens, em 1.000 operários".

Figura 62 - Esquema em ordem decrescente das indústrias que mais utilizam do concurso feminino. Página LXXVIII Censo de 1920.

LXXVIII

DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA

As fabricas de tecidos, de productos alimenticios e de artigos do vestuário e toucador são as que possuem maior numero de operarios, não só no grupo dos adultos (37,1 %, 17,3 % e 9,4 %), como tambem no grupo dos menores de 14 annos (3,6 %, 1,5 % e 0,9 %).

Nas industrias de madeiras e edificação é onde se encontra a maior proporção de operarios do sexo masculino: 991 homens e sómente 9 mulheres, em 1.000 operarios. O inverso ocorre em relação ás industrias textis, onde a proporção de operarios do sexo feminino atinge o coefficiente maximo: 514 mulheres contra 486 homens, em 1.000 operarios. Em ordem decrescente são estas as industrias que mais se utilizam do concurso feminino :

INDUSTRIAS	Número total de operarios (sexos masculino e feminino)	OPERARIOS DO SEXO FEMININO	
		Número	% sobre o total de operarios
Fiação e tecelagem de algodão.....	81.052	42.438	52,4
Cigarros, charutos e outros preparados de fumo.....	14.510	10.734	74,0
Camisas e roupas brancas.....	5.138	4.816	93,7
Tecidos de malha.....	5.366	3.355	62,5
Calçados de couro.....	14.647	2.479	16,9
Tecidos de juta.....	2.820	2.186	77,5
Tecelagem de algodão.....	3.186	2.083	65,4
Phosphoros.....	3.446	1.998	58,0
Tecidos de lã (pura e mesclada).....	4.000	1.623	40,6
Fiação de algodão.....	2.858	1.552	54,3
Tecidos de sédia.....	1.765	1.286	72,9
Chapéos de feltro.....	3.502	1.116	31,9
Doces, balas e confeitos.....	2.294	1.005	43,8
Vidros e crystaes.....	5.533	3.933	16,9
Moagem de cereais e fabricação de farinhas de mandioca, trigo e polvilho	4.598	757	16,5
Caixas de papelão.....	1.094	711	65,0
Roupas para homens.....	909	700	77,0
Rendas e bordados.....	1.058	656	62,0
Moveis de madeira.....	7.501	633	8,4
Beneficiamento do café.....	1.886	612	32,4
Especialidades pharmaceuticas.....	1.230	598	48,6
Rêdes.....	776	596	76,8
Chapéos de panno e bonnés.....	767	592	77,2
Chapéos para senhoras.....	608	555	91,3
Olarias (tijolos, telhas e manilhas).....	10.628	507	4,8
Perfumarias.....	964	502	52,1
Chapéos de palha.....	719	485	67,5
Congelação de carne.....	4.264	379	8,9
Chocolate.....	593	360	60,7
Sacos.....	641	357	55,7
Cordalha.....	797	347	43,5
Artefactos de folha de Flandres e de ferro zincedo e estanhado.....	2.201	329	14,9
Flôres artificiaes e cordões.....	417	313	75,1
Fitas, cadarços e tranças.....	388	299	77,1
Louça commun (kaolim ou feldspatho).....	1.292	297	23,0
Beneficiamento do papel.....	1.418	253	17,8
Estopa.....	409	216	52,8
Conservas de carne.....	884	210	23,8
Tecidos elasticos (suspensorios, ligas e cintas).....	333	200	60,1

Reprodução parcial dos dados apontados acima, pelo Censo de 1920, com a seleção das indústrias que concentravam mão de obra feminina superior a 50% (cinquenta por cento).

Ramos da Indústria	Número total de operários	Operários do sexo feminino	Percentual sobre o total de operários femininos
Fiação e tecelagem de algodão	81.052	42.438	52,4
Cigarros, charutos e outros preparados de fumo	14.510	10.734	74
Camisas e roupas brancas	5.138	4.815	93,7
Tecidos de malha	5.366	3.355	62,5
Tecidos de juta	2.820	2.186	77,5
Tecelagem de algodão	3.186	2.803	65,4
Fósforo	3.446	1.998	58
Fiação de algodão	2.858	1.552	54,3
Tecidos de seda	1.765	1.286	72,9
Caixas de papelão	1.904	711	65
Roupas para homens	909	700	77
Rendas e bordados	1.058	656	62
Redes	776	596	76,8
Chapéus de pano e bonés	767	592	77,2
Chapéus para senhoras	608	555	91,3
Perfumarias	964	502	52,1
Chapéus de palha	719	485	67,5
Chocolate	593	360	60,7
Sacos	641	357	55,7
Flôres artificiais e coroas	417	313	75,1
Fitas, cadarços e tranças	388	299	77,1
Estopa	409	216	52,8
Tecidos elásticos (suspensórios, ligas e Cintas	333	200	60,1

A seguir, outro trecho do Censo de 1920 que aponta a concentração da população do município de São Paulo, analisada por bairro (distrito), origem e por sexo:

Figura 63 - População dos municípios de cada um dos Estados do Brasil, segundo a nacionalidade e o sexo. Censo de 1920

RECENSEAMENTO REALIZADO EM 1 DE SETEMBRO DE 1920 545

População dos municípios de cada um dos Estados do Brasil, segundo a nacionalidade e o sexo

Population des municipes de chaque État du Brésil, d'après la nationalité et le sexe

MUNICÍPIOS MUNICIPES	DISTRICOS DISTRICTS	BRAZILEIROS BRÉSILIENS			ESTRANGEIROS ÉTRANGERS			NACIONALIDADE NATIONALITÉ IGNORADA INCONNUE		
		Homens Hommes		Total Total	Homens Hommes	Mulhe- res Femmes	Total Total	Homens Hommes	Mulhe- res Femmes	Total Total
		Homens Hommes	Mulheres Femmes	Total Total	Homens Hommes	Mulhe- res Femmes	Total Total	Homens Hommes	Mulhe- res Femmes	Total Total

ESTADO DE SÃO PAULO

(CONTINUAÇÃO — SUITE)

São Paulo.....	Sé.....	3.469	2.772	6.241	2.798 66	1.857 12	4.655 78	46	25	71
	Móoca	19.244	19.596	38.840	15.955 191	14.371 53	30.326 241	18	25	43
	Consolação.....	14.517	17.053	31.600	7.191 155	7.324 62	14.515 217	8	7	15
	Bom Retiro.....	9.520	9.780	19.300	5.506 98	4.992 26	10.498 124	3	3	6
	Caubucy.....	5.450	5.305	10.755	3.333 41	3.135 15	6.469 56	7	2	9
	Santa Cecilia....	15.724	18.500	34.224	5.854 150	5.540 69	11.394 219	40	54	94
	Perdizes.....	2.545	2.845	5.390	1.605 26	1.439 10	3.044 36	8	7	15
	Bella Vista.....	13.917	15.285	29.202	7.950 184	7.446 56	15.396 240	50	20	70
	Villa Marianna..	7.343	7.678	15.021	3.969 105	3.482 31	7.451 136	80	60	140
	Braz.....	18.736	19.288	38.024	15.127 215	13.731 70	28.853 285	110	82	192
	Penha de França	2.152	2.443	4.595	835 16	642 5	1.477 21	4	4	8
	Ypiranga.....	3.742	3.887	7.629	2.345 50	1.989 16	4.334 66	49	52	101
	Sant'Anna.....	10.689	10.207	20.896	5.667 88	4.509 33	10.176 121	80	50	130
	Lapa.....	6.587	6.207	12.794	5.358 41	3.845 9	9.203 50	3	1	4
	Nossa Senhora do Ó	2.176	1.981	4.157	841 14	510 1	1.371 75	1	5	6
	São Miguel.....	1.981	1.840	3.821	514 14	353 5	867 19	14	—	14
	Butantan	1.911	1.853	3.764	933 7	617 4	1.550 11	3	2	5
	Osasco.....	1.549	1.296	2.845	838 15	493 2	1.331 17	2	—	2
	Liberdade.....	13.099	15.035	28.134	5.613 194	5.061 64	10.674 258	27	25	52
	Belemzinho	13.949	13.910	27.859	9.554 137	8.048 59	17.602 187	206	161	367
	Santa Ephigenia	15.054	12.231	27.285	8.023 154	6.031 58	14.054 212	55	13	68
TOTAL.....		183.384	188.992	372.376	109.809 1.961	95.436 651	205.245 2.612	814	598	1.412

Figura 64 - Reprodução parcial da Figura 63, com os bairros onde havia uma maior concentração de operários.

MUNICIPIOS	DISTRITOS	BRASILEIROS			ESTRANGEIROS			NACIONALIDADE IGNORADA		
		HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
SÃO PAULO	SÉ	3.469	2.772	6.241	2.798.56	1.857.12	4.655.78	46	25	71
	MÓOCA	19.244	19.596	38.840	15.955.191	14.371.53	30.326.721	18	25	43
	CONSOLAÇÃO	1.547	17.053	31.600	7.191.155	7.324.62	14.515.217	8	7	15
	BOM RETIRO	9.520	9.780	19.300	5.506.98	4.992.26	10.498.124	3	3	6
	BELA VISTA	13.917	15.285	29.202	7.950.184	7.446.56	15.396.240	50	20	70
	BRAS	18.736	19.288	38.024	15.127.215	13.731.70	28.858.285	110	82	192
	LAPA	6.587	6.207	12.794	5.358.41	3.845.9	9.203.50	3	1	4
	BELENZINHO	13.949	13.910	27.859	9.554.137	8.048.50	17.602.187	206	161	367
	SANTA									
	EFÍGENIA	15.054	12.231	27.285	8.023.154	6.031.58	14.054.212	55	13	68

A apresentação dos trechos do Censo de 1920 corrobora com os estudos de Pena, Rego e Hahner que afirmam que no início do século XX, em São Paulo, grande parte da mão de obra operária era constituída de mulheres.

Por volta do final do Século XIX, as mulheres eram empregadas em número sempre crescente nas indústrias brasileiras que se desenvolviam, especialmente a de têxteis, e seus salários, como os dos menores de idade, estavam muito abaixo dos já magros vencimentos pagos aos homens (HAHNER, 1978, p. 96).

Por mais contraditório que possa parecer, não era a realidade demonstrada pelos jornais operários do mesmo período. Poucas são as matérias que relatam a presença das mulheres na força de trabalho fabril.

A presença das mulheres nas fábricas foi tolerada, mas as questões de gênero não foram objeto das reivindicações de classe. O assédio não era identificado como algo que afetasse a classe trabalhadora e sim como uma situação específica das mulheres.

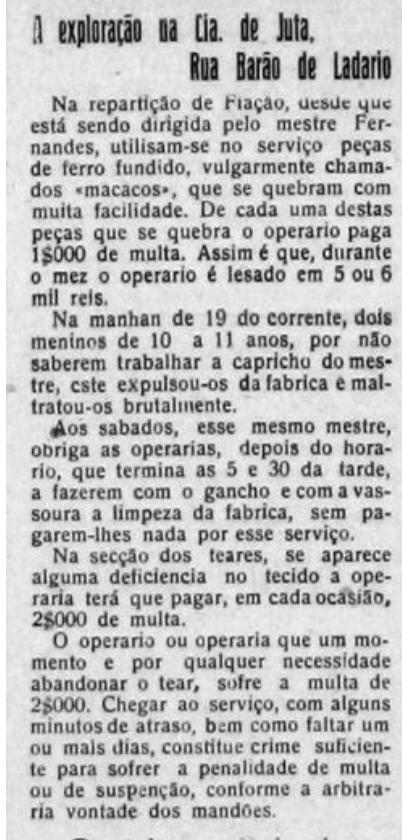
Não fazia parte das questões operárias as preocupações com gênero, apesar de trabalharem fora, terem ingressado na grande massa operária do período, a mulher não conquistou, simultaneamente, reconhecimento e espaço.

Apesar das muitas greves e mobilizações políticas que realizaram contra a exploração do trabalho nos estabelecimentos fabris entre 1890 e 1930, as operárias foram, na grande maioria das vezes, descritas como “mocinhas infelizes e frágeis”. Apareciam desprotegidas e emocionalmente vulneráveis aos olhos da sociedade, e por isso podiam ser presas da ambição masculina (RAGO, 2006, p. 578).

Estas mulheres não alcançaram visibilidade, tanto na sociedade como no movimento que defendia os interesses dos operários. Dos inúmeros exemplares analisados, poucos trazem informações sobre o trabalho das mulheres, ou sobre a participação das operárias nos movimentos sindicais.

Apesar de em alguns setores da produção, conforme foi demonstrado com os gráficos do censo de 1920, ter havido um grande número de operárias do sexo feminino, esta realidade não é demonstrada pelos jornais operários. Ao contrário, no caso abaixo, o trabalho da mulher é comentado dentro de uma questão diferente, que estava sendo objeto de campanha dos vários jornais operários, que era a exploração do trabalho do menor.

Figura 65 - *Guerra Sociale*, 31 de março de 1917, página 4



Transcrição

A exploração da Cia. de Juta, Rua Barão de Ladario.

Na repartição de Fiação, desde que está sendo dirigida pelo mestre Fernandes, utilizam-se no serviço peças de ferro fundido, vulgarmente chamados "macacos", que se quebram com muita facilidade. De cada uma destas peças que se quebra o operário paga 1\$000 de multa. Assim é que, durante o mês o operário é lesado em 5 ou 6 mil reis.

Na manhan de 19 de corrente, dois meninos de 10 a 11 anos, por não saberem trabalhar a capricho do mestre, este expulsou-os da fabrica e maltratou-os brutalmente.

Aos sabados, esse mesmo mestre, obriga as operarias, depois do horario, que termina as 5 e 30 da tarde, a fazerem com o gancho e com a vassoura a limpeza da fabrica, sem pagarem-lhes nada por esse serviço.

Na secção dos teares, se aparece alguma deficiencia no tecido a operaria terá que pagar, em cada ocasião, 2\$000 de multa.

O operario ou operaria que um momento e por qualquer necessidade abandonar o tear, sofre a multa de 2\$000. Chegar ao serviço, com alguns minutos de atraso, bem como faltar um ou mais dias, constitue crime suficiente par sofrer a penalidade de multa ou de suspençao, conforme a arbitaria vontade dos mandões.

Trata-se de uma indústria têxtil de juta, conforme o quadro apresentado no Censo de 1920, página LXXVIII, o número de operários do sexo feminino deste setor representava 77,5% do total de operários. Portanto, maioria absoluta de mulheres mas, apesar desta realidade, a organização dos trabalhadores ocorreu contra o trabalho infantil e, as únicas queixas que foram levantadas a respeito do trabalho da mulher foram o fato das operárias terem que limpar as fábricas aos sábados e o número de multas que eram cobradas das mesmas.

A forma como a notícia foi apresentada em nenhum momento ratifica a pesquisa oficial, pois além dos problemas das operárias estarem diluídos em outras questões não se demonstra que elas eram o maior número de trabalhadores no setor. O discurso do jornal reporta a interpretação do não dito de Orlandi (2012, p. 83.): "Não é tudo que não foi dito, é só o não dito relevante para aquela situação significativa".

Caso não houvesse um confronto entre as informações oficiais e o artigo de *Guerra Sociale*, não seria possível destacar a importância da presença feminina no movimento.

No mesmo exemplar, na página 5, há um artigo assinado por Angelina Soares, escritora anarquista, que na época escreveu como colaboradora para vários jornais operários sendo também professora nas escolas modernas. Nele, Angelina narra as condições de trabalho na mesma empresa, Cia. Juta, reafirma a extrema exploração que sofrem as crianças e as péssimas condições no ambiente de trabalho.

Chama a atenção que no artigo ela menciona a existência de outras trabalhadoras mulheres, muitas delas crianças, destaca a presença da contramestre,

cargo de chefia de setor, que também é uma mulher. Mas o seu destaque ocorre por ser extremamente cruel e violenta com as operárias crianças.

Figura 66 - *Guerra Sociale*, 31 de março de 1917, página 5

A redacção da "GUERRA SOCIAL"

Vou por meio desta, informar o que observei na fabrica da Cia. Juta. Esta fabrica, sita á Rua Barão de Ladario, na qual trabalham dois ou tres mil operarios, acha-se em pessimas condições higienicas.

As suas janelas, de vidro, permanecem sempre fechadas e revestidas de uma grande camada de pó. O ar que ali se respira está envenenado por uma nuvem de fios que se desprende das maquinas. Os mictórios, em numero de cinco ou seis, tem somente uma porta que, por não estar fixa serve para qualquer deles. As bombas estão de tal forma que a pessoa que entrar deve ir disposta a tomar banho, porque derramam agua constantemente. Sente-se ali uma pestilencia insupravel. Talvez isso convenha aos pro-

prietarios para que as obreiras não permaneçam ali muito tempo...

As crianças que ali trabalham, em numero bastante elevado, andam sempre correndo, de uma maquina para outra, conduzindo carreteis. Atropelam-se e brigam, querendo cada qual ir mais depressa que o seu companheiro, para não ser atingido pelo chicote da contra-mestra.

Certa manhã, uma menina de corpo franzino, regulando ter sete ou oito anos, muito raquítica, com a sua cor pardacenta os seus ossos salientes, exhibindo a miseria, estampada no seu famelico rosto, recebeu um *empurrão* de um pirralho de 9 anos, indo bater com a testa no chão. A infeliz criança levantou-se no auge da dor, correu para o pirralho extendendo os seus magros braços, para devolver-lhe a ofensa, quando sentiu sobre as suas costas, uma forte chicotada.

Voltou-se, cega de raiva, e ao reconhecer o rosto da contra-mestra, baixou os olhos rasos de lagrimas e continuou o seu trabalho!

Então a nossa heroína, a contra-mestra satisfeita da sua façanha, olhou para as suas companheiras, sentindo-se orgulhosa por ter castigado uma criança de oito annos!

Scenas como esta ocorrem todos os dias.

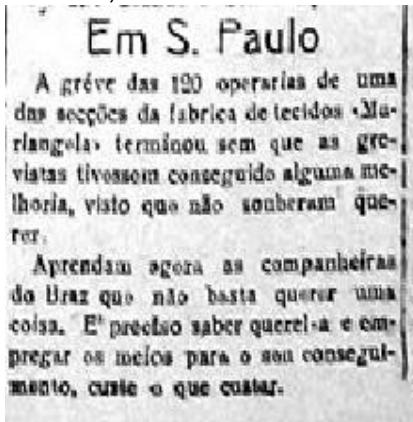
A alma destas crianças sublevada a principio, adapta-se depois á obediencia, formando assim o enorme rebanho do trabalho e de conservação da sociedade burgueza.

Os seus gritos de protesto, sufocados a chicote, acabarão por emudecer se não houver um novo estado de cousas, que ponha termo á exploração da infancia nas fabricas e nas oficinas.

ANGELINA SOARES

A grande maioria destes artigos narra as péssimas condições de trabalho das mulheres, a sujeição aos baixos salários e ainda ao assédio moral e sexual que as operárias sofriam dos seus patrões e capatazes.

A forma como as mulheres são apresentadas demonstra uma certa fragilidade, uma necessidade de serem tuteladas ou protegidas pelos homens.

Figura 67 - *A Plebe*, 21 de outubro de 1917, página 3

Em São Paulo

A greve das 190 operárias de uma das secções da fabrica de tecidos "Mariangela" terminou sem que as grevistas tivessem conseguido alguma melhoria, visto que não souberam querer.

Aprendam agora as companheiras do Braz que não basta querer uma coisa. É preciso saber querer e empregar os meios para o seu conseguimento, custe o que custar."

Ou seja, as operárias da fábrica Mariangela não souberam reivindicar, na verdade sequer tinham conhecimento do que pretendiam como o movimento paredista. Foi um movimento vazio, sem motivo, sem organização, e em decorrência, as operárias não conseguiram nada. Estas operárias deveriam ter aprendido com os outros movimentos organizados e liderados pelos homens.

O assédio sofrido pelas operárias não é visto como uma questão de classe, algo que afete diretamente a questão de exploração igual aos demais trabalhadores. É algo inerente ao gênero, não um problema social.

Em vários outros momentos, o discurso dos jornais, silencia sobre a atuação das operárias. Ao narrar os fatos que culminaram na grande greve geral de 1917, os jornais operários são unâimes em informar que as mobilizações iniciaram-se nas indústrias têxteis.

Os quadros apresentados pelo Censo de 1920 demonstram que, nestas indústrias, exatamente no período das mobilizações, a mão de obra majoritária em alguns setores de produção, era feminina. Não há qualquer menção deste fato, sequer que as mesmas tenham participado ativamente do movimento.

A seguir vários informes publicados em *A Plebe* de 9 de julho de 1917, período da grande greve geral, a maioria dos artigos informando sobre as

mobilizações nas indústrias do ramo têxtil. Não há qualquer menção sobre mulheres operárias, ou sobre a participação de mulheres nas mobilizações.

Figura 68 - *A Plebe*, 09 de julho de 1917, página 3



Silenciar a respeito da atuação das mulheres ressalta o entendimento de Hahner. Na visão da autora, mesmo os intelectuais anarquistas e socialistas, viam as mulheres como mão de obra desqualificada, portanto, facilmente explorada pelos industriais, o que gerava concorrência com os homens.

A atitude ambivalente dos líderes trabalhistas com relação às mulheres é evidente no relatório da União dos Alfaiates do Rio, de orientação sindicalista enviado ao Segundo Congresso Trabalhista Brasileiro de 1913: ao mesmo tempo em que demonstram piedade pelo sofrimento imposto às trabalhadoras, temem a competição que elas impõem, o que se evidenciava nos números de filiados que vinham perdendo. Afirmavam que "a mulher na nossa classe é por demais explorada e, atualmente, sentimo-lo dizer, é a mais perigosa concorrente e, portanto, contribui muito para a sua e nossa decadência. O congresso trabalhista de 1906, dominado pelo anarcosindicalismo, também via nas mulheres "terríveis concorrentes do homem" e as acusava de serem culpadas de sua própria vitimização, proclamando que a exploração das mulheres acontecia, sobretudo, por "lhes faltar coesão e solidariedade" (HAHNER, 2003, p. 241).

Apesar de estarem trabalhando nas mesmas indústrias que os homens, ainda eram vistas e tratadas como inferiores, conforme narra a mesma autora em outro trecho do seu estudo:

Entretanto, algumas socialistas queixavam-se não só de alguns "companheiros" que, como os burgueses, "julgam que a mulher é objeto de luxo", mas também de todos aqueles que pensam que "a mulher só serve para criar filhos e para serviços domésticos". Mas, principalmente, denunciavam que as trabalhadoras eram "as mais escravizadas e humilhadas pelos homens e pelos industriais (HAHNER, 2003, p. 239).

De certa forma, as notícias publicadas pelos jornais operários reproduziam estes entendimentos. Interessante observar que, ao falarem da atuação das mulheres, as mesmas não são citadas como companheiras, operárias ou pela função, como ocorria em relação aos ativistas homens.

Figura 69 - *A Plebe*, 28 de fevereiro de 1920, página 3



Ao contrário, o artigo acima demonstra que, na visão dos militantes anarquistas, as mulheres operárias eram "inconscientes", o que "dificultava" a organização dos trabalhadores.

Vencendo todas as dificuldades que lhes são opostas pela resistência dos grandes capitalistas da indústria textil, bem como os manejos infames da canalha clerical que se esforça para arredar do seu seio os trabalhadores e principalmente as operárias e os menores ainda inconscientes, a U.O.F.T. prosegue vitoriosamente no trabalho de organização e educação associativa da numerosa classe que gremia [...]

Trata-se da organização dos trabalhadores na indústria textil e, conforme foi demonstrado pelo Censo de 1920, a maioria da mão de obra era feminina. O artigo

não aponta neste sentido, e ao mencionar as operárias, as coloca no mesmo patamar que as crianças, e ainda destaca que são elas, juntamente com as crianças que são arregimentadas pelo clero e pelos capitalistas, ou seja, por não terem consciência, são facilmente seduzidas. A mulher é tão facilmente manipulável como uma criança. O artigo não informa se operários homens também são seduzidos, se existem, no meio da indústria textil, trabalhadores do sexo masculino que ainda não tenha consciência de classe.

Figura 70 - *A Plebe*, 1º de setembro de 1917, página 3

Foi um movimento espontâneo, manifestado durante o serviço.
Uma comissão dos operários fôr reclamar providências da direcção da fabrica para que tal odioso sujeito, encarregado da secção da gomma cessasse os seus abusos, assim como chamasse à ordem a mestra da secção dos carreteis, que insulta as operárias e espanca as crianças.
Como a resposta dos directores do estabelecimento fosse negativa e o infame typo ainda se puzesse a fazer pouco dos operários da comissão, todo o pessoal abandonou imediatamente o trabalho.
A solidariedade entre as grevistas é admirável. As suas reuniões, realizadas na sede da Lapa, são inconfundíveis demonstrações de firmeza.
A polícia, procurando favorecer os patrões, tem praticado as suas costumeiras violências, perseguinto os operários e farejando a sede da Liga.

AS GREVÉS

Na Lapa, Ypiranga e S. Caetano

Ha algumas semanas apenas do grande movimento com que o proletariado desta cidade lançou o seu vigoroso protesto contra as explorações e injustiça de que era vítima, reivindicando ao mesmo tempo o seu direito á actividade associativa, os patrões ou os mandatarios voltam á pratica de suas violências, como que pretendendo provocar os trabalhadores a oferecer, assim, occasião para as perseguições revoltantes.

O caso dos tecelões da Lapa é disso uma edificante demonstração.

Um individuo sem escrupulos, useiro e vezeiro na pratica de abusos e desrespeito aos operários, - o que lhe tem valido a expulsão de outras partes, - collocado á testa de um serviço do qual dependem os demais trabalhadores da fabrica, praticou taes infamias que os operários se viram obrigados a abandonar o trabalho.

O artigo relata o assédio sofrido pelos operários por parte de um capataz que já foi expulso de outras fábricas pelas mesmas práticas desrespeitosas.

Foi um movimento espontaneo, manifestado durante o serviço.

Uma commissão dos operarios fôra reclamar providencias da direcção da fabrica para que tal odioso sujeito, encarregado da secção da gomma cessasse os seus abusos, assim como chamasse á ordem a mestra da secção dos carreteis, que insulta as operarias e espanca as crianças.

Além das atitudes do capataz, uma mestra da seção de carreteis, também assedia as operárias e espanca as operárias crianças. Revoltados, os operários criaram uma comissão, partiram em defesa das operárias e diante da negativa do patrônio entraram em greve.

Como a resposta dos directores do estabelecimento fosse negativa e o infame typo ainda se puzesse a fazer pouco dos operarios da commissão, todo o pessoal abandonou immediatamente o trabalho.

A solidariedade entre as grevistas é admiravel. As suas reuniões, realizadas na séde da Lapa, são inconfundiveis demonstrações de firmeza.

A polícia, procurando favorecer os patrões, tem praticado as suas costumeiras violencias, perseguinto os operarios e farejando a séde da Liga.

A única menção da participação das mulheres no movimento foi "A solidariedade entre as grevistas é admiravel". Todos os demais sujeitos participantes do movimento estão descritos no gênero masculino. O artigo leva à interpretação de que a maioria dos operários era homem, a forma como destacou a atuação das mulheres na greve leva a interpretar que as poucas mulheres da fábrica aderiram ao movimento, contrastando com a apuração do Censo de 1920, onde verifica-se a presença de 65,4% de mulheres na indústria de tecelagem.

Ao mencionar a criação e existência da comissão em defesa dos operários, o fez no gênero masculino, reafirmando o papel do homem como liderança.

Em 30 de outubro de 1917, *A Plebe* na página 3 narra a greve organizada pelas trabalhadoras da indústria Mariangela, cujo gerente é representante da indústria Matarazzo.

A polícia, os patrões e os grevistas

Um lacaio da Matarazzo, que na gerencia da fabrica Mariangela ocupa lugar de destaque, tentou oppôr-se á propagação ali do movimento grevista dizendo ás operarias uma infinidade de coisas sem nexo. Desobedecido toda a linha, o canalha aggrediu uma dellas, que mais saliente se mostrava, indo depois muito satisfeito da façanha chamar o soccorro da polícia, que dispersou à chanfalhada as aglomerações de grevistas.

O artigo demonstra as atitudes assediadoras do gerente da fábrica, ao notar a adesão das operárias ao movimento paredista. Ressalta a participação de uma delas, a mais saliente, ou seja, espevitada, exaltada, que acabou sendo agredida pelo gerente.

Como os leitores vêm os exploradores do nosso amor já se não contentam unicamente em reduzir-nos a miseria. Vão mais longe: agredem e insultam quem custa reagir contra a sua ganancia e falta de escrupulo.

Nem já pouparam as mulheres, os bandidos! Depois querem que o povo se cale e humilhe, deixando-os a vontade fazer a digestão!

Ao criticar a agressão ressalta o aspecto de ser contra uma mulher, gênero mais frágil e delicado da sociedade.

Aconselhamos as operárias em greve a resistir até à última hora, mantendo-se unidas e cohêsas sem dar ouvidos às cantadas dos pulhastres que as pretendem subjugar e submeter por meio de promessas fallazes e traiçoeiras.

Procedendo assim, fiquem certas companheiras grevistas que a vitória caberá inteiramente, tanto mais a causa por que lutam e das mais justas e das mais humanas.

Ao final, o jornalista dá um “conselho” às operárias, para que as mesmas permaneçam unidas e firmes, e que não deem ouvidos às cantadas dos pulhas que pretendem seduzi-las, ou seja, as grevistas são mulheres e, portanto, frágeis, necessitando de conselhos, mesmo quando estão lutando pelos seus direitos, já que pela sua condição natural podem ser seduzidas e enganadas.

Outro artigo igualmente interessante: União das Costureiras. Neste artigo, o jornal informa a criação da associação das costureiras, iniciativa tomada por operárias cansadas da exploração e dos maus tratos.

[...] No ultimo domingo, essas escravizadas operárias realizaram uma concorrida reunião na rua Quitanda, 4, e ali deliberaram defender os seus interesses das garras vampíricas dos patrões que enriquecem à custa do seu suor e do seu sacrifício, orientando-se pelos methodos da acção propria, devidamente congregada, e acabando desse modo com o regimen de chaleirismo até agora usado na sua classe.

Até mesmo quando elogiam a ação feminina incorrem em um demérito. Termos como escravizadas, demonstram uma situação de submissão, qualificaram o patrão de vampiro, lendária figura masculina sedutora que suga o sangue das suas

vítimas, na maioria donzelas indefesas. Qualificam a classe das costureiras de "chaleirista", bajuladoras, aduladoras.

Quer dizer: as costureiras, conscientes da sua dignidade e do seu valor, decidiram-se a ser mulheres, na verdadeira accepção do termo, e não manequins manejados pela vontade dos seus algozes de ambos os sexos. [...].

Somente as costureiras que estão participando da organização do movimento possuem consciência de classe, as demais mulheres trabalhadoras são manequins facilmente manipuláveis.

Homens, operarios dissociados: Se acaso vos envergonhaes de vêr essas raparigas, irmãs nossas no sofrimento e na miseria, adiantando-se a vós na marcha para a emancipação, vinde tambem fundar, robustecer as vossas agrupações!

O artigo termina provocando os homens, que devem se sentir envergonhados ao notar que "raparigas", garotas, jovens, recém saídas da infância, e portanto, frágeis, estão tomando a frente na organização de classe. Mesmo as operárias que estão na liderança do movimento não são chamadas de companheiras.

Figura 71 - *A Plebe*, 19 de abril de 1919, página 3

União das Costureiras

Eis uma notícia animadora e que vai ferir em cheio a consciência de muitos operarios: as costureiras desta capital acabam de se constituir em associação de classe, reconhecendo assim que só com a união, solidariedade, o apoio mutuo & exigível a reivindicação de direitos postergados.

No último domingo, essas escravas operárias realizaram uma concorrida reunião na rua da Quitanda, 4, e ali deliberaram defender os seus interesses das garras vampíricas dos patrões que enriquecem à custa do seu suor e do seu sacrifício, orientando-se pelos meios da ação proprias, devidamente congregada, e acabando desse modo com o regime de *chaleirismo* até agora usado na sua classe.

Quer dizer: as costureiras, conscientes já da sua dignidade e do seu valor, decidiram-se a ser mulheres, na verdadeira accepção do termo, e não manequins manejados pela vontade dos seus algozes de ambos os sexos. Ergueram a fronte com altivez e à exploração disseram que já não eram escravas passivas e submissas. Bello gesto! Magnífico exemplo!

Homens, operarios dissociados: Se acaso vos envergonhaes de vêr essas raparigas, irmãs nossas no sofrimento e na miseria, adiantando-se a vós na marcha para a emancipação, vinde tambem fundar, robustecer as vossas agrupações!

Liga dos Padeiros e Con-

Em todos os jornais, são inúmeros os informes sobre greves, assembleias, reuniões e atos, raríssimas são as matérias que informam sobre a presença das mulheres.

Ao todo foram analisados 64 jornais, destes, menos de 15% trazem qualquer notícia sobre a atuação das mulheres operárias. A maioria dos artigos assinados por mulheres, tratam de assuntos ligados ao movimento anarquista ou às greves. Os artigos que mencionam a importância do papel da mulher na sociedade, sempre a designam como mãe, esposa, irmã, dona de casa.

Na pauta de reivindicações apresentada no período da greve há somente uma cláusula que diz respeito ao trabalho da mulher.

Figura 72 - *A Plebe*, 11 de agosto de 1917, página 2



“Quanto a cláusula 6^a: Que por motivo de ordem moral e defeza physiologica seja abolido o trabalho nocturno das mulheres;”

Ou seja, o trabalho noturno das mulheres deve ser abolido pela defesa da ordem moral, ou seja, não é moralmente aceito que as mulheres trabalhem à noite, horário no qual deve estar em seus lares, atendendo às necessidades de suas famílias e pela defesa das condições físicas da mulher, que são naturalmente mais frágeis que os homens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos principais a ser considerado a respeito dos jornais, objeto deste estudo, é o fato deles representarem a ação direta, prática adotada pelo anarquismo, conforme explicou Toledo (2004). Assim como defendiam as greves, as mobilizações, assembleias, passeatas, boicotes, agiam também por meio dos artigos e charges.

Suas matérias não deixavam dúvidas, iam ao cerne da questão. Se o problema eram os baixos salários, explicavam as consequências para os trabalhadores e os benefícios dos empregadores, se o tema era moradia, explicavam o que representava a propriedade privada, e quem lucrava com a exploração da miséria.

Em relação ao analfabetismo ou sobre a instrução convencional, deixavam evidente que a situação era de interesse das elites que mantinham o modelo de sociedade por meio da ignorância dos operários, que não possuíam condições de deslumbrar uma outra realidade.

As charges, igualmente, eram claras e objetivas com imagens fortes e marcantes, não deixavam qualquer dúvida a respeito do tema, criticavam de forma direta, e em algumas situações apontavam os caminhos a serem adotados.

A linguagem era direta porque o articulador era o próprio operário. Era ele que falava da sua realidade, do seu cotidiano, tendo como suporte a sua ideologia, construída pela luta e pela organização a qual pertencia. Estes jornais eram escritos por operários militantes anarquistas.

Durante o desenvolvimento do presente estudo, pôde-se observar o grau de abnegação, determinação e envolvimento dos militantes anarquistas que estiveram nos movimentos sociais do período.

Muitos foram deportados, outros perseguidos tendo suas casas invadidas e suas famílias humilhadas, outros foram presos. As indústrias criavam listas com nomes dos indesejáveis, o que os colocava em uma situação de miséria.

Mas, o que poderia inibir alguns, para estes militantes, funcionava como uma pólvora, que os insuflava ainda mais para permanecer nos movimentos sociais. Edgard Leuenroth é um dos maiores exemplos, foi preso, perseguido, teve a sede de *A Plebe* invadida, as máquinas destruídas, mas não deixou de atuar diretamente, escrevia para vários jornais, participava diretamente da organização das entidades de classe e das inúmeras mobilizações.

A luta pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e solidária é o que movia a todos. Eles acreditavam na transformação da sociedade e da realidade tão sofrida dos trabalhadores daquele período.

Nota-se que as propostas de transformação social eram gerais, para toda a humanidade, independente de raça, origem, ou classe social. E que, dentro deste universo, as questões de gênero estavam absorvidas. Para estes militantes as questões ligadas especificamente às mulheres faziam parte da transformação da sociedade como um todo, motivo pelo qual, não eram tratadas separadamente.

O papel da mulher, neste universo, estava ligado aos aspectos biológicos. Já que a natureza havia criado a mulher com o "dom" de ser mãe, naturalmente caberia a ela a função de criar e educar os filhos. Também, como a natureza havia dotado a mulher de sentimentos carinhosos, meigos e sublimes, caberia à mulher utilizar destes sentimentos para transformar a sociedade.

"O seu templo é o lar. O altar em que oficia, é dos afectos puros, legítimos, sagrados, porque nascem, vivem e se desenvolvem debaixo do imperio do amor." (*A Lanterna*, 1º de maio de 1916, página 3). Ser a "rainha do lar" era algo natural, pois de outra forma ela não poderia se dedicar a educação dos filhos, que deveria ser racional e com fundamentos científicos, desenvolvida com afeto e dedicação onde a lógica prevaleceria, daí a grande importância desta mulher ser instruída.

Por meio desta instrução a mulher desenvolveria habilidades e instrumentos para educar os futuros cidadãos, homens capazes de conhecer e compreender a ideologia anarquista e assim, transformar a sociedade de forma natural, com práticas e métodos adquiridos pela educação inovadora.

Portanto, não há como acusar esta postura de machista. Não se trata aqui de rotular as práticas de exclusão e desvalorização do trabalho da mulher de

preconceituosa. Havia um projeto maior, e o papel da mulher dentro deste projeto era de: "a mãe, a esposa, a filha, a noiva, a irmã" (*A Lanterna*, 1º de Maio de 1916, página 3).

Parece uma grande contradição, a emancipação da sociedade e a submissão do trabalho da mulher. Na verdade, na visão dos anarquistas daquele contexto, cada ator social tinha um papel definido, e ao assumir esse papel, adotando ideias e práticas revolucionárias, a sociedade seria transformada.

Uma outra instituição burguesa também era combatida, a família. Neste contexto, o modelo de família anarquista era diferente dos paradigmas impostos pela sociedade: eles defendiam o amor livre, o divórcio e o direito à maternidade voluntária (RAGO, 2006). A base desta família seria os sentimentos, o carinho e o respeito. Estes valores é que aproximariam os casais e não as instituições, a moral e a religião. Mas, o fruto deste "amor livre", que seriam os filhos, naturalmente seriam de responsabilidade da mulher, pois ser mãe era a sua função biológica. E educar seria a expressão máxima do seu papel dentro da sociedade a ser conquistada.

Não havia como reivindicar a igualdade entre homens e mulheres, pois o objetivo maior era a igualdade entre todos os seres humanos, sem a existência de classes, instituições, Estado e religião. O processo de transformação social era de toda a espécie humana e não de um gênero dentro da espécie.

A sociedade burguesa impedia que a mulher adquirisse instrução, os poucos conhecimentos que possuíam eram viciados pela religião e pela moral social, isto tornava as mulheres mais frágeis, frívolas e facilmente manipuláveis. Em decorrência, possuíam a tendência de serem mais místicas, religiosas, serem seduzidas e enganadas.

Unindo os fatores biológicos e sociais, ficava claro o papel desta mulher: mãe, esposa e rainha do lar. Portanto, quando a mulher saía de casa e partia para o trabalho remunerado, esta lógica natural estava sendo quebrada.

A consequência direta era a maior exploração destas operárias, que recebiam salários mais baixos, possuíam jornadas maiores e além das funções ligadas diretamente à produção, cumulativamente realizavam o serviço de limpeza das indústrias. Isso ocorria porque as operárias possuíam dificuldades de

conscientização justamente pela falta de instrução que as tornava incapazes de reconhecer a exploração pela qual passavam e a se mobilizar pela transformação desta realidade.

Por estes motivos, os próprios companheiros a identificavam como frágeis, inconscientes, facilmente manipuláveis como uma criança (*A Plebe*, 28 de fevereiro de 1920) e portanto, precisavam ser orientadas e aconselhadas: "Aprendam agora as companheiras do Braz que não basta querer uma coisa. É preciso saber querer e empregar os meios para o seu conseguimento, custe o que custar" (*A Plebe*, 21 de outubro de 1917).

Pelas questões sociais, quando estas operárias ocupavam os cargos dos homens, rebaixavam os salários e ainda dificultavam a organização dos trabalhadores. Esta análise foi retratada por Hahner (2003), que apresentou trechos do relatório da União dos Alfaiates do Rio, de orientação sindicalista enviado ao Segundo Congresso Brasileiro de 1913:

[...] ao mesmo tempo em que demonstram piedade pelo sofrimento imposto às trabalhadoras, temem a competição que elas impõem, o que se evidenciava nos números de filiados que vinham perdendo. Afirmavam que "a mulher na nossa classe é por demais explorada e, atualmente, sentimo-lo dizer, é a mais perigosa concorrente e, portanto, contribui muito para a sua e nossa decadência (HAHNER, 2003, p. 241).

Mais à frente, Hahner demonstra que esta visão também foi adotada pelos militantes anarco-sindicalistas:

O congresso trabalhista de 1906, dominado pelo anarco-sindicalismo, também via nas mulheres "terríveis concorrentes do homem" e as acusava de serem culpadas de sua própria vitimização, proclamando que a exploração das mulheres acontecia, sobretudo, por "lhes faltar coesão e solidariedade" (HAHNER, 2003, p. 241).

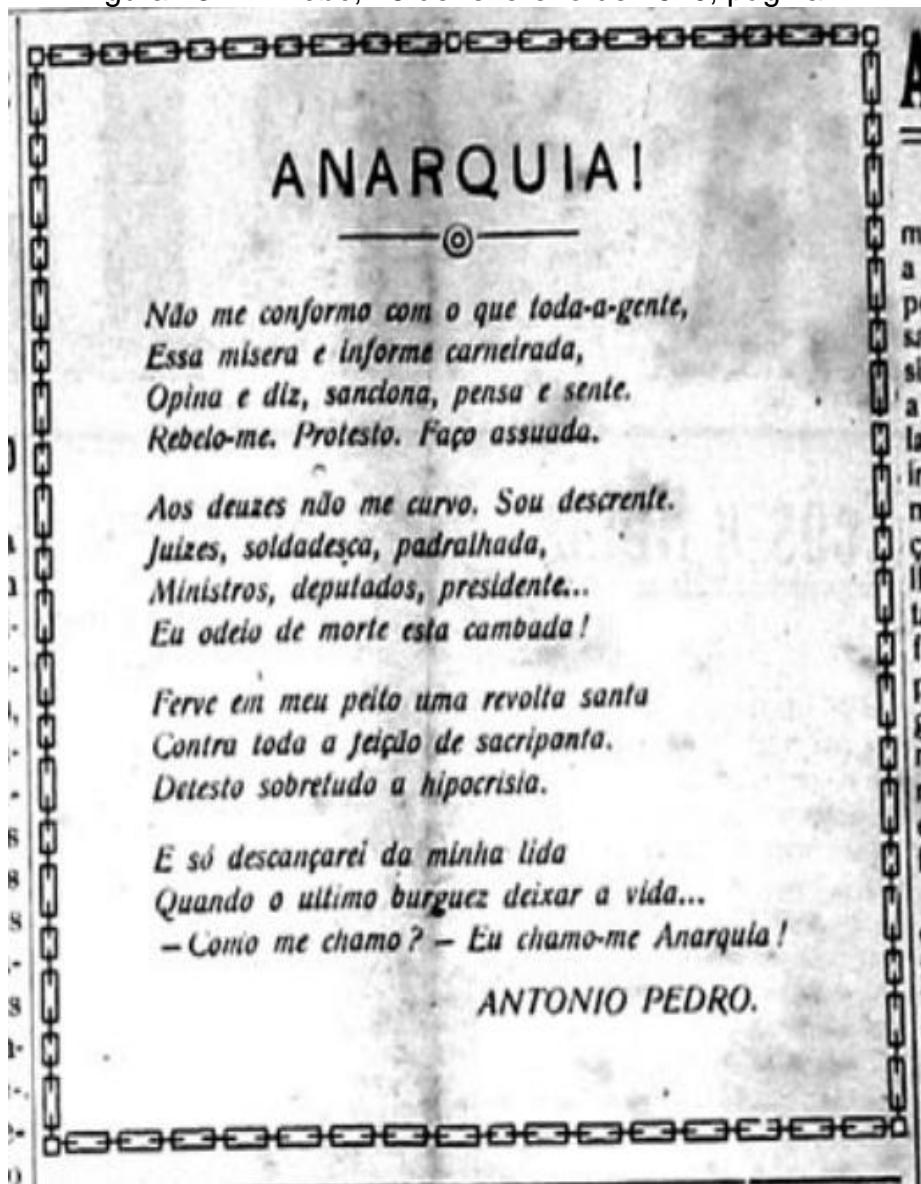
Dentro deste contexto fica claro que, as mulheres operárias trabalhavam fora porque foram forçadas pela situação de miserabilidade. A miséria gerava a ignorância, e consequentemente a maior exploração. Portanto, uma vez instruída a mulher não se sujeitaria a exploração, pois teria conhecimento suficiente para reconhecer o seu papel dentro da sociedade.

Naturalmente frágil, biologicamente mãe, a mulher instruída não devia exercer o trabalho remunerado e sim, dentro do seu templo sagrado "o lar", contribuir para a

transformação da sociedade. Somente com a "revolução", com a conquista da sociedade justa e solidária é que acabariam as diferenças, a exploração, e por meio desta sociedade igualitária, a mulher teria reconhecido o seu valor.

Não se trata aqui de criticar a representação da mulher operária pelos jornais operários anarquistas. Antes de mais nada é preciso compreender o propósito maior: mudar a sociedade como um todo. Esta era a preocupação destes militantes, inclusive das mulheres militantes anarquistas. Em um contexto com tantas desigualdades sociais, tanta miséria e exploração, as questões de gênero não estavam em pauta, a pauta era a revolução anarquista.

Figura 73 - *A Plebe*, 28 de fevereiro de 1920, página 2



Transcrição

ANARQUIA!
Não me conformo com o que toda-a-gente,
Essa misera e informe carneirada,
Opina e diz, sanciona, pensa e sente.
Rebelo-me. Protesto. Faço assuada.

Aos deuzes não me curvo. Sou descrente.
Juízes, soldadesca, padralhada,
Ministro, deputados, presidente...
Eu odeio de morte esta cambada!

Ferve em meu peito uma revolta santa
Contra toda a feição de sacripanta.
Detesto sobretudo a hipocrisia.

E só descançarei da minha lida
Quando o último burguez deixar a vida...
- Como me chamo? - Eu chamo-me Anarquia!
Antonio Pedro.

6. REFERÊNCIAS

6.1. Fontes primárias

Jornal	Data	Edição	Artigos
A Lanterna	27/02/1915	295	
A Lanterna	15/04/1916	288	A sociedade futura
			O Brazil a caminho da teocracia
			A crise e as suas causas
			Vigario que leva uma taboa e fica ranzinza
			Militarismo, Patria e Questão Social
A Lanterna	01/05/1916	289	Pela Mulher
			A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra da acção direta dos proprios trabalhadores
A Plebe	09/06/1917	1	Ao que vimos
			Igualdade e Fraternidade
			Vida Libertaria
			Acção obreira
			O pobre é um vadio!
A Plebe	16/06/1917	2	Em nome do povo, não!
			Genese das Fortunas
			Escola Moderna
			"A Plebe" é a continuação d' " A Lanterna"
A Plebe	23/06/1917	3	Hora Propicia - Mendigo
			A que vencerá

			Patricios e plebeus
			Mundo Operario
			Verdades que não se dizem
A Plebe	30/06/1917	4	A intervenção do Brazil no medonho conflicto
			O ultimo pedaço de pão
A Plebe	09/07/1917	5	O porquê das greves
			O que urge fazer. Sanear a terra
			Maravilhas da ordem burgueza
A Plebe	21/07/1917	6	Prenuncio de uma era nova
A Plebe	28/07/1917	7	Flagrante do movimento grevista
A Plebe	04/08/1917	8	Heroico despertar
			Outra da Policia - Assalto á casa de um operario
			Eco das Greves Geral - Um boletim do Comité de Defesa Proletaria
A Plebe	11/08/1917	9	Derradeiras machadadas
			A grande greve, A acção do Comité de Defesa Proletaria
A Plebe	18/08/1917	10	Epilogo da orgia burgueza
A Plebe	25/08/1917	11	
A Plebe	01/09/1917	12	As grevés. Na Lapa, Ypiranga e S. Caetano
A Plebe	08/09/1917	13	
A Plebe	15/09/1917	Supl.*	
A Plebe	22/09/1917	14	Ecos da grande greve . O assalto ao Moinho Santista
A Plebe	30/09/1917	15	
A Plebe	07/10/1917	16	O processo de Leuenroth

			Resenha de uma operaria
A Plebe	14/10/1917	17	
A Plebe	21/10/1917	18	Amor Livre
			A lógica burgueza os apuros do pária sem sorte
			Irmãos, solidariedade!
			As greves. Em São Paulo
A Plebe	30/10/1917	19	A policia, os patrões e os grevistas
A Plebe	29/03/1919	6	Na fabrica "Mariangela"
A Plebe	05/04/1919	7	Farpeando
A Plebe	12/04/1919	8	
A Plebe	19/04/1919	9	União das Costureiras
A Plebe	26/04/1919	10	
A Plebe	24/05/1919	14	A Plebe diária
A Plebe	17/06/1919	17	
A Plebe	05/07/1919	20	
A Plebe	19/07/1919	22	Irmãos trabalhadores!
A Plebe	09/09/1919	2	
A Plebe	09/09/1919	Supl.2*	
A Plebe	31/10/1919	42	
A Plebe	22/11/1919	Extra	Aos nossos amigos e assignantes
A Plebe	29/11/1919	44	Encerram as Escolas Modernas de S. Paulo
A Plebe	28/02/1920	54	A escola moderna ou racional
			União dos Operários em Fabricas de Tecidos
			Anarquia!

A Plebe	13/03/1920	56	Centro Feminino de Jovens Idealistas
			Manejos clericais
A Plebe	20/03/1920	57	Rosa Luxemburgo, a gloriosa martir
A Plebe	24/04/1920	62	
A Plebe	1920/05	64	
A Plebe	1920/05	Supl.64*	
A Plebe	07/08/1920	76	Em defesa do anarquismo
			A revanche dos cidadãos esmagados sob brutal regimen do inquilinato
Jornal	Data	Edição	Artigos
Guerra Sociale	22/04/1916	17	
Guerra Sociale	01/05/1916		
Guerra Sociale	20/05/1916	18	13 de Maio - Aos escravos modernos
Guerra Sociale	03/06/1916	19	
Guerra Sociale	17/06/1916	20	
Guerra Sociale	19/08/1916	25	Mentiras do Socialismo
Guerra Sociale	26/08/1916	26	
Guerra Sociale	20/09/1916	28	Em caso de dignidade social
Guerra Sociale	30/09/1916	29	A mulher e o militarismo
			Escursão de Propaganda. Odisseia dos colonos
			Aliança Anarquista
			Ao proletariado
Guerra Sociale	14/10/1916	30	
Guerra Sociale	22/10/1916	31	

Guerra Sociale	04/11/1916	32	
Guerra Sociale	15/11/1916	33	
Guerra Sociale	30/12/1916	34	Ao proletariado!
Guerra Sociale	14/12/1916	35	
Guerra Sociale	30/12/1916	36	
Guerra Sociale	13/01/1917	37	
Guerra Sociale	27/01/1917	38	
Guerra Sociale	20/02/1917	40	
Guerra Sociale	10/03/1917	42	La guerra europea e gli anarchici
Guerra Sociale	31/03/1917	44	A exploração da Cia. de Juta, Rua Barão de Ladario.
			'A redacção da "Guerra Social"
Guerra Sociale	01/05/1917	46	
Guerra Sociale	26/05/1917	49	Ressurgimento das ligas operarias
			Despertar obreiro
Guerra Sociale	23/06/1917	52	A bubonica social
			A unica salvação
			Illegalismo e Revolução
			Escola Racionalista Italo-Brasileira
			Grande Comizio Popolare
Guerra Sociale	07/07/1917	54	Aos anarquistas
			Motins de Mulheres, em City au Park.
Guerra Sociale	26/07/1917	55	Napoleão - Tartarin - Trepoff - Mirim. Thyrso: Os operarios foram batidos e derrotados!

Guerra Sociale	11/08/1917	56	A "crise" é feita pelos especuladores
Guerra Sociale		Supl.*	

*Suplemento

6.2. Fontes secundárias

ALDRIGHI, Dante Mendes. A segmentação no mercado de trabalho do setor industrial de São Paulo (1889-1920). **Est. Econ.**, São Paulo, V.28, N.3, P. 491-532, Julho-Setembro, 1998.

ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888 – 1988)**. Bauru, SP. Edusc, 1998.

ARENKT, Hannah. **A condição humana**, Rio de Janeiro, Editora Forense, 2000.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. São Paulo: Annablume, 2004.

BRESCIANI, Maria Stella. "O cidadão da República". IN Dossiê Liberalismo/Neoliberalismo, **Revista USP**, São Paulo, USP, n. 17, 1993.

CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. Mensuração racial e campo estatístico nos censos brasileiros (1872-1940): uma abordagem convergente Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Cienc. Hum.**, Belém, v. 4, n. 3, p. 361-385, set.-dez. 2009

CARRONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil (1877-1944)**. São Paulo: Difel, 1984.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. Texto publicado com permissão da revista **Annales** (NOV-DEZ. 1989, nº 6, PP.1505-1520. Revista Estudos Avançados 11(5), 1991.

COSTA, Emilia Viotti da, **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, São Paulo, 1979.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de, **A vida fora das fábricas; cotidiano operário em São Paulo (1920 a 1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de, **Cotidiano de Trabalhadores na República, São Paulo - 1889/1940**. Coleção Tudo é História. São Paulo, Brasiliense, 1990.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de, **Indústria, Trabalho e Cotidiano – 1889 a 1930**. São Paulo: Atual Editora, 1991. – (História em documentos).

DECCA, Salvadori Edgar, **O nascimento da História**, coleção: tudo é história nº 51, Editora Brasiliense S.A.

FERLA, Luis Antonio Coelho, tese de doutorado “**Feios, sujos e malvados sob medida, do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)**” São Paulo, janeiro de 2005. Programa de Pós-Graduação em História Econômica – FFLCH – USP.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Hollanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, 10ª Edição.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. 1988. Editora Ática S.A. - São Paulo. Coleção: Série Princípios.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis: **A trajetória de A Lanterna – Anticlerical e de combate (1901-1917)**: um lugar de memória da propaganda social anarquista. Pontifícia Universidade Católica – PUC/ São Paulo.alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14//C08010.doc

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder** - Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987. 29ª edição.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 21ª edição: 2011.

GIANNOTTI, Vito, **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. 1995. **A voz do trabalhador**: sementes para uma nova sociedade. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação. USP.

GOMES, Ângela de Castro. "A República não-oligárquica e o liberalismo dos empresários" IN SILVA, Sérgio e SZMRECSÁNY, Tamás (org) **História econômica da Primeira República**. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1996.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Genero**. Coleção História &... reflexões, 9. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GROSSMAN, Hadassa, artigo: A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária. **Cad. AEL**, n. 8/9, 1998, http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-8/Artigo-2-p69.pdf.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Florianópolis: Ed.Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

MATIAS, Avanúzia Ferreira, **Intertextualidade e Ironia na Interpretação de Charges**, Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, P. Eni, **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10ª Edição, Campinas, SP - Pontes Editores, 2012.

PAULA, Amir El Hankim de. **Os operários pedem Passagem!** A geografia do operário na cidade de São Paulo (1900-1917) Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da FFLCH. USP. São Paulo 2005. Acervo digital da biblioteca de teses da USP.

PENA, Maria Valéria Junho, **Mulheres e Trabalhadoras, presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Ed. 1. Reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 63

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890/1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In **História das Mulheres no Brasil**. Organizado por PRIORI, Mary Del, 8ª ed. Contexto, 2006.

SCOTT, Joan W., **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005. (Esta é a tradução de um paper (título original: The Conundrum of Equality) publicado pela escritora na série Occasional Papers da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Estudos Avançados –Princeton, lançado em março de 1999.)

SEGATTO, José Antonio. **A Formação da classe operária no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário**. Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Arquivo histórico de São Paulo: www.arquivohistórico.sp.gov.br

<http://www.ilhasolteira.com.br/colunas/index.php?acao=verartigo&idartigo=12853705>
46

ANEXOS

Anexo1 - A Plebe: Em nome do povo, não! publicada em 16 de Junho de 1917 em primeira página.

Em nome do Povo, não!

A Camara dos Deputados votou, por quasi unanimidade, a revogação da neutralizada do Brazil ante o estado de guerra declarado entre os governos da Allemanha e dos Estados Unidos. Apenas 3 dos deputados presentes votaram contra, sendo que um delles por julgar insufficiente o decreto de revogação da neutralidade referida; votaram a favor 136 deputados e outros declararam depois que tambem a favor votriam si estivessem presentes à hora da votação. Dentro em breve, fatalmente, esses mesmos deputados votarão a favor da entrada total do Brazil na grande guerra, e o Brazil irá formar passivamente ao lado de um dos grupos belligerantes. Ora, esses deputados, que formam o ramos mais importante do parlamente federal, affirmam representar o povo brazileiro, supondo-se eleitos por elle e agindo em nome delle. Protesto: não é verdade! Não é verdade que o povo brazileiro tenha delegado poderes quaesquer a essa réqua de salafrarios parlamentares. Não é verdade, porque a mentira do suffragio é coisa unanimemente proclamada fóra de qualquer duvida. As eleições são todas falsas o falsissimas: a imprensa o tem demonstrado milhões de vezes e são os próprios deputados que o teem confessado e provado. E mesmo que as eleições no Brazil fossem uma cousa séria e verdadeira, ainda assim os parlamentares e governantes, que neste momento decidem da entrada do Brazil na guerra, não podem legitimamente falar nem agir em nome do povo. Os proprios algarismos officiaes se encarregam de o confirmar, categoricos e irrevogaveis... Aqui tenho diante dos olhos o Volume I (territorio e população) do Anno I (1908-1912) do Annuario Estatistico do Brazil, publicado em 1916 pela Directoria Geral de Estatistica, do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. É um alentado e pojado cartapacio, in-4º com XXXII-474 paginas, de onde vou transplantar, com o maior escrupulo, os algarismos que se seguem, referentes ao anno de 1910. Nesse anno o numero de eletores, em todo o territorio do Brazil, attingia a cifra de 1.155.146. Dentro da hypothese utopica de uma eleição séria e supondo-se que os nossos governantes do legislativo e do

executivo tenham sido conscientemente escolhidos por essa massa eleitoral, poder-se-á garantir, com lisura e integridade de animo, que esses governantes representam o povo? Passo por alto os motivos de ordem qualitativa e atenho-me aos de ordem exclusivamente quantitativa, baseado nas estatisticas officiaes. Segundo estas (correspondentes sempre ao anno de 1910 e não contando o territorio do Acre, que não forma na massa eleitoral), a população brazileira subia a um total de 22.203.251 habitantes, dos quaes 11.213.912 do sexo masculino e 10.989.339 do sexo feminino. Mais ou menos metade de cada sexo. Daquelle total, o numero de habitantes em idade eleitoral, de 20 a 89 annos (excluidos os maiores de 90 annos - 91.629 - e os de idade ignorada - 110.114 -), era de 11.695.140. Como porém, só os homens teem o direito do voto e como os dous sexos entram mais ou menos em partes iguaes no total da nossa população, podemos afirmar com segurança existirem no Brazil um minimo de 5.000.000 de homens em idade eleitoral. Ora, como vimos antes, o numero de eleitores não ia além de 1.155.146... Portanto: mesmo que os eleitores activos fossem todos conscientes do voto que dão, mesmo que todos votasem mesmo que todos os votos fossem contados, mesmo que houvesse unanimidade de votos, - ainda assim os senhores do parlamento e da governança não representariam absolutamente o povo brazileiro e absolutamente não poderiam falar nem agir em nome delle. Esta é a verdade mathematica, insophismavel, indestructivel, que os interessados na farsa republicana occultam ou mascaram, que os illudidos da utopia democratica desconhecem e que é necessario deixar bem patente, á luz causticante deste sol dos tropicos...

Bazilio Torrezão.

Jurujuba, 10-6-917

Anexo 2 - A Plebe: Resenha de uma operaria. A lógica burgueza - os apuros do pária sem sorte. Publicada em 21 de outubro de 1917, página 2.

A lógica burgueza - os apuros do pária sem sorte

Se o pária procura trabalho, não lhe toleram a presença; na porta já elle encontra a tableta com o arrogantes dizeres: "Não se precisa de operários."

Se, resignado, não possue a virtude que todos os homens deveriam possuir, - o amor proprio - estende a mão á caridade. Mas, os corações philantropicos são raros; e a civilização não tolera o triste espetaculo que proporciona a mendicidade.

Enveredar pelo caminho de aventuras nocturnas... repugna a consciencia do homem honrado e trabalhador. E demais, a lei, neste caso, é inexoravel...

Logo, o unico recurso para o homem sem trabalho, exgottado o credito e ameaçado de despejo ou penhora pelo senhorio da casa, é... suicidar-se!

E os que têm demasiado instincto de conservação, para tirar-se a vida dum modo brusco, que se acocorem a um canto, que a fome se incumbirá da tarefa... e depois, terá no céo o goso eterno!

Ainda ha poucos dias a chronica dos diarios narraram o facto de um desesperado matar a mulher e quatro filhos, e suicidar-se em seguida.

Resolveu elle, assim, a sua situação de desempregado sem credito e ameaçado de despejo pelo senhorio da casa que lhe era indispensavel para o seu abrigo...

Factos dessa natureza acontecem a meúdo. E assim, vemos velhos e moços suicidarem-se por não encontrarem trabalho!

Oh!.... Até quando o nosso egoísmo nos levará a sustentar esta sociedade?!

ISA RUTTI

Anexo 3 - A Plebe em 05 de abril de 1919, página 2

Farpeando

A poder de noticias ou à custa de habilidades de imaginação, o que bem a ser o mesmo, os calumniadores dos maximalistas, a bom soldo ou por idioticez fazem circular, agora, pelos jornaes, um pretenso codigo de amor livre decretado por um Soviet de não se sabe aonde e que deve ser um Soviet ambulante, porque muda de logar todos os dias, escolhendo, geralmente, villas desconhecidas para os proprios russos, ou - e isso é o mais pandego da historia toda - que se acham em poder dos aliados ou dos aliados destes...

Para acabar, porém, com todas as duvidas, à ultima hora, arranjaram para que esse codigo viesse a ser decretado por Club Anarchista de Samara. Assim, ninguem mais o porá em duvida. Porque se existe Samara, ha de existir tambem um Club Anarquista; logo, existindo Samara e o Club Anarchista, ha de existir fatalmente umCodigo de Livre Amor, como hão de existir jornalistas bestas que o levem a sério.

E foi de Samara que um jornalista francez subtrahiu um exemplar, com muita despeza e muito sacrificio, enviando-o a um jornal parisiense, jornal que tem a primazia nas informações sobre as coisas da Russia, tanto que ja um dos seus redactores poude, não ha muito tempo, notificar a quantia que o kaiser pagava a Lenine para que fizesse uma revolução que, alastrando-se, acabaria por o mandar cultivar orchideas na Hollanda.

Mentira puxa mentira, e os desmentidos ficam por isso mesmo. O que importa e calunniar.

Portanto, em Samara dominam os anarquistas. Nos telegrammas officiosos isso não consta. Até, obedecendo aos telegrammas, é difficil descobrir a quem a cidade hoje pertence e se a um governo autonomo social-burguez, se aos cossazes que ficaram fieis ao czar, se aos restos de algum exercido libertador, mais ou menos tzeco-sloveno, se aos aliados por interposta pessoa, ou se, de facto, aos maximalistas, que a perderam uma duzia de vezes.

Mas tudo isso não quer dizer nada e não merece discussão.

O essencial é que em Samara haja um Club Anarchista que decrete... tolices pela bocca do correspondente de um jornal francez.

Evidentemente, aquelle codigo foi feito em Paris, pelos mesmos individuos que forjam todos os dias os telegrammas da Russia. E foi feito com muita imperícia. Confundiram affirmações doutrinarias, considerações geraes, trechos de regulamento sobre prostituição, com tudo o que lhes suggeriu a sua educação pelos bordéis da cidade-lampião...

Confundil as, rejeital-as? Para que?... E depois... Oh! eu não quero ir encontro a opinião publica feita pelas freiras e pelas senhoras honradas. Não: eu não quero contrariar todas as moças de boa sociedade, todas as mães e as esposas virtuosas que frequentam, de manhã, as igrejas que possuem duas ou tres sahidas. Não, eu não quero ser amaldiçoado por todas as filhas de Maria, por tudo que ha de mais casto, lyrial, pudico, santo, elevando no meio da geração elegante do sexo feminino que vive na nossa urbe uma vida muito activa... Porque logo que os jornaes publicaram aquelle codigo, dessa turma pintada e perfumada, partiu um grito unisono, em que se mesclaravam vozes de soprano e de contralto, um grito unico, poderoso, triumphal: "Vamos para Samara!"

SIMPLICIO

Anexo 4: A Plebe, 21 de outubro de 1917, página 2

Amor livre

I

Virgens: erguei o olhar que as sombras do convento
acostumou a andar cerrado para a luz.
Deixar um instante só os extasis de cruz,
e enchei-vos deste sol que brilha turbulentos,

Virgens: deixae o altar e o solo poeirento
e o frio sepulchral da casa de Jesus,
e vinde, erguida a frente e os lindos seios nus,
para que o sol vos beije e vos abrace o vento.

Deixae na cella austera a timidez do olhar
e vinde para a vida a rir e a cantar
os canticos de amor, de força e de belleza.

Vinde gosar a vida em toda plenitude
e não fazeis assim a vossa juventude
com sonhos infantis duma banal pureza.

II

A virgindade é quasi um crime. Cada seio
deve florir num ser tal como a terra em flores.
Vencei o preconceito e os falsos vãos pudores
em que vos abysmaes num subitaneo enleio .

Dae-vos altivamente aos beijos, sem receio.
Vida, gerae a vida e procuraes amores.
Gloria ao túrgido peito! Honra ás maternas dores!
Honra ao ventre da mãe abençoado e cheio!

Como na antiga Grecia estheta, rediviva,

ó virgens, desnudae a vossa carne altiva
e fecundae, apôs, num sopro de energia.

E vós, homens do amor, e vós que a desejaes,
arrancae-lhes da fronte as dores virginæs,
beijae as livremente á grande luz do dia.

Coriolano Leite.

Anexo 5 - A Lanterna, 1º de Maio de 1916, página 3 (página 150).

"Pela Mulher

A. Maria Fego

I

Grande foi, grande é e grande será sempre a influencia da mulher no futuro da Humanidade. Inutilmente teem pretendido apresenta-la como um simples instrumento de prazer, como coisa frivola, manejavel e utilisavel á vontade, subordinada sempre ao capricho do homem e objecto de comentarios sardonicos, de vituperios sem limites e de absurdas apreciações. A mulher, em geral, pela sua bondade, pela sua ternura, pelos seus dotes naturais, pelos seus sacrificios, pela sua abnegação, tem dominado; e eu, referindo me ao progresso solapado de certos elementos, que, oficialmente, em determinados paizes, aparecem como vencidos e são na realidade os vencedores, trarei á coleção uma anedota: a daquele soldado que gritando, em pleno combate, que tinha um prisioneiro, respondia á ordem do capitão de que o conduzisse á sua presença, "que não podia efectua-lo, porque o prisioneiro o detinha a ele". Pois bem: esta anedota tambem possue aplicação aos que negam importancia, capacidade e influencia da mulher. Aqueles homens que teem discutido e negado estas condições ás nossas companheiras, são, apesar de todos os seus impulsos de masculinidade, os fieís criados e admiradores da mulher. A mãe, a esposa, a filha, a noiva, a irmã, "decretam" quando expressam um pensamento, uma solicitação, um desejo. E os rudes, os miseraveis, nas suas complacencias, merecendo o qualificativo que, em plena camara dos deputados, lhes aplicou, o dr. Luiz Melian Lafinur, a quantos vitima das maquinações de gentes arteiras, depõem os seus ideais e os atraiçoam, quando uma mulher se intromete em tal sentido...

Reconhecida a valia indiscutivel da mulher, impõe se o cooperar para a sua maior consciencia e força. A instrução ampla, amplissima, baseada nos fenomenos naturais, de aplicação científica, demonstravel até á evidencia, constituiria o grande factor da emancipação da mulher e da sua intervenção directa e decisiva nos destinos da Humanidade. Instruida, a nossa companheira resulta-o por completo. Não a iludem patranhas, nem adora fetiches. O seu templo é o lar. O altar em que

oficia, é dos afectos puros, legítimos, sagrados, porque nascem, vivem e se desenvolvem debaixo do imperio do amor. Não ignoro que estas tendencias preocupam e atemorizam os chamados conservadores. "Os tempos vão maus", asseguram eles. E eu nego a afirmação, e nego, como é lógico, as consequencias. Os tempos a cada dia são melhores, porque são mais humanos. Paralelamente ao afan de emancipação da mulher, vão se reduzindo os odios, eliminando-se. As liberdades acercam os povos, unem as famílias, suavizam relações, tornam amavel a existencia. O progresso ideologico equivale ao progresso humano. Hoje mesmo, em plena guerra, sabemos, não obstante o ferreo julgo militarista - que impulta e se impõe ás multidões - e apesar dos erros de certos homens, que os povos começam a demonstrar o seu descontentamento pelas brutais contendas, os vencedores cuidam dos feridos vencidos, e foi preciso impedir, recentemente, os soldados beligerantes, de que, durante as horas de suspensão de hostilidades, exteriorissem, acercando-se, as ancas de confraternidade.

Não ha muito, presidia eu a uns exames na escola publica da colonia suissa, da republica do Uruguay. A' minha direita, tinha o cura catolico, á minha esquerda estava o pastor protestante. Durante os exames, alguém tinha insinuado que os tempos eram maus, devido ao avanços das doutrinas progressivas. Ao encerrar o acto, levantei me comovido, emocionado de verdade. E falei ás crianças "Os tempos não são maus; os tempos são bons, lhers disse. Vêde um exemplo. Aqui estamos sentados tres homens de idéias opostas, que marcamos tendencias em aberta luta: o catolicismo, o protestantismo e o livre pensamento unido á democracia social. A liberdade de pensamento, conquistada com espantosos sacrificios, permite que os tres nos agrupemos debaixo das leis da paz, da sciencia, da tolerancia, da instrução". Nos seculos anteriores os homens despedaçavam-se quotidianamente para impôr as suas respectivas religiões. Hoje, os homens lêem, discutem, aprendem juntos; as vinculações sociaes, as vinculações de familia, as vinculações do comercio, as da industria, e ainda mesmo as da sciencia, manteem se a despeito da distinta maneira de pensar. A guerra actual não pe guerra de religiões, embora o ambiente que a preparou seja filho da estructura crente, dominadora, egoista, dos governantes burguezes que a fomentam, acrecentando os odios patrioticos e os elementos belicos.

Hontem, uma religião perseguiu Harvey por sustentar que o sangue circulava. Outra religião queimava, por igual motivo, a Miguel Servet. Hoje, os crentes das duas,

aproveitam as descobertas, as verdades que proclamaram as vitimas de ambas as igrejas; e, á sombra da arvore santa que os martires regaram com o seu sangue, descançamos gregos e troianos, proseguindo depois no caminho do adiantamento, na senda da confraternisação, dirigindo-nos, como passo seguro, a despeito dos sorrisos ironicos dos inconscientes e dos ares de importancia e das frases estudadas dos nossos adversarios, ao triunfo mais grande dos anelos: o da federação dos povos, que já se vão federando espiritual, economica e socialmente, embora os governos queiram resolver os grandes problemas da actualidade por meio de guerras, numa época em que marcam mui diferentes caminhos a sciencia e a razão, em que, pela senda da solidariedade, marcham as aglomerações de produtores conscientes, plétoricos de rebeldia e repletos de anelos de justiça.

E a mulher contribui, contribue e contribuirá para a grande obra, porque o seu natural modo de ser a inclina para o bem. Hontem, era a mulher mistica, ou a mulher heroína nos campos de batalha. Incitavam-na a rasgos contrarios á sua indole, ao seu sexo, á missão que possue. Hoje, não é mistica, na sua maioria; é a heroína, porém a heroína do lar, a heroína da sciencia, a heroína da liberdade, a heroína do trabalho e a heroína de equitativas reivindicações. Ela, á medida que estuda, á medida que consegue tornar-se independente das subordinações em que muitos se empenharam e ainda se empenham em sustenta-la, destaca se nas lutas, por grandes, por sublimes ideais. Não permanece recolhida, egoisticamente, em si propria, entregue ao pensamento unico da sua pessoa. Vive pela humanidade, no afam purissimo do bem estar geral, sentindo bater no seu coração perante as intensas dôres da especie, expressando generosamente pretensões no campo da investigação, admirando e estimulando o mestre que, no mundo dos fenomenos naturais, desentranha o que ha oculto para aplicar ao melhoramento comum, compreendendo que o homem necessita de um ideial para se diferenciar das bestas e julgando que esse ideial tem de ser nobre, sincero, francamente exposto, valentemente defendido.

Adolfo Vazquez Gómez"